

*Academia Saltense de Letras*

# **ESCREVER O TEMPO, POETIZAR A PASSAGEM**

Esta obra foi produzida com recursos da Lei Aldir Blanc.

© 2025 Copyright dos autores, representados pela Academia Saltense de Letras (ASLe).

Coordenação Editorial: Pontes Editores

Revisão: Jéssica Rodrigues Antunes Rosa

Capa: Gatil Comunicação & Marketing

Capa criada a partir de xilogravura de Nazareth Silvério de Oliveira (101 anos).

As ilustrações que compõem esta obra foram produzidas no Grupo Renascer de Salto, presidido por Zilá Papes Ferron, a partir de oficinas de leitura, ministradas por Fabiano Ormaneze (ASLe), e de ilustração, conduzidas pelas arte-educadoras Luciana Taniguti Bertarelli e Beatriz Machado Campolim (Xilomóvel, Campinas, SP).

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo – SP)

Bibliotecário Pedro Anizio Gomes CRB-8/8846

---

A168e Academia Saltense de Letras.

Escrever o tempo, poetizar a passagem / Academia Saltense de Letras.

1. ed. – Campinas, SP : Pontes Editores, 2025.

ISBN 978-85-217-0852-0

1. Crônicas. 2. Literatura Brasileira. 3. Poesia. I. Título. II. Assunto. III. Academia Saltense de Letras.

---

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Outras linguagens que não as escritas e faladas – Linguagem de sinais. 419

2. Literatura brasileira: poesia / prosa. 869.91

3. Literatura brasileira: crônica. 869.9308

Todos os direitos desta edição reservados a Pontes Editores Ltda.

Proibida a reprodução total ou parcial em qualquer mídia sem a autorização escrita da Editora.

Os infratores estão sujeitos às penas da lei.

A Editora não se responsabiliza pelas opiniões emitidas nesta publicação.

PONTES EDITORES

Rua Dr. Miguel Penteadó, 1038 - Jd. Chapadão

Campinas - SP - 13070-118

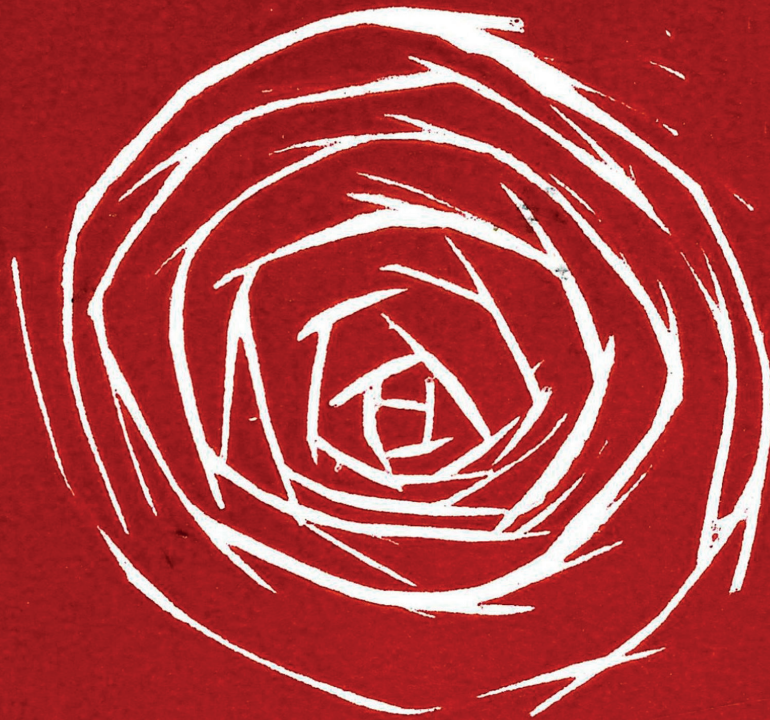
Fone 19 3252.6011

ponteseditores@ponteseditores.com.br

www.ponteseditores.com.br

Impresso no Brasil - 2025

*Academia Saltense de Letras*



**ESCREVER O TEMPO, POETIZAR A PASSAGEM**



Pontes



# Sumário

<b>Apresentação.....</b>	<b>9</b>
<b>Tempo para o deleite!.....</b>	<b>13</b>
Marco Ribeiro	
<b>Colapso.....</b>	<b>17</b>
Anna Osta	
<b>O tempo entrelinhas.....</b>	<b>21</b>
Mércia Falcini	
<b>Origens.....</b>	<b>25</b>
Wilson Roberto Caveden	
<b>Somos nós que existimos no tempo ou é o tempo que existe em nós?.....</b>	<b>31</b>
Mônica Dalla Vecchia	
<b>Do tempo ao sentido.....</b>	<b>37</b>
Antônio Oirmes Ferrari	
<b>Chronos.....</b>	<b>41</b>
Toni Tordevelli	
<b>As pegadas e os dias.....</b>	<b>45</b>
Antonio Valini	
<b>O dia em que eu descobri que tempo e idade não existem.....</b>	<b>49</b>
Anita Liberalesso Neri	
<b>Escrever o tempo.....</b>	<b>57</b>
Augusto Gasparini Filho	

<b>Tempus fugit</b> .....	65
Chico Garcia	
<b>Natureza morta</b> .....	69
Katia Auvray	
<b>Tempo com significado de saudade</b> .....	73
Maria Christina Noronha Liberalesso	
<b>Abrindo minha janela</b> .....	81
Cynara Lenzi Veronezzi	
<b>Viagem no tempo</b> .....	85
Cristina Maria Salvador	
<b>O tempo dele</b> .....	91
João Milioni	
<b>Passagens e mutações do tempo</b> .....	97
Décio Zanirato Jr.	
<b>Considerações sobre o tempo</b> .....	103
Francisco Antônio Moschini	
<b>Reminiscências natalinas</b> .....	109
Ana Carolina L. A. Wiggert	
<b>O tempo é humano</b> .....	113
Rafael Barbi	
<b>Memórias rebobinadas de Serafim Nascimento</b> .....	119
Jean-Frédéric Pluvinage	
<b>No tempo do Velhinho - Segurei nas mãos do tempo</b> .....	123
Valter Berlofa Lucas	
<b>Violenta, flor de ir embora</b> .....	129
Raquel de Toledo Camargo Ferraro	
<b>Resposta ao tempo</b> .....	135
Jorge Duarte Rodrigues	

<b>O muro que guardava o tempo.....</b>	<b>139</b>
Eloy de Oliveira	
<b>Tem pó?.....</b>	<b>149</b>
Fabiano Ormaneze	
<b>“...e o passado é uma roupa que já não serve mais”.....</b>	<b>153</b>
Leandro Thomaz de Almeida	
<b>As dúvidas da humanidade no tempo.....</b>	<b>159</b>
Andrade Jorge	
<b>Aliada do tempo.....</b>	<b>165</b>
André Palhardi	
<b>Em poesia a gente diz.....</b>	<b>171</b>
Núbia Istela	
<b>Inventário do nada.....</b>	<b>177</b>
Rose Ferrari	
<b>A anatomia do tempo.....</b>	<b>181</b>
Marilena Matiuzzi	
<b>Sociedade de São Vicente de Paulo: valioso patrimônio de Salto .....</b>	<b>185</b>
João Marcos Andrietta	



# Apresentação

Toda antologia é um gesto de permanência. Um modo de dar forma ao tempo que nos atravessa, à memória que resiste e à palavra que insiste em permanecer. Esta, que agora chega ao leitor, é mais do que uma simples reunião de textos, é o resultado de um processo coletivo, delicado e potente, tecido por múltiplos gestos e vozes.

O tema que conduz esta obra, o tempo, foi escolhido por votação entre os acadêmicos da Academia Saltense de Letras (ASLe), num exercício democrático que reafirma o espírito vivo e plural da Academia. Entre tantas possibilidades, prevaleceu o tempo, elemento invisível que estrutura nossa experiência, atravessa a linguagem, molda as perdas, as permanências e as esperanças. Tempo da vida que pulsa, do instante que escapa, do passado que ecoa, do futuro que desafia e do presente que se escreve.

Com o tema definido, a coletânea foi apresentada como uma das ações culturais da ASLe ao edital Cultura Viva, no âmbito da Lei Aldir Blanc, e, felizmente, contemplada. Graças a esse incentivo público, esta antologia ganhou corpo, respiro e desdobramentos.

Dentre eles, destacam-se duas oficinas realizadas com o Grupo Renascer, formado por pessoas da terceira idade. Na primeira, a oficina de leitura, os textos dos acadêmicos foram lidos e partilhados em roda, numa experiência de escuta, afeto e memória, conduzida pelo acadêmico Fabiano Ormaneze. A palavra lida ali não ficou no ar, criou raízes.

Na sequência, foi realizada a oficina de ilustração, em que cada texto, já sentido e comentado, tornou-se imagem. As 33 produções da coletânea foram ilustradas em xilogravura pelos mesmos participantes da leitura, com a orientação de artistas do grupo de xilogravura de Campinas.

A xilogravura é uma técnica milenar de impressão, em que a imagem nasce do entalhe da madeira. Cada corte abre um sulco definitivo, que permanece mesmo depois da tinta e do papel. É um trabalho lento, manual, marcado pela repetição e pela espera — por isso dialoga tão de perto com o tempo. Tal como a literatura, a gravura fixa um instante para além de sua criação, transformando gesto em memória e matéria em permanência.

A organização do livro segue a ordem das cadeiras da Academia, sem distinção de gênero literário. Poesias, contos, crônicas e ensaios se entrelaçam como o próprio tempo, difuso, múltiplo, indivisível. Das 40 cadeiras da ASLe, 32 estão aqui representadas, além do texto do acadêmico emérito João Marcos Andrietta.

A coordenação dos trabalhos de escrita ficou a cargo da escritora e acadêmica Anna Osta, que, com a mesma dedicação que já demonstrou em outras edições da coletânea, acompanhou cada autor com escuta atenta, estímulo sensível e orientação cuidadosa. Sua presença firme e discreta foi essencial para que cada texto ganhasse forma sem perder a voz singular de quem o escreveu, fundamental para a coesão e a beleza do conjunto.

Esta obra é, assim, testemunho de um tempo vivido em comum, de uma Academia que pulsa em sua cidade e de escritores que, ao escreverem sobre o tempo, falam de si e de todos nós.

A quem nos lê, desejamos uma travessia fértil por estas páginas. Que nelas o tempo se revele, com seus silêncios, suas marcas e seus clarões.

**Marilena Matiuzzi**

**Presidente da ASLe**



*“O tempo da poesia era acordar com  
cheiro de café preparado pela avó  
materna às cinco horas da manhã.”*



**Regina Aparecida Conceição Braz**

# *Tempo para o deleite!*

*Marco Ribeiro*

## **Parte I**

Há algumas semanas, li um texto que refletia sobre o tempo da poesia, uma leitura daquelas que incomodam no bom sentido, deixa a gente reflexivo. Confesso ao amigo leitor e à amiga leitora que não sou um bom apreciador de poesias, talvez por não saber ler com a dedicação que tal arte merece. Dedicação e tempo. Admiro quem escreve, mas admiro também quem declama, quem lê com aquela emoção que parece que o próprio autor está ali encenando seu trabalho. Para que essa beleza aconteça, é necessário tempo.

O mundo contemporâneo é um sugador de tempo. Olho para meus filhos e vejo que estão prestes a completarem seis anos de vida. Mesmo sendo um pai atencioso e completamente presente na vida deles, paro e penso: “quanto tempo passo sem as crianças?” Ou “há quanto tempo não consigo sentar e apreciar uma música meditando em sua letra ou melodia?” “Há quanto tempo não passo horas lendo um romance, ou lendo reflexões filosóficas?” “Há quanto tempo não faço simplesmente nada, apenas apreciar o ócio?”

Pois é... Qual é o tempo da poesia?

Isso é muito individual. Para mim, o tempo da poesia era quando ligava para minha mãe todos os dias no horário do almoço e conversávamos sobre tudo; quando morávamos juntos e sentávamos para conversar enquanto ela preparava a janta. O tempo da poesia era acordar com cheiro de café preparado pela avó materna às cinco horas da manhã, ou deitar em seu colo quando criança para assistir TV, conversar e escutar suas histórias.

Há poesia também na casa da avó paterna, quando prepara a mesa de café da tarde com goiabada derretida para passar no pão. Poesia quando tios, pais, filhos e primos se reúnem para jogar cartas no quintal da vó. Também se manifesta nas garrafas de vinho com os cunhados durante uma longa prosa e risadas, ou no copo de chopp com amigos. Outra grande poesia é a criançada correndo e brincando pela casa. Também está no tempo que passo com minha esposa conversando sobre a vida. Enfim, na verdade, é tudo isso apenas o que importa.

## Parte II

Há algum tempo, enquanto rolava a página inicial do *Instagram*, me deparei com uma imagem interessante. Era uma sequência de quadrinhos, e o primeiro deles estava escrito “salão para a beleza interior”. Os próximos mostravam algumas escadas rolantes que levavam para vários departamentos, como cinema, teatro, biblioteca e museu; em comum: todos importantes aparelhos culturais que são fundamentais para a sociedade, elementos que aliviam a alma, aquecem o coração e servem mesmo para a beleza interior.

Recentemente, uma pesquisa do Instituto Datafolha e da Fundação Itaú Cultural apontou um dado motivador para quem trabalha com Cultura: “[...] para 61% das pessoas entrevistadas, a Cultura consegue, ainda, diminuir estresse, tristeza, ansiedade e solidão. A maioria também vê efeitos positivos das atividades culturais nas relações em casa e no trabalho” (Trecho extraído da página do *Facebook* do Ministério da Cultura).

Ao mesmo tempo que o dado é motivador, expõe um desafio: é preciso, cada vez mais, que instituições públicas ou privadas invistam na Cultura como ferramenta que pode até mesmo melhorar a saúde mental das pessoas.

Movimentos culturais, festas e as diversas linguagens do setor têm o poder de transcender e nos levar a um lugar outro no momento em que determinada atividade está sendo realizada, ou mesmo apreciada, pelo deleite. No segundo semestre do ano de 2023, participei de um curso sobre Miguel Dutra (artista ituano) promovido pelo Museu Republicano de Itu. Procurei fazer o curso motivado por estabelecer uma possível conexão entre o artista e a cidade de Cabreúva. Chegando na primeira aula, encontrei um amigo que há tempos não via. Perguntei-lhe o que o teria motivado a fazer aquele curso, quando me veio a resposta: apenas pelo deleite.

Ele não sabe como aquilo me impactou e trouxe-me uma reflexão: a Cultura é também um ato de se permitir deleitar-se, de viver aquela experiência sem a necessidade prática e/ou imediata de uma funcionalidade, apenas pelo prazer. É preciso, principalmente ao se tratar de atividades culturais e/ou lazer, romper com o utilitarismo ao desenvolver determinadas ações. Explico: nossa sociedade, marcada pelo capitalismo, falta de tempo e “prioridades” – geralmente vinculadas a atividades da vida prática, como o trabalho –, passa-nos a sensação de, se estamos em um momento de lazer, usando o ócio, estamos “perdendo tempo”.

Quantas vezes, amigo leitor e amiga leitora, você está sentado(a) em um sofá lendo um jornal ou mesmo lendo um livro, apenas pelo prazer, passa alguém e pergunta: “o que está lendo? Por que está lendo isso?” Tais questionamentos não são com a real intenção de desmerecer sua atividade, são perguntas sem pretensão, porém, típicas de uma sociedade marcada pelo útil.

“Somente vou ler esse texto pois estou trabalhando nesse assunto”.

“Vou em certo museu pois estou estudando o tema”.

“Aquela peça de teatro trata do assunto do meu trabalho acadêmico”.

As frases em destaque são partes do nosso cotidiano, mas tais atividades não precisam ser vistas somente sob a ótica do trabalho, do útil. Qual nosso tempo para ócio? Ou assistir a um filme sem pretensão? Escutar uma música somente na meditação da letra e melodia. Ver uma apresentação teatral, dança ou show pelo prazer que aquilo traz para a alma, ou seja, pelo puro e único objetivo do deleite.

Como meu amigo mencionado neste texto, por que não fazer um curso pelo deleite? É possível obter um conhecimento sem as amarras das necessidades práticas. Na verdade, meus amigos e amigas, é necessário. Agora, vou compartilhar um segredo: é por isso que mantenho o “Dedinho de Prosa”, uma coluna semanal no *Jornal Primeira Feira*, pelo prazer pessoal, pelo deleite. É por isso também que jogo videogame, leio HQs, assisto anime ou estudo arte sacra. Pelo deleite. Claro, há outros assuntos que fazem parte do meu trabalho, mas é preciso separar um pouquinho as coisas.

Quero convidar a todos para se deleitarem em coisas que lhes fazem bem. Usem e abusem do ócio, dediquem tempo a ele. Faz muito bem para a alma!

Transformemos o tempo em poesia!

**Marco Ribeiro** (Cadeira 1 – Patrono Ettore Liberalesso): é professor, historiador, gestor público e cronista. Membro da ASLe desde 2017. Colabora com crônicas para o site da ASLe e o *Jornal Primeira Feira*, além de ser um dos organizadores do livro *Lugares da memória* (2020). Dedicar-se à pesquisa em História Local, Patrimônio Cultural e Educação Patrimonial, temas que também permeiam sua atuação docente e de gestor público como Secretário de Cultura, Turismo e Patrimônio Histórico em Cabreúva.

*“Se o corpo estava colapsado, por sorte a mente ainda se mantinha lúcida.”*



**José Maria dos Santos**

# Colapso

*Anna Osta*

Acordou, naquela manhã, com a garganta seca.

Tentou engolir um pouco de saliva para amenizar o desconforto, mas de nada adiantou. “Preciso parar de fumar”, pensou ele com seus botões, e imediatamente refutou esse pensamento em voz alta, como se dialogasse com alguém:

– Que nada! Preciso é beber mais água.

“Isso mesmo”, ele concordou consigo mesmo em pensamento, “me hidratar melhor”. E, depois de alguns décimos de segundo, acrescentou àquela decisão mental “e também me exercitar mais. Só de fazer isso, já vou, forçosamente, beber mais água”. Refletiu alguns segundos em silêncio sobre essa decisão e concluiu mentalmente “Resolvido. Vai ficar tudo bem!”. E, com algum esforço, levantou-se da cama, dirigindo-se ao banheiro.

Naquele curto trajeto, de apenas algumas passadas, lembrou-se da noite anterior com uma leve pontada no topo da cabeça, e outro pensamento atravessou-lhe a mente: “Se eu bebi demais ontem à noite, por que estou com a garganta tão seca?”.

– Pare de botar minhoca na cabeça – falou, mirando-se nos olhos do reflexo que o espelho exibia.

Automaticamente, abriu a água da torneira da pia, abaixando a cabeça para tomar um bom gole direto da bica. Tornou a mirar-se no espelho. “Estou um caco”, pensou ele. “Já não tenho mais fígado pra isso”. As bolsas salientes debaixo dos olhos comprovavam que seu organismo enfrentava certa dificuldade em metabolizar o teor etílico com a eficiência de antigamente. A luz tênue da luminária do banheiro não permitiu que observasse também a icterícia se espalhando sob a pele, amarelando sua tez outrora alva. Acariciou o rosto, avaliando os pelos da cara, em dúvida se iria se barbear hoje, ou não. Alguns pontos duros espetaram seus dedos calejados, e achou por bem fazer a barba.

Minutos depois, afastou a cortina de plástico do box e abriu as duas torneiras do chuveiro, misturando a água vinda da rua com a água da caixa, deixando que o fluxo escorresse para o ralo por poucos segundos. Na sequência, como em uma coreografia de balé bem ensaiado, testou no dorso da mão a temperatura da água. “Agora, sim”, pensou sorrindo, “nem gelada, nem quente demais, mas do jeito que eu gosto!” – e avançou para dentro do box.

Por alguns minutos, apenas deixou o farto jato de água cair no topo da cabeça e escorrer pela lateral do corpo até o tapete emborrachado, fixado no piso por ventosas que preveniam um eventual escorregão. Era muito boa a sensação do contato da água em seu corpo, e ele fechou os olhos para aproveitar melhor o momento, desejando ficar ali para sempre.

Porém, de repente, sem mais nem menos, uma náusea subiu como labaredas por seu esôfago, queimando-o internamente, e o mundo todo pareceu girar. O gosto de bile explodiu em sua boca e a tontura piorou, forçando-o a buscar apoio com as mãos na parede...

“Que porra é essa?”, pensou, antes de sentir uma sombra escura envolvê-lo, fazendo-o desabar como um tijolo no piso frio.

Passado algum tempo, que ele não sabia precisar, abriu os olhos e recobrou a consciência. Uma água fria agora caía do chuveiro, mantendo seu corpo gelado, e ele sentiu-se preso ao próprio corpo. Uma tensão permeava o ambiente diante de sua dificuldade para respirar. Não conseguia se mexer, nem levar uma quantidade suficiente de ar aos pulmões. Ficou em pânico! Sozinho em casa, caído no chão do banheiro que dava para o quintal e, ainda que conseguisse gritar, o barulho da água do chuveiro impediria que alguém na rua ouvisse seu pedido de socorro.

Procurou se acalmar, apesar das circunstâncias. Precisava pensar no que fazer e em como fazer, para poupar forças, mas ser efetivo. Se o corpo estava colapsado, por sorte a mente ainda se mantinha lúcida. “Feche a água”, ouviu uma voz em sua cabeça dar o comando, e esforçou-se para levar a mão direita até os registros hidráulicos, girando-os com bastante dificuldade.

O barulho cessou, e tudo ficou imerso em um silêncio estranho – o silêncio que precede acontecimentos repentinos, imprevisíveis e indesejáveis. Sem saber por quê, ele se lembrou da viagem que fizera a trabalho para a África do Sul, anos atrás, quando fora enviado pela Associação de Criadores de Cordeiros para selecionar animais da raça Dorper, que seriam vendidos em um megaleilão no Brasil.

Lá, os criadores o levaram para um safári no Parque Nacional Addo Elephant, em Port Elizabeth. Disseram que ir à África e não visitar os elefantes era o mesmo que ir a Roma e não ver o Papa. Achou a comparação esdrúxula, mas, como técnico em veterinária, acreditou que era uma oportunidade única na vida, daquelas que acontecem uma vez em milhões. Durante o passeio, de repente, um elefantinho se incomodou com os intrusos e ergueu sua tromba contra eles, atraindo a manada. Numa fração de segundos, o chão todo tremeu e um monte de elefantes enormes correu na direção deles. Ele pensou que a vida era mesmo transiente, e tudo podia terminar ali. Então, o *ranger* – guia do grupo e motorista do carrinho do parque, saiu em disparada pelo caminho oposto da manada.

Agora, caído e imóvel no chão do banheiro de casa, ele se lembrava da taquicardia e do medo que sentira naquele dia ao se deparar com tamanha força da natureza. Seria um lembrete do inconsciente sobre sua insignificância diante da imensidão do universo?

Uma baba escorreu da sua boca, num lampejo de realidade, e ele foi trazido de volta para o momento presente. Sentiu a língua grossa, como que estufada, escapando-lhe para fora da boca. Recolheu a língua, comprimindo-a contra o céu da boca, e fechou os lábios, a fim de forçar a respiração pelas narinas. Tinha que oxigenar melhor o cérebro!

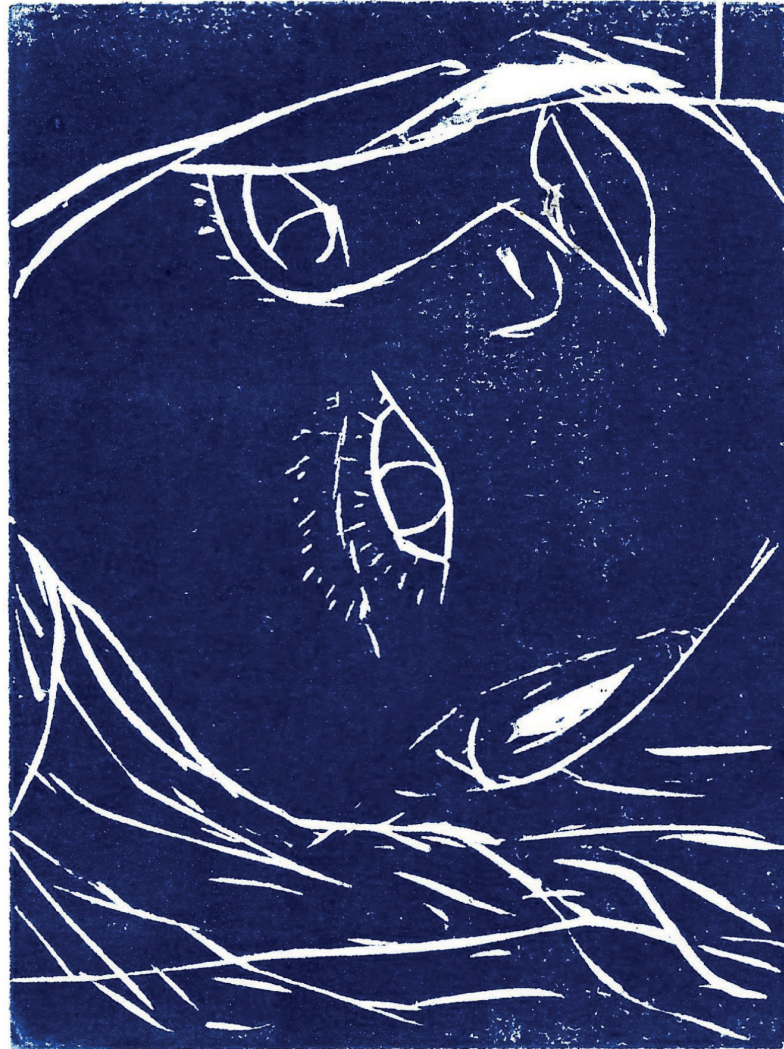
Fez uma rápida avaliação da situação. Precisava sair dali, aquecer o corpo gelado e, sobretudo, comer alguma coisa. “Quando foi mesmo que joguei alguma comida nutritiva dentro do estômago?”. Lembrava-se de ter comido batatas fritas com *catchup* enquanto bebia com os amigos na noite de ontem, entre uma baforada e outra. Só que ontem já parecia ter sido há tanto tempo...

Sim! Precisava sair dali. Apoiou as mãos nos azulejos molhados para tentar alavancar o peso do corpo. Aquele movimento básico custou-lhe um esforço sobre-humano, e a cerveja da véspera foi expulsa do organismo, misturada ao suco gástrico que ele vomitou sobre os próprios pés. Então, ficou em dúvida se abria de novo a torneira do chuveiro e lavava os pés ou se seguia imediatamente até a cama.

Já não pensava mais em comer algo nutritivo para combater a hipoglicemia. Pensava apenas em levar aquele corpo cansado para a cama e descansar por algum tempo, antes de fazer qualquer outra coisa. Mas o cansaço era tanto que ele não logrou fazer nem uma coisa, nem outra. Apenas deixou-se ficar ali mesmo, escorregando de novo para o chão frio daquela tumba onde o tempo parecia não existir.

**Anna Osta** (Cadeira 2 – Patronesse Rachel de Queiróz): é jornalista graduada pela PUC-Campinas. Exerceu a profissão até os 25 anos e, depois, mudou-se para os Estados Unidos. De volta ao Brasil com a família, decidiu dedicar-se à literatura. Tem oito livros publicados, sendo um em coautoria, e participação em 18 coletâneas. É cofundadora do Clube do Livro de Salto e membro fundadora da ASLe, da qual foi presidente no período de 2015 a 2020 e atualmente é presidente emérita. A sua patronesse é Rachel de Queiroz, que prefaciou seu primeiro romance.

*"Mas o que são as características físicas diante das emoções que carrego internamente?"*



Otilia de Moura



# O tempo entrelinhas

*Mércia Falcini*

O tempo, com sua dança entre inícios e fins, é o fio condutor das duas crônicas que escrevi para compor a nossa tradicional Antologia, no ano de 2025. Em uma, reflito sobre o desapego e a beleza dos ciclos que se renovam continuamente; na outra, questiono os estigmas da velhice e a urgência de ressignificá-la, desafiando as visões distorcidas da sociedade. Ambas são convites à coragem de viver o tempo como ele é: fluido, verdadeiro e transformador, no qual cada instante se revela como uma oportunidade única de crescimento. Porque envelhecer não é parar; é mover-se com mais consciência, mais liberdade e mais autenticidade.

## **O movimento da vida: entre começos e fins**

A vida é movimento. Compreender essa lógica nos ajuda a aceitar os ciclos que começam e terminam continuamente. Mas isso não é fácil, eu sei! A natureza humana é apegada: queremos que tudo seja nosso para sempre. E é por isso que sofremos tanto.

Aceitar que os filhos não são nossos e que, conforme crescem, assumem suas próprias vidas, com vontades e identidades próprias — muitas vezes diferentes das nossas — é um aprendizado e tanto.

Aceitar que o cargo na vida profissional é temporário, que o título é passageiro, que a juventude se esvai, que a beleza muda com a idade, que o carro quebra, que a casa pode ruir... Tudo isso traz lições que chegam de forma suave para alguns e dura para outros.

Mas o que está na essência desse aprendizado, que em tantas situações até nos adoece? É a finitude. Por mais que a evitemos, ignorando-a por um bom tempo, quando a idade avança, nos deparamos com ela de frente, cara a cara, com toda a crueldade e sofrimento que o fim da vida pode nos causar. Disso, ninguém escapa.

É a finitude que impulsiona esse movimento constante em nossas vidas. Tudo, absolutamente tudo, tem começo, meio e fim.

Portanto, se puder, envelheça. Envelhecer é se aproximar do fim, mas também é desapego e liberdade. Aliás, se existe alguma mudança concreta e perceptível na velhice, é essa. Como disse

Oswaldo Montenegro, “a gente vai sacando que não tem importância, e que pouca coisa no mundo tem importância. Isso, primeiro, frustra; depois, vai dando alívio e liberdade. Então, eu acho que descobri: é isso que muda. Ficar velho é sacar a nossa própria desimportância e ficar mais solto por isso”.

Quando nos deparamos com a nossa própria desimportância, iniciamos um profundo processo de reavaliação de prioridades e valores. O que antes parecia essencial — a busca incessante por status, a necessidade de aprovação — gradualmente se dissolve na compreensão de que o que realmente importa são as experiências vividas: um abraço compartilhado, um livro recebido pelos correios, o aroma de um café fresco, o calor do sol na pele, as risadas de amigos ao redor de uma mesa, uma caminhada à beira-mar, uma boa conversa ao fim do dia.

Nessa perspectiva, envelhecer, então, é um poderoso processo de transformação. É a oportunidade de nos permitirmos ser vulneráveis e autênticos. É quando finalmente passamos a viver no hoje, no agora, sem nos preocuparmos tanto com o que seremos um dia. Em vez de temer o futuro, passamos a enxergá-lo com esperança.

Como canta Almir Sater: “*Ando devagar porque já tive pressa / E levo esse sorriso porque já chorei demais*” — o tempo ensina, e a gente aprende a caminhar mais leve.

Caminhar mais leve é um privilégio. É a dádiva que a vida nos oferece quando entendemos, enfim, que ela não nos pertence, apenas flui entre começos e fins.

### **Quando começa a velhice?**

Li, recentemente, o livro *Velhos demais para morrer*, de Vinicius Neves Mariano, e o tema que já rondava os meus pensamentos despertou maior curiosidade e interesse nas minhas pesquisas, gerando uma pergunta: quando começa, de fato, a velhice? É quando alguém decide que você está “velho demais” para fazer isso ou aquilo? É quando o corpo já não responde com a mesma rapidez, ou quando a pele perde o brilho? Ou será que a velhice começa mesmo é no olhar do outro?

Estou prestes a completar 60 anos. E posso afirmar, com toda serenidade e energia: não me sinto velha em nada. Tenho sonhos, desejos, mobilidade, disposição. Tenho amor pela vida, planos ainda não realizados e muita vontade de continuar produzindo, contribuindo, vivendo com intensidade. Claro, há mudanças: a pele perdeu o viço, as manchinhas nos braços se multiplicaram, a digestão ficou mais lenta, o sono mais leve. Mas o que são as características físicas diante das emoções que carrego internamente?

Vivemos em uma sociedade que trata o envelhecimento como falência. Como se, ao perder a aparência da juventude, perdêssemos também o valor, o prazer, o direito de ocupar espaços. O livro de Vinicius, tratado literalmente como distopia, denuncia isso de forma contundente — a ideia

de que o velho é um peso morto, um custo para o Estado, um atraso para o mercado. E essa visão, infelizmente, não é ficção: está entranhada no nosso cotidiano, nos olhares atravessados, nas piadas disfarçadas de carinho, nas exclusões sutis (ou nem tanto).

Mas os velhos — nós — sentimos prazer. Amamos. Dançamos. Criamos. Trabalhamos. Produzimos com uma entrega que vem da experiência, algo que nem a juventude nem as máquinas conseguem oferecer. Sabemos o tempo das coisas. Sabemos ouvir com atenção, improvisar com sabedoria, acolher com generosidade. Isso também é produtividade. Isso também é valor.

É tempo de ressignificar o que entendemos por velhice. Não como um ponto final, mas como um novo capítulo — muitas vezes o mais profundo, mais livre, mais autêntico. Porque quem já atravessou um longo caminho não tem mais pressa, nem paciência para disfarces. A maturidade descasca as camadas do que é supérfluo e nos devolve à essência.

E, sobretudo, porque como cita Vinicius Neves Mariano, em sua obra: *“Velhice não é sinônimo de inutilidade, é apenas um novo tempo em que se deve aprender a redescobrir a si mesmo”*.

E eu escolho esse tempo, o de lembrar, de contar, de existir inteira, sem disfarces. Porque viver muito é, também, um ato político. E celebrar esse tempo é resistir.

Afinal, quando começa a velhice?

Talvez ela comece quando deixamos que nos digam quem devemos ser.

Ou talvez nunca comece de verdade — se não abirmos mão da nossa inteireza, da nossa alegria e da nossa vontade de seguir.

**Mércia Falcini** (Cadeira 3 – Patrono Paulo Freire): é pedagoga, psicopedagoga e especialista em Gestão Educacional, com pós-graduação pela Unicamp em Teoria e Métodos de Pesquisa e em Formação de Formadores. Foi Secretária de Ação Social em Salto (2021–2024), diretora da pré-escola municipal e sócia fundadora da Escola Lua Crescente. Atuou como professora universitária, consultora pedagógica e membro de conselhos municipais de educação e infância. Atualmente, dirige a Consultoria Saberes, com atuação em mais de 100 municípios brasileiros. É autora dos livros *Conversas entrelinhas* (2012) e *Conversas na varanda* (2018), coletâneas de crônicas voltadas ao desenvolvimento humano e educacional. É palestrante e escritora. Membro fundadora da ASLe, ocupa atualmente a vice-presidência.

*“O tempo e seus conteúdos nos moldam.  
Em cada instante, escolhas são exigidas.  
Em cada escolha, a textura do tempo é  
refeita, redesenhada.”*



**Adriana Ribeiro Aguiari**



# Origens

*Wilson Roberto Caveden*

Costuma-se dizer que a única coisa irrecuperável é o tempo.

Por isso que se diz: aproveitemos bem o tempo.

Mas a questão a ser respondida é: o que é aproveitar bem o tempo?

Vivemos uma realidade chamada por alguns de “fluida”. Tudo é muito rápido, inconstante e superficial. As redes sociais transformaram as pessoas em autômatos, cujo principal exercício é “rolar a tela”.

Vivemos, ainda, uma realidade de pessoas ansiosas. O Brasil é o país mais ansioso do mundo. Estatística perversa, mas que mostra inúmeras facetas, que muitas vezes não entendemos, ou “não temos tempo” para entender.

Nas redes sociais, preciso mostrar o que sou. Mas o que sou não é bonito. Sou cheio de problemas, imperfeições e frustrações. Tenho que trabalhar muito para sobreviver à vida. Sou responsável pela minha família. Preciso estudar para poder melhorar minha formação e, conseqüentemente, minha atividade profissional. Busco na religião refúgios para minhas hesitações, fraquezas, imperfeições. Amigos são importantes, preciso conquistar muitos.

Todos querem chegar antes, realizar antes, terminar antes, correr antes, ganhar antes, se dar bem antes, ser melhor que todos antes, conseguir status sociais antes, publicar nas redes sociais antes.

É evidente que isso só pode gerar frustrações.

Pisar no freio. Olhar no retrovisor. Observar o que foi. Talvez nos dê um pouco de alívio. Ao atingir um patamar de vida contemplativa, podemos relativizar o estresse, as angústias que insistem em nos acompanhar.

Como alguém que muito viveu, aprendeu e continua aprendendo, ter momentos de reflexão sobre o que foi é demasiado importante. Arrisco, aqui, algumas recordações, cujo mote principal é nossa querida cidade de Salto.

De nossa querida cidade, recordações é que não faltam.

Desde a infância, quando meus pais trabalhavam na Textil, empresa de fiação e tecelagem, até os dias atuais, marcantes são as passagens que o tempo esconde.

Lembro-me de quando a Vila Nova era um dos únicos bairros de nossa cidade. Em frente à nossa casa, o matadouro municipal que trazia para si as boiadas, percorrendo as ruas até entrarem no imenso terreno do matadouro, e lá aguardarem seu destino. Essas boiadas eram a festa da criançada, que, com muito risco, corriam atrás delas, às vezes provocando reações dos pobres bois a caminho do matadouro.

Lembro-me, ainda, de ouvir ao longe a queda dos animais quando mortos. Meu pai, que por algum tempo trabalhou no matadouro, contava que, para matar os bois, usava-se um grande martelo de madeira. Esse martelo era usado para aplicar golpes na cabeça dos bois, que, caídos e desmaiados, eram “sangrados”.

Hoje, o espaço é ocupado pela prefeitura com os serviços públicos de manutenção da cidade.

Ainda na Vila Nova, tinha a “barroquinha”, um espaço em terra atrás do campo do Guarani onde partidas de futebol eram disputadas pela garotada. Verdadeiros clássicos ali aconteciam. Hoje, a “barroquinha” deu lugar a construções habitacionais, além do clube do Guarani.

Falando de Guarani, meu pai era um dos diretores desse clube, que tinha, à época, as disputas dos campeonatos de futebol amador da cidade, sua única atividade. Ainda não era um clube social. E nessas disputas, meu pai me levava. A grande rivalidade acontecia quando o Guarani jogava com a Saltense, outro time de futebol de Salto. À época, se dizia que o Guarani era o time dos pobres, e a Saltense, dos ricos. Hoje, vejo que “ricos” em Salto praticamente não existem ou são poucos.

Pedro era um fanático pelo Guarani. A ponto de subir nos alambrados para invadir o campo e “bater no juiz ladrão”. Nunca fez isso, mas várias vezes ameaçou, e eu, um garoto com menos de dez anos, morria de medo das consequências.

Outra recordação daqueles tempos diz respeito às incessantes jornadas de trabalho que papai e mamãe faziam para manter a casa. A tecelagem tinha turnos de quatro horas cada um, sendo intercalados por quatro horas de descanso. Durante a semana, meu pai e minha mãe tinham um ritmo frenético, já que as quatro horas de descanso eram dispensadas com o cuidar da casa. A fábrica era próxima de nossa casa. Isso facilitava um pouco.

Minha mãe deixou de trabalhar quando tinha eu cerca de cinco anos. Dali, passou a cuidar da casa e dos três filhos. Naquela casa da rua Marechal Deodoro, passei muitos momentos, bons e ruins, mas sempre cercado pela dedicação de meus pais.

Meus pais são descendentes de italianos. Até há pouco, dizia eu que meu pai tinha ascendência austríaca. Mas minha irmã descobriu (ela adora essas coisas) que, quando da vinda dos antepassados

de meu pai ao Brasil, o território austríaco era composto por povos que originaram a Itália anos depois. Assim, de todos os lados, minha descendência é italiana.

Italianos não reconhecidos na história de nossa cidade.

Muitos são os descendentes de italianos em Salto. O fim da escravidão deu lugar à vinda de imigrantes ao nosso país, milhares deles. E Salto foi um local que os recebeu. A Escola Anita Garibaldi é um dos maiores exemplos disso, apesar de, em certo momento, ter desonrado o nome quando ensaiou alguns passos fascistas em sua trajetória.

A grande característica da Escola Anita, como chamávamos, era a caligrafia. Quem lá estudava, tinha uma caligrafia magnífica. Meu irmão lá estudou, e realmente era muito bonito ver sua caligrafia.

Como disse, muitos italianos para Salto vieram. Muitos formaram suas famílias, adquiriram seus bens e povoaram nossa terra. Muitos.

Alguns foram reconhecidos em livros da história de nossa cidade. Todavia, nem todos. E desde que passei a entender e me aprofundar na história de Salto, a incompreensão foi o sentimento dominante. Sim, porque nossa cidade é formada por um espectro amplo de famílias de todas as origens. Italianos são a maioria sim. E quando ousamos falar da história, importante é ser o mais fiel a ela. É evidente que nem tudo é possível, mas se o objetivo é o detalhamento, que seja sempre o mais amplo e fiel aos fatos.

Essa situação incomodou de tal maneira, que, em algum momento, antes de atuar em administrações públicas, pensei em rascunhar um pouco da história ou das histórias não contadas de nossa cidade. Pena que outras atividades me consumiram e não consegui o intento.

Incomoda ver que operários e operárias não são reconhecidos pela história oficial. O que provoca um certo alívio é que esse fenômeno não é somente da história de nossa cidade. Operários e operárias são sempre esquecidos nos principais anais históricos. Quem sabe um dia...

Das partidas no campo do Guarani até meus dez anos, aprendi a gostar de futebol. Coroinha da igreja de São Benedito, passei a jogar futebol de salão com os demais do grupo. Acreditem ou não, fui um exímio goleiro.

Belas recordações do tempo em que não só exercia minhas atividades futebolísticas, como também, aluno do Paula Santos (ginásio estadual), tinha diversas amizades e colegas distintos. Alguns querendo me sugar nas provas, reconheço. Mas a maioria grandes amigos.

A vida nos reserva surpresas não tão agradáveis como as boas amizades. Num dos finais de semana em que jogávamos bola, despedi-me dos amigos com um até breve: iria sofrer uma intervenção cirúrgica ortopédica, que, na minha mais absoluta ilusão, não duraria mais de quinze dias longe, já que ela seria em São Paulo.

Meus pais sempre lutaram para eu ter o melhor diante de minhas limitações. Quando de minha internação, o clima era de esperança e medo, já que pouco se sabia o que seria feito. E o medo foi o maior dos companheiros nessa jornada.

Um ano e trinta e sete dias foi o tempo que fiquei internado. Meus pais me viam duas horas por semana aos domingos.

O medo era sempre do dia seguinte, que muitas vezes vinha acompanhado de dores terríveis e noites sem dormir. Outras vezes vivenciando amigos e colegas morrerem por descuidos, ou mesmo por não suportarem as intervenções.

Medo. Muito medo até o último dia daquele martírio.

As torturas não são somente políticas, apesar de estar passando por tudo isso em um dos momentos mais tensos da Ditadura Militar, nos anos 70 do século passado. Mas minhas torturas foram dentro de um hospital.

E meus pais, esquecidos pela história, não arredaram pé. Semanalmente, lá estavam para me ver e acompanhar o que comigo acontecia. E eu não via a hora de voltar a minha casa em minha querida cidade.

Quando da volta, dois anos perdidos do calendário escolar. Novos amigos, novos professores, nenhuma condição de jogar futebol. E meus pais, esquecidos pela história, agora lutavam pela conquista de próteses que se adequassem às minhas limitações.

Anos se passaram. Nossa querida cidade não parava de crescer. Nos anos 90 do século passado, nossa cidade era considerada a pequena Manchester Paulista, pelo grande número de indústrias que nela se instalaram. Esses anos também foram de uma forte crise econômica que provocaram desempregos em massa em todo o país e, claro, em Salto.

O questionamento e a inquietude frente às diferenças moldaram a vida. Talvez pela convivência com meus pais, talvez pela decepção com a história contada, talvez pela compreensão do caráter social da atividade pastoral, talvez por sentir na pele as dificuldades de muitos e muitos que foram vítimas de um sistema altamente desigual na sua essência. Ou, ainda, talvez a somatória de tudo isso.

Decepção com a Igreja; esperanças com um partido.

Eleições, muitas eleições.

Formação sindical e popular.

Inquietudes.

Busca de alternativas.

Prefeitura.

Paixão pela educação. Entrega à educação.

Acordo covardemente quebrado pelo prefeito.

Novas eleições. Novos horizontes.

A gestão pública acaba sendo um caminho; tortuoso caminho, trilhado em várias cidades.

Hoje, a gestão de uma empresa pública federal.

Muitas e muitas histórias podem ser contadas. E ainda isso farei.

O que não mudará jamais é a origem disso tudo: minha querida Salto. Onde nasci, cresci, vivi momentos inesquecíveis, tive meus filhos e neto e uma escola de vida invejável que marcou e marca todas as minhas atitudes.

Hoje, como a vida me ensinou, acredito na força transformadora de grupos e ideias. Sem ideias, não crescemos. Sem ideais, não avançamos. E Salto é um celeiro disso (pelo menos para mim), sob vários aspectos.

O tempo vivido é longo. O tempo visto pelo retrovisor fica para trás rapidamente. Indescritível a sensação de olhar para trás e ver tudo o que passou. Imperceptível o que ainda está por vir, a não ser a alegria de poder amar incondicionalmente um ser iluminado.

O tempo e seus conteúdos nos moldam. Em cada instante, escolhas são exigidas. Em cada escolha, a textura do tempo é refeita, redesenhada.

O que permanece são as origens. Elas nunca mudam. Podem melhorar ou piorar, mas nunca mudam. E viver minha cidade plenamente, intensamente, é a resposta encontrada para consolidar essas origens.

Espero que o tempo me dê tempo de escrever mais sobre a cidade que todos amamos.

**Wilson Roberto Caveden** (Cadeira 4 – Patrono Ruy Barbosa): é nascido em Salto, filho de operários da indústria têxtil e, desde cedo, enfrentou os desafios de uma deficiência física com apoio familiar e dedicação aos estudos. Foi metalúrgico por quase 20 anos, com forte atuação sindical, e militante da Igreja Católica na linha da Teologia da Libertação. Ingressou na vida política como candidato a prefeito (1988) e vice (1992). Exerceu cargos de gestão pública, tendo sido Secretário de Educação por sete anos e, depois, nas áreas financeiras e administrativas. Poeta e cronista, passou a escrever com mais frequência na última década. É membro da ASLe desde 2024.

*“Foi assim que Alice logo compreendeu  
que a vida era volátil, uma tessitura de  
instantes efêmeros e perdas inevitáveis.”*



**Cássia Longati**

# *Somos nós que existimos no tempo ou é o tempo que existe em nós?*

*Mônica Dalla Vecchia*

A luz suave da tarde filtrava-se através das cortinas, criando um jogo de sombras na parede. Sentada na velha cadeira de balanço, Alice decidiu se permitir um momento de reflexão. O mundo ao seu redor parecia um borrão distante, diante do qual ela simplesmente parou. Não fazia nada. Apenas mantinha o olhar perdido no horizonte que parecia esmaecer.

Pensamentos passaram como pássaros ao arrebol, mas não se deteve sobre nenhum deles. O único som que preenchia o ar era o leve tique-taque do relógio, que marcava o ritmo do passar do tempo, reverberando em sua mente como um mantra familiar e íntimo.

E assim, suas memórias entrelaçavam-se de forma confusa com seus medos e sonhos esquecidos, perdendo-se em labirintos de lembranças, em que o tempo não seguia mais uma linha reta, mas parecia fluir em círculos, como a toca do coelho que não levava a lugar algum.

Enquanto isso, cada vez mais, o som profundo e constante do grande pêndulo, com seu braço de ferro forjado, balançando em uma estrutura de madeira escura, rompia o silêncio. Sua oscilação lenta, quase como uma respiração antiga, registrava o tempo de maneira cadenciada, guiando Alice suavemente para longe do presente e transportando-a para suas memórias mais longínquas.

De repente, como um feixe de luz rompendo a névoa de sua mente, recordações de sua tenra idade começaram a emergir, vívidas e cheias de emoção. Ela se viu na simplicidade de uma manhã ensolarada e fria nos pampas de sua infância, com aquela vastidão do campo que se estendia em todas as direções.

Correndo descalça pelos prados verdejantes, Alice sentia a brisa doce e a liberdade que o momento lhe proporcionava. O cheiro da terra molhada ainda estava fresco em sua cabeça, e o som de risadas infantis e do canto dos pássaros ressoava em seu coração.

Seu pai, sempre tão cuidadoso, tinha o costume de aquecer tijolos no forno a lenha, embrulhando-os, em seguida, em panos antigos. “Alice, venha cá, minha pequena!” — ele a chamava com um sorriso acolhedor, sua voz se misturando ao chiado do fogo e ao murmúrio distante das folhas se agitando ao vento.

E ali estava ela, correndo para ele, os pés frios, em busca de calor. O toque delicado do tijolo aquecido contra seus pés gelados a fazia sentir-se envolta em um abraço amoroso e seguro.

Uma lágrima, inesperada, deslizou silenciosa do rosto da velha Alice. Seu pai partira precocemente, vítima de um acidente de trabalho na fábrica de papel, onde a máquina que manuseava o ferira severamente no rim, levando-o à morte dias depois. Para aquela criança, ele deixou este mundo como um herói que, mesmo na adversidade, nunca hesitou em trabalhar duro para cuidar da família.

Foi assim que Alice logo compreendeu que a vida era volátil, uma tessitura de instantes efêmeros e perdas inevitáveis. A presença daquele que iluminava seus dias, trazendo segurança e esperança, extinguiu-se de forma abrupta, deixando, no coração da menina, um vazio que sangrava com a impermanência de tudo que é transitório e, ao mesmo tempo, essencial.

Seu esposo, irmãos, amigos — muitos partiram, como sombras que se dissipam no silêncio do tempo. Apesar de tudo, ela não tinha medo da morte em si. Seus verdadeiros temores eram a vulnerabilidade e a solidão que a acompanham na inexorabilidade do finito. Afinal, compreender a finitude é reconhecer a beleza temporária da existência e, dessa maneira, encontrar a essência da sua própria humanidade.

Ela ponderava sobre a vida e a morte como partes de um ciclo interminável, no qual cada perda se tornava uma nova possibilidade, mesmo que envolta na escuridão. A aceitação do tempo, com todas as suas nuances, tornava-se um alicerce sobre o qual ela buscava se apoiar, mesmo sentindo o peso da fatalidade.

Entretanto, até nesses momentos de intensa reflexão, a lembrança de tempos mais leves permanecia viva em sua alma, como uma estrela que insiste em brilhar no céu taciturno da noite.

Alice recordava-se, então, daquelas tardes distantes em que, sentada com as pernas cruzadas no chão de madeira, o rádio da casa parecia ser o universo inteiro — sua janela para mundos que ela ainda não compreendia, mas dos quais sonhava em fazer parte. Fechou os olhos e, por um instante, tornou-se a própria estrela — a nova “cantora da Rádio Radar”.

Os aplausos, as luzes, a exata sensação de estar no centro do mundo, invadiram-na com uma intensidade tão verdadeira que chegou a doer. Levantou-se lentamente, uma das mãos sobre o peito, a outra segurando um microfone invisível, e começou a cantar, *Que será*, de Dalva de Oliveira, e o passado iluminou o presente com o brilho tênue de uma esperança esquecida.

Enquanto cantava, Alice sentiu-se envolver por uma espécie de paz interior, uma quietude que não era ausência de som, mas a presença de tudo o que fora. No seu espírito, cada momento antigo — a tarde de infância, as vozes no rádio, o brilho do sonho ainda não realizado — desenrolava-se como uma película suspensa no tempo.

Pensou nas palavras de Santo Agostinho, e algo dentro dela se revelou: o passado não era uma entidade estática, mas uma memória viva, um presente que guardava a alma, a essência de quem verdadeiramente somos. Era como se, ao evocar aquela infância, ela estivesse tocando em um tempo que, embora tivesse passado, permanecia pulsando no seu interior, florescendo com o desejo profundo de desterritorializar e de reviver poeticamente o mistério.

E, nesse instante, compreendeu que tudo aquilo — o abraço quente, os aplausos, o sonho — não tinha morrido. Estava ali, no presente do passado, enterrado na memória, aguardando o momento de renascer na esperança. Isso porque, no fundo, somos feitos de memórias e tempo consubstanciados — um movimento eterno no qual somos simultaneamente criadores e criações.

“Quanto tempo dura o eterno?”, pergunta Alice. ‘Às vezes, apenas um segundo’, responde o Coelho Branco<sup>1</sup>. De fato, a velocidade experimentada da passagem do tempo não é constante, pois este pode parecer voar ou desacelerar, dependendo das circunstâncias em que nos encontramos.

A passagem dos segundos ali, naquela sala, em uma manhã de outono, fazia-se ouvir como um chiado incessante em seu ouvido, semelhante a vozes dissonantes que gritavam o que ela foi e o que poderia ter sido. Essa sensação fazia aflorar, em seu íntimo, um misto de nostalgia e anseio, conectando o presente ao invisível território do talvez.

Havia uma beleza trágica em saber que, por mais que tentasse segurar os fragmentos de sua vida, cada riso e lágrima era um prelúdio de um final tácito. Essa certeza dilacerante a acompanhava, como uma sombra, enquanto ela se perguntava se, ao longo da sua vida, havia encontrado significado, ou se tudo não passava de uma ilusão transitória, levando-a sempre de volta ao nada, arrastando-a ininterruptamente rumo ao vazio.

Nesse labirinto de reflexões, ela ainda se questionava: onde estava a Alice que acreditava em possibilidades infinitas? Onde estavam as respostas que um dia habitavam sua mente criativa e curiosa? Agora, tudo parecia perdido em um túnel de espelhos, refletindo apenas partes de uma realidade distorcida.

Então, em pensamento, ponderou: “Eu acho que... O tempo é como um rio que passa por dentro de mim, ou talvez eu faça parte dele, mas já não sei bem... Talvez nós sejamos o tempo, ou o tempo seja o que fica em nós... Talvez a essência da nossa existência seja essa incômoda interrogação: quem somos nós nesse obstinado diálogo com o tempo?”

---

1 Lewis Carroll, excerto de *Alice no País das Maravilhas*.

E, após um profundo suspiro, continuou: “Talvez não seja nem uma coisa nem outra. Talvez sejamos o tempo que habita em nós, ou somos nós que, ao tentar compreender o tempo, nos perdemos nele, como numa sala sem portas, onde o tempo é uma presença misteriosa, uma memória que nunca chega a se definir por completo”.

Ela olhava ao redor, os olhos perdidos em um vazio gentil, antes de concluir com um tom de voz sereno: “O tempo... O tempo não é algo que passa por mim, nem algo que eu passo por ele. Talvez, na verdade, sejamos ambos, um no outro, cores que misturam sem separar, momentos que nunca se despedem, apenas se fundem”. Depois, ficou quieta outra vez, como se tivesse, enfim, encontrado uma resposta — uma que não pode ser dita, apenas sentida.

A linha entre o passado e o presente se tornava nebulosa novamente, e ela se viu de volta à sua sala, o encanto dissolvendo-se rapidamente. Porém, queria ainda voltar para casa, aquela em que morava no passado, com seus pais. Era o Alzheimer, que, há muito, vinha embaralhando as fronteiras entre tempo e espaço.

“Alicinha,” — disse uma voz meiga, fazendo-a retornar do devaneio — “o chá está pronto”. Era Maria, sua cuidadora, que costumava se sentar ao seu lado, trazendo um pouco de conforto a cada dia.

Alice olhou para ela, um sorriso confuso se formando em seus lábios. “Você conhece a canção de Jay Livingston, cantada pela Neuza Maria?” — perguntou esperançosa. Em seguida, começou a cantarolar: “Quando eu era menininha, / eu perguntava: quando crescer, / serei eu pobre / ou muito rica / e eu ouvia assim: / que será, será / aquilo que for, será. / O futuro não se vê. / Que será, será. / O que for, será”. Maria sorriu, encorajando a conversa.

Alice parou por um segundo. De repente, seus olhos abriram mais amplamente, como se algo tivesse sido descoberto, um vislumbre de verdade que vinha de muito além daquela sala. Ela virou-se vagarosamente, segurando a mão de Maria, e seu sorriso se transformou — sereno, luminoso, como quem se despede do que nunca foi realmente seu, mas do que continuamente teve acesso em seu coração. Era uma despedida simbólica de algo que, embora não fosse tangível, sempre teve um significado profundo para ela.

Então, sussurrou: “Sabia que o tempo às vezes é apenas um segredo que não podemos decifrar sozinhos?”. Em seguida, ela fechou os olhos, o peito se acalmando. E, na quietude daquela sala, parecia que tudo — o passado, o presente, o mistério do tempo — não era mais importante. Uma paz silenciosa tomou conta, como uma última evidência.

E quem sabe, Alice tenha partido ali, como uma folha que se desprende ao vento, deixando-se levar, livre de qualquer amarra, enfim... Enquanto Maria permanecia segurando sua mão, tentando compreender se aquele silêncio era uma despedida ou apenas uma pausa naqueles olhos que, por um momento eterno, pareciam ter visto algo além do tempo.



**Mônica Dalla Vecchia** (Cadeira 5 – Patronesse Clarice Lispector): é graduada em Letras Clássicas e Vernáculas pela USP. Possui mestrado em Ciências da Linguagem e doutorado em Linguística Geral e Aplicada, ambos pela Universidade Paris V (Sorbonne). É autora de livros nas áreas de Linguística e Educação e comanda o Canal *Gramática sem Trauma* no YouTube. É membro da ASLe desde 2019.

*“Nunca paremos para afirmar  
que o Tempo não dá para nada.  
Aproveitemos cada raio de sol nos  
dias de apreciada saúde.”*



**Marlene Silva Damaceno**



# *Do tempo ao sentido*

*Antônio Oirmes Ferrari*

O que é o Tempo? É o modo como nós humanos contabilizamos os momentos, sejam eles horas, dias, semanas, séculos... Esse termo é usado para determinar a duração dos acontecimentos.

Aprendemos na escola que o Tempo é também uma grandeza física, tido como uma das dimensões do universo. Sem dúvida, é uma dimensão do universo em que vivemos. A passagem do Tempo, em verdade, pode ser percebida por nós humanos de forma bem subjetiva. Aqui se pode, por exemplo, ter a impressão de que o ano passou rapidamente, entretanto, algumas horas em um lugar monótono, quase sem vida, pode parecer verdadeira eternidade.

Em verdade, o Tempo não para. Já dizia o festejado poeta Mário Quintana: “O Tempo não para! Só a saudade é que faz as coisas pararem no Tempo”.

Desde os nossos primeiros dias, vivemos com o fator Tempo ao nosso lado. Acordamos logo pela manhã e, diante do espelho, verificamos a ação do Tempo em nós. Também, jamais devemos afirmar que o Tempo não dá para nada. Aproveitemos sim cada raio de sol com que Deus nos presenteia... À noite, a luz artificial nos acompanha e há que se estar de bem com o Tempo, para atingirmos corretos objetivos. Se deixarmos para amanhã os trabalhos previstos, poderemos perder, indubitavelmente, a corrida contra o Tempo.

Correr sim, mas não atropelar os acontecimentos. É querer curtir tantos anos de casados e, ao olhar para trás, quanto se construiu. A chegada dos filhos, o dia a dia de cada um atingindo a idade adulta, os problemas, as alegrias, as tristezas... Novas famílias constituídas... Chegam os netos! Que riqueza! O Tempo parou para ouvir o nosso agradecimento.

Nunca paremos para afirmar que o Tempo não dá para nada. Aproveitemos cada raio de sol nos dias de apreciada saúde. À noite, nas horas de repouso, o Tempo continua a executar sua missão.

Novo dia; tudo reiniciamos. Correr, mas não atropelar os acontecimentos. Para Deus, um dia é como mil anos. Isso posto, não é justo pedir que mude o nosso Tempo egoisticamente. Deus em Cristo está entre nós, presente em nosso Tempo. Não vai invadir o nosso ser interior e determinar o que fazer... Apenas bate à porta do nosso coração e aponta o bom caminho. Esse outrora vazio, que o Tempo faz questão de atenuar, está em Cristo Jesus. O barco da vida vai continuar à procura de sua maré, o vento continuará soprando velas, e temos de ter firmeza... O Tempo nos trará alegrias, lágrimas, aflições, mas, com Cristo no comando, o mar se aquietará. Não entremos em crise pelo Tempo passado. Aprendamos apenas a conviver com as novas fases que virão, com os fios de cabelos brancos denunciando que o Tempo passou... Deixar de ter estímulo pelo viver? Jamais! Continuar lutando, sonhando e realizando cada sonho.

Deus nos conduza a viver cada dia do nosso Tempo com sua graça, possíveis dificuldades e os cabelos brancos, que insistem em nascer. O Tempo inclemente não vai parar por nós, mas Deus estará presente, ouvindo nossos queixumes, nosso choro e nossas expressões de alegrias, do dia a dia da vida.

O passar do Tempo nos reservou, no campo das artes e, em especial, na Literatura, passagem especial para a poesia, como apresentamos a seguir. A partir do Romantismo, notadamente, a poesia lírica transformou a prosaica paisagem de um lugar em expressão de sensibilidade. Em contrapartida, a Arte e a Literatura do século XX tenderam a desviar da representação do mundo exterior para explorar com seus recursos próprios os seus meios de expressão da sensibilidade, através da poesia. A passagem do Tempo — sempre soberano — trouxe mais força à cena estética, inspirando, sobremaneira, artistas e escritores. Qual é a boa maneira de tratar da passagem do Tempo? Sem dúvida, o assunto é deveras amplo. A passagem contida na paisagem se abre a inúmeras indagações, como os conceitos de sensação e percepção colhidos em Paul Velery, os quais são trazidos a este texto como um lugar de reativação das sensações e dos afetos.

Para compreender o papel da sensação da passagem incurso na paisagem, convém ater-se ao que a distingue da percepção, principalmente a visual. A Fenomenologia demonstrou bem que a percepção, principalmente a visual, não era jamais a recepção puramente passiva da passagem, mas sua interpretação e sua organização em uma estrutura que lhe dá forma e sentido e que põe em jogo notadamente a relação entre a figura e o fundo. A passagem nos leva à sensação; eis que o termo designa, de certa forma, uma apreensão do sensível, anterior não somente à reflexão e à concepção, mas à própria percepção. O mundo aí não se manifesta segundo uma representação organizada e articulada pela perspectiva, que o coloca à distância e põe em relação seus componentes, uns com os outros, mas como uma espécie de presença não articulada, no seio da qual as coisas não se distinguem umas das outras, nem o sujeito do objeto, mas participam de uma mesma “relação compacta”. Nesse sentido, se confundem o interior e o exterior, o que é sentido e o que é experimentado; longe de aprender o que se oferece aos nossos olhos, nós é que somos apreendidos.

Nós o experimentamos mais comumente por intermédio de outros canais do que pela vista, que é o mais intelectualizado de nossos sentidos. Sabe-se a que ponto os odores, os sabores ou as sensações táteis podem solicitar a memória afetiva e ressuscitar um universo indissolivelmente interior e exterior. Nossa tradição ocidental confere à vista um privilégio excessivo e quase exclusivo na abordagem da passagem. Ora, a passagem não saberia se reduzir a um puro espetáculo. Ela se oferece igualmente aos outros sentidos e diz respeito ao sujeito, por inteiro, de corpo e alma. A passagem não se dá somente a ver, mas a ser sentida e vivenciada. A distância se mede, nesse caso, pela audição e pelo olfato, segundo a intensidade dos ruídos, conforme a circulação dos fluxos. A proximidade da passagem, nesse caso, é experimentada pela carícia de um contorno, pelo aveludado de uma luz, pelo sabor de um colorido. Todas essas sensações se comunicam entre elas e suscitam emoções, estimulam sentimentos e despertam lembranças.

**Antônio Oirmes Ferrari** (Cadeira 7 – Patrono Machado de Assis): é graduado em Pedagogia, Direito e em Letras. Catedrático de Português, especialista em Língua Portuguesa e Literatura Luso-Brasileira. É membro fundador da ASLe, onde exerceu a presidência por cerca de cinco anos e atualmente é presidente emérito.



# Chronos

*Toni Tordevelli*

Do grego, CHRONOS é o deus do tempo, considerado o pai do tempo. O nome deu origem a muitas palavras da nossa língua!

Cronômetro, cronologia, cronometragem... Derivam desse vocábulo e contribuíram para o enriquecimento do vocabulário da “última flor do Lácio”, como antigamente era conhecida a nossa língua portuguesa!

Segundo a mitologia, Chronos devorava seus próprios filhos para que nenhum pudesse roubar-lhe o trono.

Hoje, esse vocábulo domina a nossa vida!

Tudo, ou quase, que fazemos está relacionado a essa palavrinha, tão linda, porém, nunca desprezada e esquecida no corre-corre diário!

Chronos... Deu, em português, a palavra TEMPO!!

E com essa palavra, usadas em vários e diferentes usos, tecemos nossas vidas, emaranhando sofrimentos, ansiedade, alegrias, aliviando, muitas vezes, tristezas e angústias. Sofremos e nos alegramos com ela...

Passamos a ser escravos dela.

Porém, o TEMPO não só minimiza...

Muitas outras vezes, ele aumenta nossos sentimentos, nossa saudade e a falta que pessoas queridas nos fazem.

Entretanto, só ele nos faz atingir a maturidade!

O TEMPO nos faz crescer, nos torna adultos, e nos acompanha até o fim de nossos dias!

É implacável, mas não faz distinção entre raça, cor de pele, condição social, beleza, status... Nada. Nivelada todos.

É uma palavra que nos incentiva a persistir na busca pela felicidade, que, para mim, se reduz ao velho ditado “não há mal que sempre dure, nem bem que sempre perdure”, frase essa que minha filósofa predileta, Dona Mariquinha, minha mãe, me dizia constantemente e que me acompanha até hoje! O TEMPO é o senhor da razão!

Ele cura, cicatriza, mas também tem o poder de deixar feridas abertas e sangrando por um bom tempo!

Hoje, já sem os arroubos da juventude, com uma vida bem vivida, não sem tristezas, mas com a certeza de ter superado muitas, percebo que, a palavra essencial para vencer tudo e para nossa sobrevivência é, sem dúvida alguma, essa mesma... TEMPO.

“Há tempo de semear, e tempo de colher, de nascer e de morrer, de matar e de curar, de derrubar e de edificar”.

O TEMPO está presente na nossa vida, no nosso dia a dia.

Aprendemos muito com ele e, muitas vezes, com dores da alma que ele nos proporciona. Há tempo para tudo!

Mas prefiro me deter no meu TEMPO preferido...

Tempo de amar!

Não só o amor carnal de um homem e uma mulher, mas o tempo de aproveitar cada segundo de nossa vida, fazendo o meu próximo mais feliz, fazer com que ele se sinta mais útil e realizado.

Tempo de dividir, de dialogar, tempo de conviver, de nos doarmos e, principalmente, tempo de construirmos nossa felicidade e a daqueles que nos rodeiam, pois felicidade não é egoísta... Quer ser espalhada por todos os cantos. Não podemos ser felizes sozinhos! E isso leva TEMPO!

E é com ele. o TEMPO, que realizamos as quatro operações da matemática, que são importantíssimas para o bem viver.

Somamos conhecimentos, dividimos alegrias, multiplicamos realizações e tentamos diminuir nossos problemas.

A vida é feita de momentos, pequeninos, e esses momentos nem sempre são os que desejamos, pois viver significa não só felicidade e sucessos, mas fracassos, quedas, tristezas, alegrias, acertos, erros e recompensas! Uma luta constante... Cair, levantar, tentar, sobreviver...

Felicidade não vem de graça!

Muitas vezes, momentos felizes são prenúncio de outros, não tão felizes, mas desafiadores, carregados de pressão, de dúvidas e de medos, que nos fazem percorrer caminhos não desejados, desconhecidos e escuros...

E assim com nossas lutas diárias, aprendemos que o caminho da felicidade é árduo, longo, íngreme, e que precisamos muito do TEMPO para alcançarmos, ou não, nossas metas e vencermos as dificuldades inerentes dessa caminhada.

O TEMPO nos fornece tudo para acalmar nossas dores, aplacar nossos sofrimentos e nos dá condições para recomeçarmos e nos levantarmos depois das quedas.

O TEMPO cura as feridas abertas com essas nossas quedas... Mas ele também abre novas feridas incuráveis sobre nossas perdas... Feridas que não cicatrizam e ainda vertem sangue!

Assim, por mais tempo que passe, nos lembraremos de nossos pais, filhos, amigos ou parentes que se foram.

Saudade não passa com o tempo... O TEMPO pode amenizar, mas não apaga...

Em alguns casos, enfraquece a dor, diminui as lágrimas, mas nunca nos proporciona esquecimento...

Entretanto, o que mais me emociona não é, na verdade, o tempo que gastamos com a vida e com o quanto lutamos para vencer todas essas dificuldades que aparecem, à medida que caminhamos pelas estradas da nossa existência, mas sim o TEMPO que, nós, mulheres, esperamos para trazermos à vida nossos filhos e para mostrarmos a eles a luz do mundo!

E o fazemos com garbo e elegância! E em qualquer tempo!

Nada apaga a emoção de segurarmos pela primeira vez um filho depois de darmos à luz; entre dores e medos, há um outro ser gerado à imagem e semelhança de Deus. É um momento mágico que nunca será apagado pelo TEMPO!

O dom da maternidade nunca é esquecido...

Esse, sem dúvida, é, para nós, o nosso melhor TEMPO da nossa vida, pois nos faz participantes e colaboradoras de Deus no ato da criação!

**Toni Tordivelli** (Cadeira 8 – Patrono Gonçalves Dias): é professora de Inglês e cronista. Diplomou-se em Letras no Brasil e estudou no American Field Service, nos Estados Unidos, onde desenvolveu fluência em inglês. Atualmente, está no terceiro volume do livro *Bom dia, Faces* e finaliza a escrita de histórias da sua infância para publicação em breve. Tem crônicas publicadas em diversas Antologias e escreve crônicas diariamente para sua rede social. É membro da ASLe desde 2019.

*“Porque crescer é isso: encontrar um jeito  
próprio de continuar as histórias que  
começaram antes de nós.”*



**Nazareth Silveira de Oliveira**

# As pegadas e os dias

*Antonio Valini*

Dizem que é nos detalhes que o tempo revela seus segredos. Nas pegadas leves no chão de areia, nas malas feitas com mais cuidado, no “eu te amo” dito sem cerimônia entre um gole de suco e o afago em um gato no colo. Há quem procure os sinais do tempo nos cabelos brancos, nas dores nas costas, nos calendários riscados. Mas o tempo, esse mestre das entrelinhas, prefere se esconder nos gestos repetidos que ninguém percebe.

Houve um tempo em que os dias começavam com passos leves no corredor — meia arrastando, pijama torto, o sol ainda tímido. Sempre houve uma calma diferente naquele jeito de chegar. Um silêncio que não era ausência, mas escolha. Não a escolha de se calar, mas de ouvir. E assim, pouco a pouco, a casa aprendeu um outro ritmo, mais compassado, mais atento. Era como se o tempo passasse de outro jeito ali dentro.

Eram dias de rotina simples: escola, almoço em família, um passeio na praça, as visitas ao *pet shop* — sempre com tempo para um carinho no cachorro alheio, um agrado ao gato que miava na porta da vizinha. O amor pelos animais não era gritado, era natural. Como respirar. Como sorrir. Como viajar.

Ah, as viagens! Cada uma tinha um roteiro feito a seis mãos — umas maiores, mais experientes, outras pequenas, ainda descobrindo o mundo. Eram tantas histórias contadas pelas janelas. Cada cidade, um novo mundo. Cada hotel, um pequeno planeta com regras próprias, onde tudo se observava como se fosse a primeira vez. Era o tipo de viajante que não colecionava lugares, mas sensações. O frio do sul que queimava o nariz, o calor do interior que abraçava o corpo, os cheiros da comida, os sons dos sotaques, a textura das cidades. Nada passava despercebido.

Em um desses roteiros — talvez numa cidade com nome de flor ou numa vila escondida entre morros —, alguém perguntou o que ele queria ser “quando crescer”. A resposta veio rápida, como se já estivesse ali há tempos, quietinha, esperando a pergunta certa: “Quero cuidar das pessoas”. E disse isso com a mesma naturalidade com que oferecia o colo para um gatinho perdido. Sem espetáculo. Sem anúncio.

Ao longo dos anos, muitas coisas mudaram. O pijama agora cabe certinho, os passos se tornaram longos, as conversas mais complexas. Mas o “eu te amo” continuou fácil. Sai com a mesma leveza com que chega: natural, sincero, limpo. E talvez seja isso que não muda, apesar de tudo: a capacidade de amar sem medo, sem medida, sem barreiras.

É curioso pensar em como deixamos rastros. Não os digitais — esses somem com o tempo, com as trocas de aparelho, com a nuvem que não sincroniza. Mas os rastros de verdade, os que ficam na memória dos outros. Um sorriso num dia difícil. Um silêncio acolhedor. Um conselho dado sem saber que era um conselho. Esses rastros sim permanecem. E eles crescem com o tempo, como raízes que se espalham sob a terra, mesmo quando não se veem.

Foi pensando nisso que comecei a revisitar mentalmente todos os pequenos legados deixados. Não os grandes feitos, não os títulos nem as conquistas que cabem em molduras. Mas os gestos — sempre eles. O jeito de olhar antes de responder. O cuidado ao fechar uma porta. O respeito por quem limpa a rua, por quem serve o prato, por quem pede desculpas. Cada pequeno gesto foi, sem querer, um ensinamento plantado. E mesmo que o tempo passe, os gestos permanecem — como marcas leves num chão de areia, que resistem ao vento porque foram feitos com o peso certo: o do afeto.

Lembro do nascer do dia 9 de janeiro. Era uma manhã tímida, como quem pede licença para existir. Às 5h15, o tempo parou por um instante. E depois recomeçou, só que em outro compasso. Vieram os números: 3,745 kg, 51 centímetros. Mas não eram só medidas de corpo. Eram medidas de um mundo novo que havia começado. Não apenas para ele, mas para quem o esperava. O tempo, naquele dia, ganhou nome, cheiro, voz.

Desde então, cada janeiro traz consigo um novo ciclo e, com ele, a certeza de que o tempo é feito de começos disfarçados. Mesmo quando não nos damos conta, estamos sempre começando outra coisa. Um hábito. Um pensamento. Um jeito novo de olhar.

Talvez seja essa a maior beleza da passagem dos anos: quando conseguimos ver nas escolhas dos que amamos um reflexo do que deixamos neles — e um brilho próprio que é só deles. Porque crescer é isso: encontrar um jeito próprio de continuar as histórias que começaram antes de nós. E cada escolha, ainda que pareça individual, é sempre coletiva. É sempre uma continuação.

Muitas vezes, me pergunto se fomos bons contadores dessas histórias, se deixamos as pausas no lugar certo, se ensinamos o valor do ponto final, se mostramos que reticências não são fraqueza, mas esperança. Se nossas vírgulas foram espaços de respiro e não de censura. Se as maiúsculas chegaram nas horas certas.

Talvez nunca saibamos. Mas, se o tempo tem alguma resposta, ela está no agora. Está nesse ser humano raro, que olha nos olhos, que ouve com verdade, que escolhe caminhos difíceis sem medo do esforço. Está naquele que, mesmo entre fórmulas e diagnósticos, ainda vai achar tempo para o afago num gato, para dizer “eu te amo” no fim de uma ligação, para apertar os olhos ao sorrir.

O tempo anda. Não corre. Vai no passo dele. E se a gente tiver sorte — e afeto —, ele anda ao nosso lado. E, às vezes, anda na frente, abrindo caminhos. E quando menos esperamos, olhamos para alguém à nossa frente e percebemos: ele levou o melhor da gente consigo.

Ali, em algum lugar entre um sábado de estudos e um domingo de passeio, entre um jaleco futuro e uma alma que ainda carrega o menino das meias largas, o tempo sussurra que valeu a pena. E a gente escuta. Em silêncio. Com orgulho.

E ainda que tudo mude — as ruas, os sabores, os dias da semana, as prioridades —, permanece aquilo que o tempo não consegue apagar. A gentileza, o cuidado, o amor pelos animais, a atenção aos detalhes. São como pegadas fundas na areia: mesmo quando o mar vem, mesmo quando a maré sobe, elas resistem.

Dizem que o tempo leva tudo. Mas quem já viveu o bastante sabe: ele leva o que é leve. O que é denso, o que tem peso de verdade, isso ele carrega sim, mas carrega junto. Leva consigo. E um dia, quando menos se espera, devolve. Em outro corpo, em outra estação, em outra escolha.

Talvez por isso o tempo tenha sempre o dom de surpreender — mesmo quando, no fundo, já sabíamos. O tempo não esconde. Ele revela. Com paciência, com sutileza, com ritmo. E hoje, ao olhar para frente, vejo não só um reflexo do que fomos, mas um novo ponto de partida.

Alguém que aprendeu a respeitar os ritmos, que sabe esperar, que não se apressa diante da dor alheia. Alguém que chegou ao mundo com a alma de quem escuta antes de falar. Que, mesmo entre tubos de ensaio e livros pesados, ainda faz carinho em cães de rua, ainda acolhe os silêncios dos outros, ainda caminha com ternura. Alguém que, mesmo sem saber, ensina a cada dia que viver é, antes de tudo, um gesto de escuta.

E quando penso nisso, agradeço ao tempo. Porque ele não nos deu pressa. Deu presença. Deu os dias certos. As noites longas. As manhãs lentas. Deu os aniversários celebrados com bolo e risos largos. Deu os fins de tarde com cheiro de comida e os fins de semana com cheiro de estrada.

E mesmo que não possamos voltar ao dia 9 de janeiro de 2009, às 5h15 da manhã, quando tudo começou, podemos seguir adiante. Com as malas feitas com amor. Com as pegadas bem-marcadas. E com o coração cheio de histórias que ainda estão por vir.

**Antônio Valini** (Cadeira 10 – Patrono Jota Silvestre): é jornalista por vocação, comunicador por formação, educador por convicção. Pós-graduado em Comunicação e Marketing, mestre em Marketing, doutor e pós-doutor em Educação, é coordenador de cursos superiores no Centro Universitário Padre Anchieta (UniAnchieta), em Jundiaí. Filho de Amélia Valini, aprendeu desde cedo o valor da escuta, da ternura e das raízes. Casado com Julyany R. Gonçalves, encontrou no amor cotidiano a mais bela expressão da eternidade que cabe nos dias. Pai de Lorenzo Valini, menino de alma serena e olhos que abraçam o mundo, redescobriu o tempo em forma de passos pequenos, datas marcadas com tinta de afeto e memórias que não se apagam — apenas se multiplicam. É membro da ASLe desde 2020, sendo, atualmente, o 1º secretário.

*“No amanhecer dos primeiros grupos humanos, os ritmos da natureza impunham-se aos humanos.”*



**Maria Ramos Gomes**

# O dia em que eu descobri que tempo e idade não existem

*Anita Liberalesso Neri*

Vaidosa como era, eu esperava por um elogio eloquente ao meu primeiro projeto de pesquisa sobre o envelhecimento humano, envolvendo amostra grande e representativa. Em vez disso, nem bem terminei a minha apresentação, e o professor Joel Martins\* disparou a ressalva que me desafiaria por um bom tempo: “Seu projeto está muito bonito, com hipóteses interessantes e metodologia bem estruturada, mas você está pesquisando um falso problema, porque tempo e idade não existem!”.

Pensei um pouco e respondi com a segurança possível para o momento: — Professor, desculpe-me a franqueza, mas será que, ao negar o tempo e a idade, o senhor não está negando o envelhecimento e a morte? O que o senhor está querendo me dizer?

O professor, enigmático, apenas sorria. Das colegas não se ouviu uma única palavra. À falta de argumentos, resolvi calar-me e aguardar. Ao final da aula, quando eu já me deixava entristecer pela ideia de que ele gostava tanto de viver que estaria com medo, raiva e ansiedade em relação ao próprio envelhecimento, o professor se aproximou e fez sua oferta: — Você quer que eu lhe traga literatura que vai lhe explicar por que você está envolvida com um falso problema?

Era Joel Martins sendo o filósofo Joel Martins. Acolhi a oferta com o respeito que o mestre me inspirava. Na terça feira seguinte, ele apareceu na Faculdade com uma pilha de livros e artigos para me emprestar. Era uma seleção de preciosidades<sup>1</sup>. Quem conversou comigo nos meses que se seguiram acompanhou o maravilhamento com que assumi o novo objeto de estudo — não mais as idades da velhice que eu vinha estudando há algum tempo, mas algo, àquela altura, novo para mim: as dimensões da experiência temporal.

---

1. HEIDEGGER, M. **Being and time**. Nova Iorque: Harper & Row, 1962.  
HUSSERL, E.; MORAN, D. **Ideas**: general introduction to pure phenomenology and to a phenomenological philosophy. Londres: Kluwer-Routledge Publishers, 2012.  
LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1990.  
MERLEAU-PONTY, M. **Phénoménologie de la perception**. Paris: Gallimard, 1945.

Muitas vezes hoje eu penso nos conteúdos intelectualmente subversivos que aprendi com Joel Martins e seus autores prediletos. Eles formaram as bases do meu conhecimento sobre o tema, um arcabouço que nunca mais esqueci e ainda hoje tenho vontade de compartilhar.

### **As dimensões da experiência temporal**

A primeira e mais importante informação oferecida pelos novos textos e repisada por Joel Martins foi que a passagem do tempo não é um evento causal originário do mundo natural, mas um dado da consciência que se desdobra. E o professor Joel continuava: — A existência é uma sequência de instâncias de agora, orientadas por sentidos de antes e depois, de aqui e agora, de duração e antecipação, construídas pela subjetividade.

Um dado fundamental do enfoque fenomenológico, dizia ele, é que a ideia de tempo como passagem é ilusória; tampouco ele pode ser comparado a um fluxo que nasce no passado e avança desvelando o presente, rumo a um futuro desconhecido.

Igualmente elusivas são as noções de que o tempo se esvai ou se escoia, devasta-nos o corpo e o espírito, consome nossas forças ou é consumido por elas, caminha mais depressa ou voa quando ficamos velhos. “E a idade? Certamente não é igual à soma de anos vividos”, antecipou-se o professor, ao que eu respondi com outra pergunta: “Seria uma invenção social?” Ele novamente sorriu, sugerindo que estávamos no caminho certo, e assim prosseguimos.

O tempo não causa acontecimentos externos de natureza física, ecológica, social cultural ou psicológica, assim como a idade não causa mudanças de comportamento, notadas, por exemplo, quando as crianças se tornam adolescentes, ou quando os adultos um belo dia amanhecem e se percebem inexoravelmente velhos. Não é responsável pela alternância dos dias e das noites, pela sucessão das estações do ano, pelas mudanças das fases da lua e dos humores dos lunáticos, pelo caminhar dos astros sobre o firmamento, pelo retorno das festas religiosas de renascimento e renovação, por períodos de mortificação da carne seguindo-se a períodos de celebração dos sentidos, ou simplesmente pela aproximação do “momento oportuno de se fazer alguma coisa”, ou *καιρός*.

“Não somos *Chrónos*, somos *Kairòs*”, recitava o professor Joel, querendo dizer que a vida não deve ser vivida como simples passagem ou mero acúmulo de anos, horas, dias ou milésimos de minutos, mas como coletânea de experiências significativas. Hoje, eu diria que os eventos externos dispõem condições, e o ser humano realiza as mudanças. O professor certamente concordaria com uma nova redação para a moderna ideia de tempo como grandeza física que permite o reconhecimento, o registro e a ordenação de associações entre eventos, sejam eles simples ou complexos, objetivos ou subjetivos. Tais associações são objeto de estudos recentes da Biologia e da Cronobiologia, da Psicologia do Desenvolvimento e da Gerontologia, da Sociologia e da Antropologia, da Astronomia e da Matemática, e de outras disciplinas.

Tempo não é um construto simples. Dada sua complexidade, reconhecem-se as dimensões ecológico-míticas, históricas, cronológicas, socioculturais, psicológicas, subjetivas e biológicas da temporalidade.

### **A dimensão ecológico-mítica da experiência temporal**

A dimensão ecológico-mítica da experiência temporal pareceu-me magistralmente representada pelos versos entoados por um repentista, no silêncio daquela mágica noite de Quinta-Feira Santa do ano de 1988, em Caruaru, PE, Brasil. Desde então, estes versos encontram eco em minha experiência:

*Das coisas da natureza,  
as que admiro demais,  
(são) os dias correndo à frente  
e as noites seguindo atrás,  
pois a vida que o dia deixa,  
a noite leva e não traz  
(Cristóvão de Caruaru, 1988).*

No amanhecer dos primeiros grupos humanos, os ritmos da natureza impunham-se aos humanos. O sol delimitava os dias, as fases da lua caracterizavam períodos de estabilidade e os movimentos das estrelas demarcavam ciclos de atividades agrícolas e pastoris. As tentativas de medir o tempo respondiam à necessidade de prever períodos de inundação e seca, calor e frio, claro e escuro, para que os seres humanos pudessem plantar, colher e armazenar no tempo certo. O tempo era coletivo e dimensionado por suas relações com eventos do mundo natural, relações essas mediadas pelo sagrado.

A natureza era vista como manifestações do invisível e do sagrado que envolvem os humanos. Criavam-se mitos sobre um tempo sagrado ou dos deuses, diferente do tempo histórico e do tempo individual. No tempo dos deuses, a Natureza proporcionava a intuição do sagrado, e o sagrado deificava a Natureza. Os deuses assumiam o controle do tempo dos homens, e estes mimetizavam o controle do tempo dos deuses.

Periodicamente, os sacerdotes convocavam os fiéis para participar de ritos sacrificiais em homenagem aos mitos de origem, ao final dos quais proclamavam as festas religiosas do próximo período. De caráter regulatório, essas convocações eram chamadas de *calatios*, nome que deu origem

às palavras *calendas* e depois *calendários*, com significado ritual e litúrgico, independentemente do contexto mítico-cultural em que se inseriam. Ao final desses ritos, os religiosos proclamavam as festas que deveriam ocorrer no decurso do período que se avizinhava e que serviriam para organizar e sancionar os comportamentos dos fiéis.

Com base nessas convocações coletivas, cada sociedade desenvolvia sua temporalidade e sua história. Ter poder era controlar o próprio tempo e o tempo dos outros, o tempo presente e o tempo futuro, o tempo passado e o tempo dos mitos. Só muito mais tarde, os calendários dos primitivos assírios, babilônios, egípcios, hebreus e gregos deixaram de ser um conjunto de regulações religiosas associadas ao dimensionamento mítico do tempo ecológico. Aos poucos, o tempo passou a ser indicado por métricas e instrumentos cada vez mais sofisticados, permitindo que os acontecimentos da história de cada povo e os eventos ordinários do curso de vida dos indivíduos e grupos sociais fossem assinalados<sup>2</sup>.

### **Dimensões psicológicas e socioculturais da experiência temporal**

Os seres humanos são seres temporais, haja vista a subordinação de suas rotinas de trabalho e lazer a normas sociais que, por sua vez, subordinam-se aos ritmos biológicos e à idade cronológica, o tempo contado desde o nascimento. Juntamente com as noções de espaço, causa e número, a noção de tempo é uma categoria fundamental à organização das numerosas classes de pensamento e ações concretas dos indivíduos e da espécie.

O homem primitivo e a criança pequena vivem o aqui e o agora, a partir da sua experiência sensorio-motora. Em seguida, na vigência da inteligência simbólica, a criança torna-se capaz de intuir que existem presentes das coisas passadas, das coisas presentes, das coisas futuras, do real e do imaginário, categorias que só são inteiramente compreendidas a partir da adolescência. Na meninice, a inteligência operacional concreta organiza eventos em sequência e em simultaneidade e logra uma compreensão mais clara da tríade da experiência temporal.

A inteligência hipotético-dedutiva em que se baseia a capacidade de abstração dos jovens abre espaço para o pensamento pós-formal e para os raciocínios probabilístico e dialético que se tornam possíveis na vida adulta, permitindo ganhos na compreensão das relações entre o tempo histórico e o tempo de vida individual, na percepção da sincronia e da assincronia entre eventos pertencentes a vários domínios da experiência e na compreensão da convergência de períodos normais e de crise no desenvolvimento individual e coletivo. As capacidades de memorizar experiências para poder relatá-las e prevê-las, de fazer contato com os semelhantes, de divertir-se, de ensinar, de estabelecer o status e a identidade nos grupos de pertencimento e de delinear as trajetórias de vida das gerações que compartilham o mesmo tempo histórico são precursoras da inteligência e da personalidade.

---

2 ATTALI, J. *Historias del tiempo*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1985.

Vivendo sob o império do relógio e de um cada vez mais sofisticado sistema de partição e demarcação do tempo cronológico, o homem contemporâneo mal se dá conta de que a temporalidade expressa nas idades do homem, nas fases da vida ou nas etapas do desenvolvimento não são causas, mas produtos da consciência. A exemplo do conceito de infância como importante fase da vida humana, criada no século XVIII pelo filósofo Jean-Jacques Rousseau (1712–1778), e das noções de adolescência e velhice como fases do desenvolvimento estabelecidas pelo psicólogo G. Stanley Hall (1884–1924) no início do século XX, os conceitos de idade são *invenções sociais* compartilhadas pelos indivíduos e pelas coletividades, em virtude de sua importância econômica e sociocultural em um dado momento histórico.

O processo evolutivo é fluido, constante, pessoal e socialmente regulado. Uma agenda socialmente prescrita rege a emergência de papéis sociais, gera expectativas de comportamento, cria normas e sanções etárias ao longo do desenvolvimento e torna-se um referencial para a avaliação do progresso individual. Instalam-se, assim, *relógios sociais*, metáforas para designar processos graças ao quais homens e mulheres tornam-se conscientes da própria normalidade ou ajustamento e admitem-se como *em dia* em comparação com os demais membros de sua *coorte*.

Mudanças ou transições que ocorrem no *tempo certo* e na sequência normal e esperada tendem a ser compartilhadas por pessoas da mesma *coorte*, isto é, que nasceram em um mesmo período com duração de 25 a 30 anos, e que, por isso, tendem a vivenciar eventos e mudanças socioculturais, tais como revoluções nos costumes e mudanças políticas, na mesma sequência e às mesmas idades. A contemporaneidade entre experiências e épocas de ocorrência tende a gerar formas de pensar compartilhadas, com forte influência sobre as instituições sociais e sobre a temporalidade individual e das *coortes*. Os marcadores sociais de idade influenciam o autoconceito e a subjetividade e organizam os usos políticos do tempo levando em conta as variáveis sexo, idade cronológica, gênero, nível de escolaridade e nível socioeconômico, determinando uma distribuição intencional de responsabilidades, oportunidades, vantagens e desvantagens sociais<sup>3</sup>.

Em um distante passado teocêntrico e antropocêntrico, as mudanças aconteciam muito lentamente, de forma diversa daquela que acontece na atualidade, quando a velocidade das mudanças científicas e tecnológicas é enorme. Em pouco tempo, o ser humano alterou tão substancialmente suas relações com os mundos físico e natural, que passou a questionar sua possibilidade de sobrevivência enquanto espécie. A desorientação ontológica do homem contemporâneo torna cada vez mais necessários o recurso aos mitos e o consumo de ideologias que definam suas aspirações para o futuro — e quem sabe para a transcendência —, permitindo-lhe ter alguma certeza com relação ao manejo do seu destino individual e cultural.

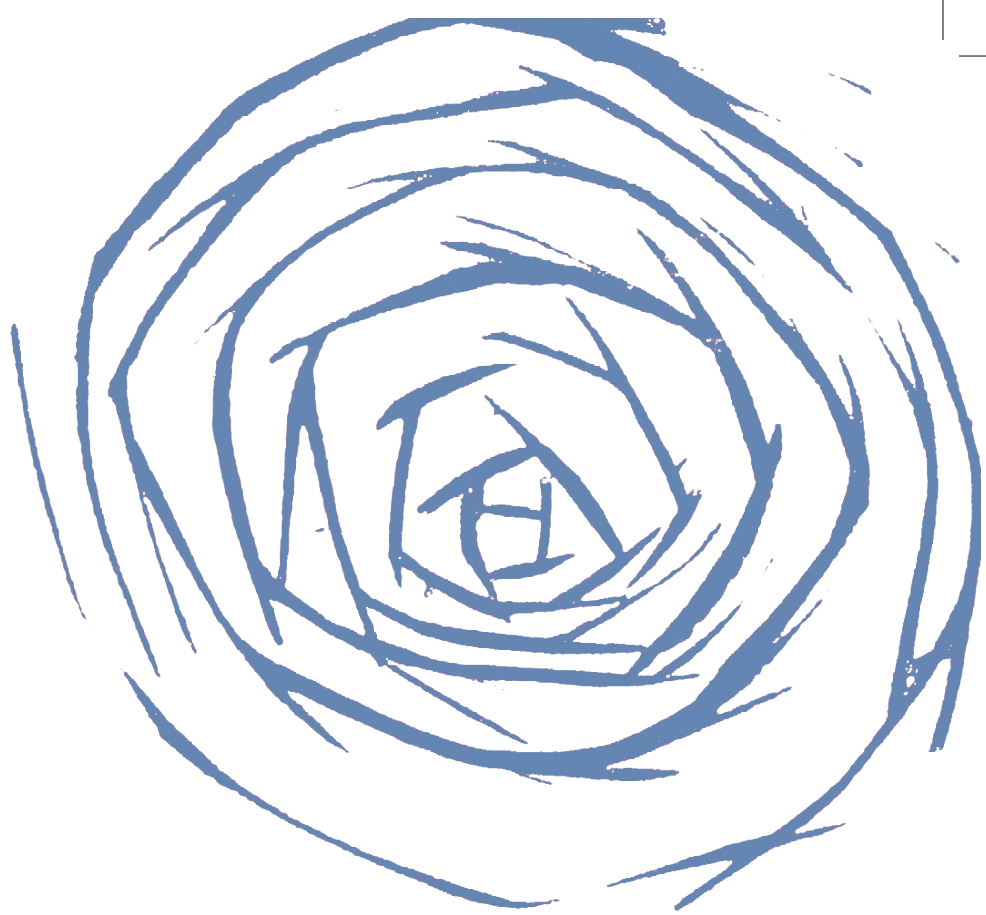
## Epílogo

Mais de quarenta anos são passados desde o dia em que o professor Joel Martins me propôs como desafio intelectual pensar o tempo e a idade como construtos teóricos, não como causas naturais dos fenômenos do desenvolvimento e do envelhecimento. Naquele momento, ousei desconfiar que ele estava sendo vitimado por algum engano, mas hoje eu cogito que seu sorriso inicial era de divertimento... Como convém aos filósofos.

*Salto, 5 de junho de 2025*

\* Citado no texto como seu mentor em estudos sobre fenomenologia e existencialismo, o prof. Joel Martins (1920–1993) diplomou-se pela antiga Escola Normal do Instituto Caetano de Campos, em 1941, doutorou-se em Psicologia Educacional pela USP, em 1953, e fez pós-doutorado na Universidade de Michigan, EUA, em 1954. Liderou o processo de criação dos cursos de pós-graduação da PUC-SP (1969) e da Unicamp (1976), que o agraciaram com o título de professor emérito, respectivamente em 1985 e em 1992. Em 1994, em homenagem póstuma à sua imensa contribuição à formação de gerações de professores e pesquisadores, a biblioteca da Faculdade de Educação da Unicamp passou a chamar-se “Biblioteca Prof. Joel Martins”.

**Anita Liberalesso Neri** (Cadeira 11 – Patrono Odmar do Amaral Gurgel): é psicóloga, doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP), professora livre docente e professora titular na Faculdade de Educação da Unicamp, onde trabalhou de 1984 a 2016, quando se aposentou. Desde então, é professora colaboradora no Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas da mesma instituição, onde continua pesquisando e ensinando no campo da Psicogerontologia. É membro fundador da ASLe, da qual foi presidente no biênio 2022–2024.



*“Cidade simples, pacata, que adorava  
serenata, quando a janela se abria.”*



**José Luis de Moraes**



# *Escrever o tempo*

*Augusto Gasparini Filho*

Retroagindo no tempo,  
nas asas do pensamento,  
minha Salto, vou contar...  
São histórias do passado,  
por sinal, sinto-me honrado  
em poder compartilhar.

Em seus momentos de glória  
já registrados na história  
que o tempo se fez perene...  
Recordar nossa cidade  
mergulhado na saudade,  
— algo divino e solene —

E a Rua 9 de Julho,  
muito calma, sem barulho,  
jamais se ouviam buzinas.  
Vários nomes, nessa via,  
mas quem se lembra que um dia  
se chamou Rua de Campinas?

Mais um ponto interessante  
do coretinho — o mirante —  
e do rio encantador...

E os casais de namorados  
ainda em tempos passados  
trocavam juras de amor!

E nas águas cristalinas  
a formar longas cortinas  
em meio à tarrafa e à rede,  
pessoas agradecidas  
pelas graças recebidas  
vinham matar sua sede.

Nos altos do Bela Vista,  
toda beleza se avista  
na alegria que destaca,  
mas não se sabe o porquê,  
pois quem te viu, quem te vê:  
chamavam de “risca faca”!

O jardim velho, saudoso,  
do sombreado gostoso,  
do verde da natureza.  
Pobre ou rico, rico ou pobre,  
do transeunte ao mais nobre  
enalteciam sua beleza!

Chegava o rádio à cidade  
e a voz, em velocidade,  
reunia o povo saltense.  
Velho jardim, ponto certo,  
que jamais ficou deserto,  
pelo rádio, certamente.

E para a compra ousada,  
para uns, muito abusada,  
a outros, inteligente,  
prefeito Major Garrido  
nunca se deu por vencido  
e agiu de forma coerente.

Era o rádio uma alegria,  
notícias, cantos, poesia,  
e o velho samba a rolar...  
E na música esquecida,  
quase sempre repetida  
pois não dava pra gravar!

Cidade simples, pacata,  
que adorava serenata  
quando a janela se abria.  
E a bela moça singela  
se debruçava à janela  
e com acenos... Sorria!

Fato certo e consumado,  
nas lembranças do passado,  
contadas de boca em boca.  
Na serenata que passa,  
foi no abrir da vidraça  
que surge o pai da garota!

E o carnaval da cidade  
feito em plena liberdade  
pra queimar adrenalina.  
Muito samba, muito axé,  
sapateado no pé,  
mais confete e serpentina.

No desfile em mutirão,  
mais chamado de “cordão”,  
pra não perder o costume,  
tinha alegria constante,  
tinha fôlego abundante  
e muito lança perfume.

Tinha a música entoada,  
Já na versão de balada,  
“minha irmã se chamava Ana”.  
E “me dá um dinheiro aí”,  
tudo isso, eu vivi,  
até: “Chiquita Bacana”.

E o coração foi trocado,  
pobre sogra, que pecado,  
mas qual coração que é?  
— Forte, valente, furioso,  
mas era muito amoroso,  
“coração de jacaré”!

Madrugada ganha vida,  
rasga o samba na Avenida,  
na festa, ninguém se salva...  
A lua, charmosa e bela,  
torna a noite mais singela,  
no canto da “Estrela Dalva”.

O sol já brilha no espaço,  
e pondo fim ao cansaço  
na luz de quinta grandeza,  
foliões se despedindo  
da fantasia se despindo,  
mas valeu pela beleza!

Lentos passos, retornando,  
folião vem meditando  
um amor em cada esquina...  
— “Carnaval enfeitado,  
coração apaixonado:  
Sou Pierrô sem Colombina”!

Algo mesmo interessante  
e de forma abundante  
jamais se repetirá...  
Revoando na cidade  
só nos deixando saudade  
os bandos de taperá.

Taperá é uma andorinha,  
meiga, dócil, pequeninha,  
a voar em liberdade...  
E o poeta sonhador,  
pra aliviar sua dor,  
a comparou com saudade.

**E assim se expressou:**  
A saudade é uma andorinha  
em perene migração,  
vem do passado e se aninha  
nos beirais do coração!

História que não fenece,  
na cidade que enobrece  
junto aos louros da vitória,  
no passado que é presente  
nas conquistas, simplesmente,  
que engrandecem essa história!

Lembranças, recordações,  
esperanças e ilusões  
ecoando céus e mares,  
mas tudo teve um começo,  
louvemos com todo apreço  
senhor Capitão Tavares.

Se alguém puder se lembrar,  
fato da história a contar,  
averbada e verdadeira...  
Pois o próprio fundador  
fez doação, por amor,  
do seu sítio: Cachoeira.

Oh, minha terra querida,  
junto às páginas da vida,  
da vida de uma cidade...  
Dizer-lhe muito obrigado  
das conquistas do passado  
por sua celebridade!

Seu nome figura em praça  
junto ao pedestal da graça  
de um Archimedes valente...  
Nas muitas benfeitorias,  
trouxe progresso e alegrias  
para Salto e sua gente!

Flávio Pretti foi pintor,  
o eterno renovador  
pintando azulejo e telas...  
Com clareza – sem censuras  
sem retoques, sem ranhuras –,  
bonitas, lindas, singelas...

Era criança, e “pintando”,  
simples garoto brincando,  
só por mera vocação...  
Desenhava nas calçadas  
figuras mais engraçadas,  
rabiscadas com carvão

Notem este pianista,  
grande regente e artista,  
pela música, um xodó.  
Compositor influente  
de um talento permanente,  
nosso Maestro Gaó.

Na alma, uma melodia  
ecoando noite e dia  
no pulsar do coração...  
Cada dia que raiava  
seu pensamento alinhava  
para uma nova canção.

E do rádio, da TV,  
lembrar-se-ia você  
do talento de um mestre?  
Na tela, sempre elegante,  
com sua voz, firme e marcante:  
lembra de Jota Silvestre?

Fruto da Escola Tancredo  
como base, quanto enredo,  
do sonho que não desiste...  
Jota Silvestre, valente,  
de um programa diferente:  
“onde o Céu é o limite”!

Caro Anselmo, que lembrança,  
quem espera sempre alcança,  
vai pra Europa e conquista,  
e na França, sim senhor,  
como um grande vencedor,  
foi muito mais que um artista.

Triunfo cheio de glória  
marcou seu nome na história  
de retumbante jornada.  
Receba, então, a poesia  
feita em versos de alegria  
pela palma conquistada!

## Uma palma para o Brasil

*Dedicada a Anselmo Duarte (em memória)*

Na tela dos sonhos, projeta-se a imagem,  
menino, garoto, de crença e coragem,  
da Salto pacata, amena e singela...  
Das ruas descalças, da luz penumbrosa,  
do apito do trem, dos versos, da prosa  
e dos filmes de amor, de reis, de donzela.

Na tela da vida, em obras marcantes,  
nas alças do mundo, em terras distantes,  
cenário de gala, aguarda o ator...  
Suspense. Emoção. Até que afinal,  
sem cortes, ranhuras, em cena real,  
o filho da terra se faz vencedor.

Na tela da glória, no aplauso profundo,  
da Europa distante, ao resto do mundo,  
levantam-se os brados, em honra e louvor;  
nas cenas marcantes, reluz a vitória  
e brilha um saltense — registra a história,  
na láurea maior ao bom pagador.

Na tela do aplauso, a luz resplandece  
em fochos brilhantes, e o mundo conhece  
no jovem talento, a essência da arte;  
e em meio ao cenário, a glória revela  
e o júri declara, em noite singela,  
com todas as honras: Anselmo Duarte!

Oh, meu Deus, como eu queria,  
na louvável Academia,  
abraçar solenemente,  
homenagens e louvores

às senhoras e aos senhores  
que passaram pela gente...

Em cada qual, uma história,  
em seus momentos de glória,  
fosse em prosa ou poesia,  
quem sabe até diferente  
do pensamento da gente,  
mas com intensa alegria.

Porém, são amigos tantos  
que se foram, entre prantos  
que a vida nos reservou.  
Mas certo nome, em verdade,  
que nos pranteia a saudade  
que essa história revelou.

Renunciou parte da vida  
por esta terra querida,  
por um amor de paixão...  
Falou da cidade antiga  
desde o tempo, que se diga:  
— Iluminada a lampião.

Imponente, sério, ordeiro,  
Ettore foi o primeiro  
a descrever a cidade.  
Lápis, caneta à mão,  
a tinta, o mata borrão  
e vinha à tona a verdade.

Em seu modesto escritório,  
tendo à frente o relatório  
na mais perfeita harmonia,  
tudo o que fez, por prazer,

na máquina de escrever,  
com plena sabedoria!

Um poema, em louvor,  
com rimas de fé e amor,  
neste momento envolvente,  
e qual fosse um mandamento  
reservamos o momento  
ao eterno Presidente.

### **Um pouco de mim!**

*Dedicada a Ettore Liberalesso (em memória)*

Bela Salto, tem paisagens,  
recebe mil homenagens  
de gente culta do mundo.  
Tem gravada sua história,  
no passo, leva a vitória,  
no seio, amor profundo.

Oh, Salto, das serenatas,  
das belas rochas, cascatas,  
da andorinha taperá,  
terra da simplicidade,  
berço da honestidade  
que jamais se apagará.

Esta Salto, joia rara,  
a qual nada se compara,  
pois nada igual eu conheço,  
recordando seu passado,  
eternamente lembrado  
Ettore Liberalesso!

É sempre um pouco de mim,  
viver consigo assim  
em seu berço acolhedor...  
— Viver em Salto, poesia,  
onde um poeta, um dia,  
escreveu versos de amor!

**Augusto Gasparini Filho** (Cadeira 12 – Patrono São Francisco de Assis): é bacharel em Direito, radialista, poeta e trovador. Há anos, sua voz inaugura as manhãs de Salto pelas ondas da FM90 — uma presença sonora que amanhece com a cidade. Também atua como cerimonialista, unindo sensibilidade e precisão. Cultiva com paixão a arte da trova, que traduz sua veia lírica e seu amor pela palavra. Casado com Maria Batista Gasparini, é pai de Taísa, Rodrigo e Randal e avô de Tainá, Taiane, Vinícius, Enzo, Davi e Daniel José. É membro fundador da ASLe.



*“Quando deixamos de ser crianças e nos tornamos jovens? Ou de jovens para adultos e mais tarde velhos?”*



**Marisa Aparecida Vieira Mansini**

# Tempus fugit

Chico Garcia

*“Existe um número infinito de realidades paralelas, coexistindo em nosso próprio quarto”*  
(Steven Weinberg – Nobel de Física).

“Teia cósmica” é a forma que se convencionou chamar bilhões de galáxias existentes no universo. Delas, se desdobra uma quantidade insondável de astros, que se comparam ao número de seres humanos; em absolutamente todos, vivos ou mortos. Acrescente-se que, pensadores, do passado ou recentes, chegaram a uma mesma conclusão, que, nessa vastidão, somos, quando muito, frações infinitesimais de instantes. Aliás, atestado na Bíblia junto ao canto do salmista: “Quando contemplo o céu, a lua e as estrelas que Tu criaste, pergunto-me, o que é o homem para Te lembrares dele ou dele Te ocupares?”.

Da ciência ou filosofia para uma visão mais ficcional, temos, logo na abertura de *A tabacaria* — de Eça de Queirós em seu heterônimo Álvaro Campos —, falando dessa angústia. Logo na primeira frase, ele diz: “Não sou nada!”. Hamlet de Shakespeare também, diante do que somos ou que poderíamos ser, sussurra: “Morrer, dormir; dormir, sonhar talvez!”. Ora, diante da imensidão da vida, tudo que realmente temos e somos, está no “AQUI e AGORA!”.

Não sei de você, mas comigo, desde cedo, eu navegava no tempo com a série *O túnel do tempo*. Naquela realidade multiverso (nem sei se já se usava o termo!), eu fantasiava a volta no tempo assim: se numa jarra de água cristalina alguém adicionasse uma gota de tinta branca, quando diluída, ela ficava leitosa. Na minha imaginação, o esbranquiçado era o passado e para sempre. Hoje, quando se consegue até dessalinizar a água do mar, talvez haja possibilidade (cara, imagino!) de reverter a água leitosa em cristalina e a gota de tinta!

Acontece que, quando essa reversão implica em tempo, tudo se complica, como disse Heráclito, “nenhum homem entra no mesmo rio duas vezes”, justificando que “tanto o homem quanto as águas do rio sempre mudam”, ou seja, um dos aspectos não citados por ele, mas parte integrante no argumento, é justamente o fator tempo. O seriado até permitia essa divagação que, na vida real, sabemos ser impossível.

Outro registro: a passagem do tempo é subjetiva e não precisamos de filósofos dizendo isso. Basta comparar o que representa, centésimos de segundo para um velocista comparado a um prisioneiro. Ou então, a noção de tempo de uma criança para um adulto. E para piorar, a ciência complicou mais dizendo: “o tempo não passa mais devagar, ele dilata”. Pois coisas assim me instigam a pensar fora da caixa; se perguntarmos às pessoas, o que elas veem quando olham um pêndulo de relógio, muitas dirão: “Ué, o movimento é de vai e vem, vai e vem!”. Ora, se o tempo só avança e conforme Heráclito, cada movimento se dá sempre em outro presente, “o pêndulo vai e vai, vai e vai!”. Concorda?

**Impermanência do tempo.** Como tudo sempre muda, com a passagem do tempo, temos outro conceito, o da *impermanência*; causas e condições se alteram com o tempo, com resultados imprevisíveis. E isso nos sugere perguntas como: “Quando deixamos de ser crianças e nos tornamos jovens? Ou de jovens para adultos e mais tarde velhos?”. Se todos temos a data exata de aniversário, por que não existe essa precisão em fatos cruciais como: “Qual foi a noite que dormimos crianças e acordamos adolescentes? Ou que sentamos jovens para jantar e, após a sobremesa, já nos tornáramos adultos?”. É isso!

Ora, se diante do inexistente Álvaro de Campos pairam incertezas como *A tabacaria*, gente importante de carne e osso teve dúvidas. Santo Agostinho, por exemplo, em *Confissões*, perguntou-se: “Quem poderá explicar clara e brevemente o tempo?”. E no exercício da fé que o tornou doutor da Igreja, ele responde: “Se considerarmos que todo o passado e futuro são criados e dimanam d’Aquele que sempre é presente, nada passa na eternidade. Tudo é presente”. Pergunto, então, se com clareza e fé do santo teólogo já seria difícil encararmos essas dúvidas, o que dizer com nossas dúvidas e crença vacilante?

**Fé, ciência e espiritualidade.** Religiões e práticas de fé sistematizam-se em normas, e a busca de se viver essas crenças se dá por práticas, símbolos e rituais. Já espiritualidade vai além, pois envolve valores morais, mentais e emocionais, refletidos em comportamentos e atitudes. Nisso tudo, ainda existe a fé na ciência e a ciência da fé; a ciência sempre procurando provas, e a fé realizando-se no improvável. E mesmo nas diferenças que as separam, elas nunca deixam de se relacionar; a fé inspirando positivamente a ciência, e a ciência afetando a vida espiritual.

Outro fato: o homem busca sempre prolongar a vida e tem conseguido bons resultados, no entanto, perguntas e dúvidas incômodas sempre pairam: “O que nos acontecerá depois de tudo?”. Mesmo a ciência em seu progresso, experimenta surpresas como, ao obter respostas, sempre decorrem novas perguntas. É o caso da teoria da relatividade estabelecendo que “espaço e tempo estão interligados e se influenciam mutuamente”. Sem competência, ousou aqui explicar Einstein em um exemplo prosaico, numa tempestade que, antes de desabar, é percebida pelos ventos fortes e nuvens escuras.

Na diferença de tempo entre a luz do relâmpago e o barulho dos trovões, sabemos se ela está se aproximando ou se afastando. Imagine-se, então, que você é um viajante da *Star Trek* em uma

galáxia distante anos luz daqui. Em dado momento, você faz uma pergunta para a Terra. Ela leva duas horas para ser recebida, e a resposta, outras duas para lhe chegar. Quatro horas, certo? Como tudo acontece on-line, qual é o tempo presente dessa conversa? Ou passado? É isso que Einstein fala da interligação tempo e espaço, a mesma ideia de estrelas que vemos, mas que os cientistas garantem estarem extintas. Coisas de doido!

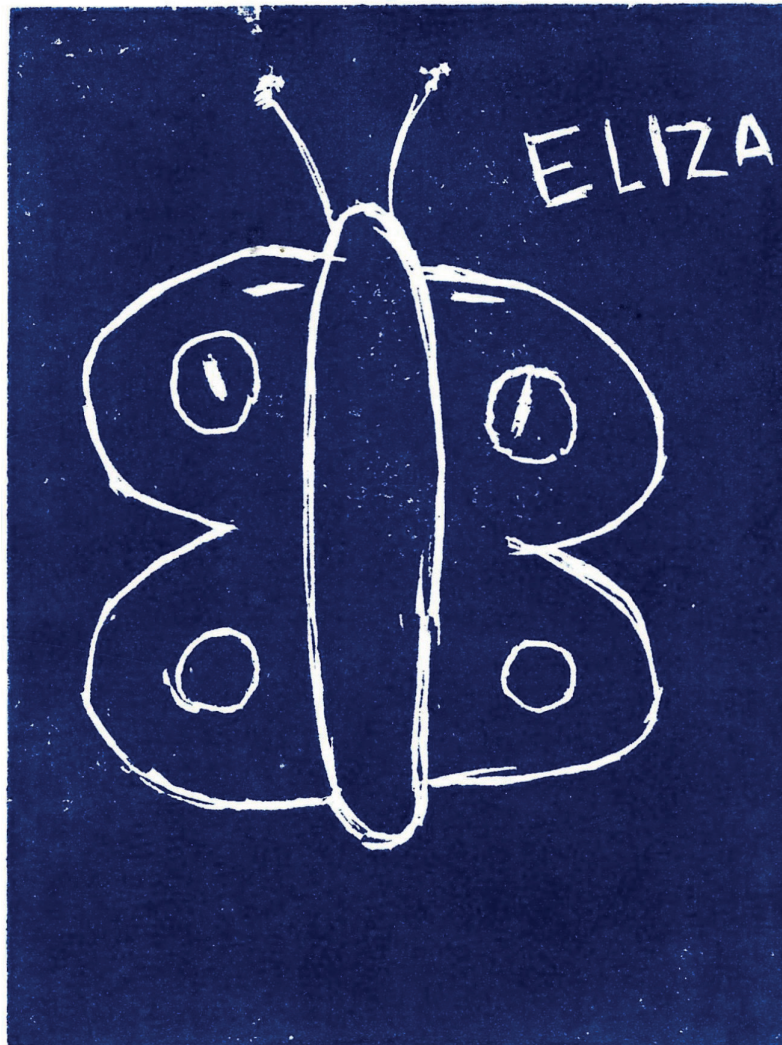
**Concluindo**, relendo essa minha divagação, lembrei-me daquela seção “Criança diz cada uma...” na revista *Seleções Readers Digest*. Contudo, pela impermanência das coisas — pessoas ou acontecimentos —, meu propósito aqui foi pensar e escrever livre, com uma ideia puxando outra. Tal como os astros que continuam girando e as coisas se renovando, nós aqui continuamos nossos pais, como eles continuaram os deles. Assim, indefinidamente, chegamos a Adão e Eva, ou ao *Big Bang*, se preferir. E, com um salto triplo carpado, sigo para o final.

Pelo batismo, herdei a fé cristã dos meus antepassados e, na crisma, tornei-me adulto nessa mesma fé. De São Paulo temos “de crianças víamos o mundo como crianças”; já como adultos, “compreendemos as coisas imperfeitamente e vemos através de um espelho de má qualidade”. Confesso ter saudade da inocência da criança que fui, frente ao choque de realidade de crescer. Por outro lado, na maturidade, descobri e me encantei com o *Eclesiastes* na beleza de frases e fatos, tão antigos quanto as montanhas, nos oferecendo racionalidade, poesia, valores e verdades. “Uma geração passa, outra vem, mas a terra subsiste”. ... “Existe tempo para sorrir e para chorar, tempo para plantar e tempo para colher”. ... “Todos saem do pó e para o pó voltam”. ... E arremata essa colcha de retalhos com laços firmes: “ vaidade das vaidades, tudo é vaidade!”.

Neste presente que só avança, resgato o título deste ensaio, *Tempus fugit*. O tempo voa. No adulto que somos, esconde a criança que fomos; no presente que vivemos, o futuro que seremos. Não podendo economizar o tempo, o ideal, então, é usá-lo bem, mantendo olhos abertos, buscando descobrir encantos escondidos no aqui e agora. Coisas pequenas, podem causar grandes efeitos. Assim como atividades físicas cuidam do corpo, praticar gratidão e ter mente positiva cuidam do espírito. Em suma, “não economize a casca dourada e inútil das horas”, como disse Drumond, mesmo porque “*tempus fugit*”!

**Chico Garcia** (Cadeira 13 – Patrono Monteiro Lobato): é professor do Ensino Superior, graduado em Administração e mestre em Gestão Estratégica de Negócios. Atuou em diversas instituições universitárias como docente e coordenador acadêmico, com ênfase nas áreas de gestão, planejamento e liderança. É membro fundador da ASLe, com produção voltada à crônica, à análise social e ao cotidiano. Tem uma coluna quinzenal no *Jornal Taperá*, de Salto, onde colabora como cronista. Participa ativamente de atividades culturais e educacionais no município de Salto. Interessado em temas como comportamento organizacional e ética e cidadania, busca aproximar o pensamento estratégico da reflexão humanista.

*“Custava a acreditar no que via: a  
lagarta que entrava na casinha e saía  
com asas, num voo colorido.”*



**Eliza Rodrigues**

# Natureza morta

*Katia Auvray*

— FALA COMIGO, menino! — insistia a mãe, inconformada com a sua mudez e teimosia. O menino insistia em olhar para baixo, para os seus grandes pés. Era silencioso, arredio e gostava de ficar só.

Sentia-se feliz ao olhar para as nuvens e sonhar com elefantes, tigres e savanas que deslizavam no céu.

Em alguns dias, via cavaleiros e castelos, competições e estandartes no emaranhado de flocos. Em outros, as nuvens se tingiam de arco-íris e, com elas, construía jardins coloridos.

Quando desperto, ocupava-se em acompanhar fileiras de formigas ao formigueiro e se entretinha com a conversa delas, que indicava a localização dos alimentos e caminhos.

Percebia o movimento das pequenas antenas e as mudanças de rumo de umas e outras e o empenho coletivo em levar, bem para o fundo da terra, os víveres que as manteriam durante outra estação.

Ah! As borboletas eram as suas preferidas! A elas dedicava especial atenção — até mais que às formigas —, e desde que eram apenas lagartas. Custava a acreditar no que via: a lagarta que entrava na casinha e saía com asas, num voo colorido. Não se cansava de admirar a variedade de suas cores e tamanhos.

Costumava encontrar nas proximidades enormes borboletas negras, com a parte de cima das asas na cor azul, e se maravilhava quando ela misturava ao bater das asas o seu colorido vibrante.

O menino notou que no inverno todos os bichos desapareciam, assim como ele, e que o mundo também se escondia, adormecido, para despertar num novo tempo.

Mas as nuvens estavam sempre lá e, às vezes, surgiam escuras e desabavam em trombas d'água. Pela janela da casa, se distraía ao ver os grossos pingos de chuva escorrerem pelo vidro, ou, então, corria para debaixo da cama para se proteger dos raios e trovões das tempestades.

Outras vezes, as nuvens ficavam invisíveis, como se não existissem, para ressurgirem subitamente e desenharem, apenas para ele, os sonhos da infância.

Ventos fortes balançavam as árvores como se quisessem arrancá-las, o que muitas vezes acontecia. O menino ficava triste, mas sabia que eram coisas da natureza e não da mão humana que ceifava a vida das florestas e dos animais.

No verão andava com cuidado para não esmagar com os pés a vida fervilhante sob as folhas caídas. Sentava-se sobre as raízes das árvores grandes e copadas apenas para ouvir o silêncio e nele se encontrar.

Em suas andanças, se lambuzava com as frutinhas silvestres que encontrava e com um tipo de abacaxi, pequeno e muito doce, que os moradores chamavam de ananás.

Aos domingos caminhava até a beira do Tietê — o “Rio Grande” dos seus ancestrais — para ver sua forte correnteza que corria veloz e observar a enorme massa d’água que saltava sobre as pedras e formava uma cachoeira.

Para apreciar o grande espetáculo do salto das águas, o povo da cidadezinha saía de suas casas bem cedo para conseguir o melhor lugar na ponte pênsil, até perto do teleférico.

O menino ficava à distância e se encantava quando as redes jogadas por dezenas de pescadores voltavam lotadas de lambaris, piabas, piquiras, mandis e manjubas, que, depois de abastecerem suas famílias, eram vendidos no mercado de peixes local.

Tinha medo dos grandes lagartos que habitavam as pedras da cascata e que ficavam imóveis e com a cabeça levantada, à espera apenas de que as grandes ondas lhes atirassem os peixes que caíam à sua frente para serem devorados.

No céu azul, via o voo dos bandos de taperás que formavam círculos e giravam vertiginosamente até retomarem a posição original e subirem tão alto que nem se podia mais vê-los.

Ao anoitecer as aves desciam como flechas atiradas do céu para a terra, para se esconderem nas fendas escuras das rochas e ali ficarem até o amanhecer.

Ao final da tarde, a população retornava às suas casas, e o menino, assim como viera, desaparecia sem ser notado.

Já homem feito, ouvia o coaxar das rãs e sapos quando o sol se escondia e as águas do rio se tornavam negras. Era o tempo de sair em sua direção para encontrar, bem no meio dele, o ser mais resplandecente que já vira.

Agachado e com a respiração contida, se aproximava sorrateiramente da água límpida e murmurante, e ali se quedava. Lá estava ela, com a sua longa cabeleira de fios de prata.

Permanecia em êxtase até que a amada, silenciosamente, se recolhesse. Com dificuldade, abandonava o local para retornar na noite seguinte e nas outras, mesmo quando, por alguns dias, não a encontrava.

Até que um dia ela desapareceu. Nuvens escuras tomaram conta do mundo, e já não mais se sabia se era dia ou se era noite. De nada adiantaram suas idas e vindas diárias ao rio, cujas águas límpidas turvaram-se lentamente.

Toneladas de entulho e produtos químicos despejados pelas indústrias tornaram o rio poluído e degradado. O “Rio Grande” expôs, como ferida aberta, as marcas da urbanização que lhe contaminou o leito e trouxe a morte para os peixes e para os outros animais que viviam em seu entorno.

De volta à casa, o homem adoeceu. Reunindo as poucas forças que lhe restavam, delirante e febril, arrastou-se para fora da enxerga e partiu, esperançoso.

De longe imaginou que a veria. De longe tomou tento do seu fascínio. De longe sentiu o coração explodir de amor.

Sobre as águas estrondosas, apenas a espuma química e mortal descia e se esparramava no ar, repousando sobre as pontes e as ruas. Enlouquecido, acreditou que o rio a houvesse tragado e, num ímpeto de coragem, despiu-se e, delicadamente, deslizou qual cobra sob a água.

Sargaços se enrolavam em suas pernas. Toneladas de resíduos plásticos e restos de objetos barraram-lhe o caminho. Com braçadas vigorosas, fendeu as águas abrindo passagem. Apenas um pálido esplendor dos cabelos o guiava. E assim, nu como ela e num último esforço, fundiu-se à amada.

No céu a lua indiferente seguia o seu curso, refletido em todas as águas do mundo e em todos os corações amorosos.

Na terra, espumas contaminadas atraíram turistas de todas as partes.

No rio, o corpo do amante jamais foi encontrado.\*

---

\*Criado com IH (inteligência HUMANA).

Fonte consultada:

CASTELLARI, Eduardo. **Pesquisa de Salto**. Itu: Ottoni, 2001.

**Katia Mangualde Auvray** (Cadeira 16 – Patronesse Cecília Meirels): nasceu em Belo Horizonte, MG. É professora de História, formada pela FAC-SP e pela PUC-SP, escritora e pesquisadora. Lecionou durante 25 anos em escolas públicas e particulares, onde desenvolveu dezenas de projetos relacionados aos direitos humanos e à importância dos cidadãos na construção do processo histórico. Entre eles, os livros *Um lugar chamado Brasil e Santa Terezinha*. É autora do livro-reportagem *Cidade dos Esquecidos: a vida dos hansenianos num antigo leprosário do Brasil*, da coleção *Magia da História* que, em seus cinco volumes, apresenta a história de Salto ao público infantil. Também, escreveu *Reflexões: pequenas notas sobre grandes temas*, além de ter participado de diversas antologias e produzido centenas de artigos, crônicas e ensaios para revistas e sites. É membro da ASLe desde 2013.

*“Eu, ainda sonolenta, pegava em sua  
mão e descíamos a rua 7 de Setembro.”*



**Maria Luiza Pessoa Felix**



# *Tempo com significado de saúde*

*Maria Christina Noronha Liberalesso*

Acredito que poucas palavras na língua portuguesa tenham tantos significados como o vocábulo TEMPO.

Quando, no jornal televisivo, o jornalista faz a pergunta: “Como estará o TEMPO amanhã?”

Poderemos ouvir a seguinte resposta:

“No Sul e Sudeste, teremos TEMPO agradável, com temperatura entre 22 e 23 graus; no Nordeste e Norte, a temperatura estará em elevação, chegando aos 28 graus; e a chuva continuará castigando o Centro-Oeste”.

Se, todavia, um médico neonatal perguntar à mãezinha ainda adolescente: “Quanto TEMPO tem o bebê?”

O resultado poderá ser:

“Quarenta e oito horas.”

Quando um historiador é questionado em que TEMPO ocorreu um determinado fato, ele nos indicará em que período, em que era, o episódio aconteceu.

No entanto, quando um policial pede que seja descrito o TEMPO do crime, deseja informações sobre dia, hora e circunstâncias gerais da infração.

Se, por ventura, em uma conversa domingueira, dissermos a um idoso para nos falar um pouquinho sobre o seu TEMPO, com certeza, ouviremos relatos fantásticos, que poderão ser hilários ou trágicos, mas serão uma história de vida.

Ainda, quando indagamos, quanto TEMPO temos para pagarmos uma conta, queremos saber qual o prazo para o vencimento da dívida.

Se perguntarmos ao médico quanto TEMPO entre um medicamento e outro, queremos saber o intervalo.

Se ao mesmo médico indagarmos quanto TEMPO temos, daí será uma pergunta sem resposta. E assim vamos ouvindo a palavra TEMPO com múltiplos significados.

Passamos, então, o nosso TEMPO todo ouvindo:

As crianças e os jovens nos dizendo:

“Isso é coisa do seu TEMPO...”

Os idosos, chorosos, lamentando-se:

“Que saudade do nosso TEMPO!”

Os ansiosos, bradando:

“Não me façam perder TEMPO!”

Os eternamente atrasados, fingindo desculpar-se:

“Ainda há TEMPO?”

Os avaros reclamando:

“TEMPO é dinheiro!”

Enfim, tudo é questão de TEMPO!

Bem, e para mim, o que é, na verdade, TEMPO?

TEMPO é SAUDADE!

Entrelaçam-se família, amigos, cidade, um conjunto harmonioso e indissolúvel.

## **Tempo – Saudade – Infância**

Na primavera da vida, talvez, a lembrança de TEMPO mais marcante foi a de ir com minha mãe, todos os dias, assistir à missa das 5h30, tomando comunhão, na Igreja Matriz Nossa Senhora do Monte Serrat. Ela me tirava da cama, cuidava de mim e me vestia com um casaquinho vermelho mais do que batido. Eu, ainda sonolenta, pegava em sua mão e descíamos a rua 7 de Setembro, morávamos cerca de quinhentos metros da Igreja. Minha mãe era uma mulher maravilhosa.

Lembro-me, também, com saudade, embora hoje com sorriso, das reuniões de Natal. É época de muita felicidade, pois a família sempre estava reunida e as crianças recebiam presentes, simples, mas que lhes davam enorme alegria. O engraçado é que as comilanças natalinas eram sempre as mesmas: frango assado, leitão e outras carnes próprias da época. Eu nunca comi carne. Ainda bem pequena, olhava a mesa farta e pensava, será que não terei coisa alguma para comer? Ninguém pensou em ovo frito? Bem, sempre havia arroz e farofa com uva passa, e eu me fartava.

O “Tancredo do Amaral” não pode ser esquecido, que TEMPO bom! Bons professores, bons amigos e a inesquecível Cida Boni que recebia a todos, funcionários, mestres e criançada, com aquele sorriso largo e franco que ainda hoje está estampado em minha memória e em meu coração.

## **Tempo – Saudade – Juventude**

“Cláudio Ribeiro”, início da minha vida profissional. Lugar maravilhoso, TEMPO inesquecível! Meus aluninhos tinham 4 ou 5 aninhos. O horário de início de suas aulas era diferenciado. As turmas normais iniciavam às 7h30; a minha turminha, do prezinho, deveria iniciar às 8 horas. Todo início de ano, combinava com as mães e com o diretor da escola, o competente e dedicado Sr. Moacir, que começaríamos também às 7h30, porque, dessa forma, os pequeninhos, perfilados, cantariam com os demais o Hino Nacional. Que orgulho eu sentia ao vê-los! O Sr. Moacir fazia questão que diretor, professores, funcionários e todos os alunos participassem do Hino Nacional, antes de irem para as salas de aula. Sinto saudade desse TEMPO em que era dada ênfase à educação cívica.

Mais tarde, foi o TEMPO de trabalho no antigo Parque Infantil, hoje Centro de Educação e Cultura. O dinheiro era curtinho, mas eu e minhas colegas professoras economizávamos para comprar uma bola de plástico para cada aluninho aniversariante, cantávamos parabéns e fazíamos festa com direito a merenda especial para o dia. As crianças atendidas naquela parte da cidade eram, em geral, bem carentes.

Durante todo esse tempo, no final de cada ano escolar, a prefeitura cedia dois ônibus e eu e mais três colegas íamos passar o dia no zoológico em Sorocaba levando 88 crianças de 4 e 5 anos. Havia muito amor e respeito entre alunos, professores e familiares. TEMPO maravilhoso!

E a diversão daquele TEMPO, quanta alegria!

Os maravilhosos bailes do Clube Ideal, com Bandas inesquecíveis, e as festas de setembro com dezenas de diversões.

Nos demais finais de semana, sempre passeios, com as amigas ou com o namorado.

Antes do passeio, sempre a missa na Igreja de São Benedito, quem disse que não havia TEMPO para Deus?

Depois um cineminha.

Difícil, muito difícil! Hoje, no aconchego do nosso lar, podemos escolher entre centenas de filmes, mas, naquele TEMPO, a opção era somente entre o filme do “São José” ou o do “Verdi”.

Qualquer que fosse a escolha, sempre teria que ser acompanhada de pipoca ou amendoim. Que TEMPO bom!

Depois de assistirmos o filme, a escolha tornava-se ainda mais difícil, ou uma voltinha na praça, ou uma chegadinha no Clube Ideal. O grande problema era que o TEMPO era curtíssimo, tínhamos que chegar em casa até as 22h, até as 22h30 era aceitável com muitas restrições.

E assim corria o TEMPO.

TEMPO com essência de felicidade.

Para mim, o auge do TEMPO com tal significado ocorreu no ano de 1973, quando, na Igreja Matriz Nossa Senhora do Monte Serrat, deu-se o “sim” com Paulo de Tarso. Iniciou-se, então, um novo TEMPO, repleto de novas vivências, relacionamento maravilhoso que Deus abençoou por quarenta anos.

## Tempo – Saudade – Maturidade

E o TEMPO passou rapidamente. Novos lugares, novos trabalhos, novos amigos.

Cresci, tive minha adolescência, juventude, casei-me e tive os dois filhos em Salto, depois fui morar em várias outras cidades. Morei em São Paulo, a quinta maior cidade do planeta, mas também na pequenina Grão Mogol, um lugarejo conhecido como “Vale da Morte”, no Vale do Jequitinhonha; conheço, um pouquinho de cada cantinho do país. Também morei em cidades praianas, Santos e Guarujá, e ainda em Lins, Promissão, Montes Claros e talvez tenha me esquecido de outras, pois a memória já não é como antigamente.

A família cresceu, meu irmão, Fernando, casou-se, e chegou minha cunhada, irmã de coração, Edalex; minha já cunhada e também irmã de coração, Anita, trouxe Aguinaldo, e os dois casais alegraram a família com sete maravilhosos sobrinhos.

Eu e o Paulo tivemos dois lindos garotos, Paulo de Tarso e Paulo Breno.

Eram tantos Paulos que às vezes dava uma grande confusão, principalmente ao telefone.

Minha mãe sempre morou comigo e no tempo do telefone fixo era bem engraçado. Tanto o Paulo de Tarso como o Paulo Breno fizeram medicina, então, quando o telefone tocava e minha mãe atendia, começava a bagunça:

— Quero falar com o Paulo.

— Qual deles?

— O Paulo de Tarso.

— Qual deles?

Tanto meu marido como meu filho eram Paulo de Tarso.

Se, no entanto, fosse:

— Quero falar com o Paulo.

— Qual deles?

— O médico.

— Qual deles?

E assim continuava a miscelânea.

Meus filhos casaram-se, e chegaram as noras, verdadeiras filhas que me presentearam com minhas quatro joias, meus amados netos: Louise, Luís Eduardo, Maria Clara e João Pedro.

Durante anos e anos, TEMPO de muita Felicidade. Família e amigos estiveram ao meu lado, e agradeço-lhes pelo carinho.

É fundamental ressaltar a importância das verdadeiras amizades. Algumas que duram mais de meio século, como Irani, Ida, Leda e Meire, outras que fiz durante minha jornada pela vida, e ainda outras que encontrei em nosso sodalício, Cristina, Jorge e Piunti. Esses irmãos de coração dão-me força para carregar o fardo que fica mais pesado com o passar do TEMPO.

Embora muito a vida tenha me dado, quase tudo tem me tirado.

Em absoluto, não falo sobre coisas materiais, quero falar sobre algo muito mais importante, sobre pessoas.

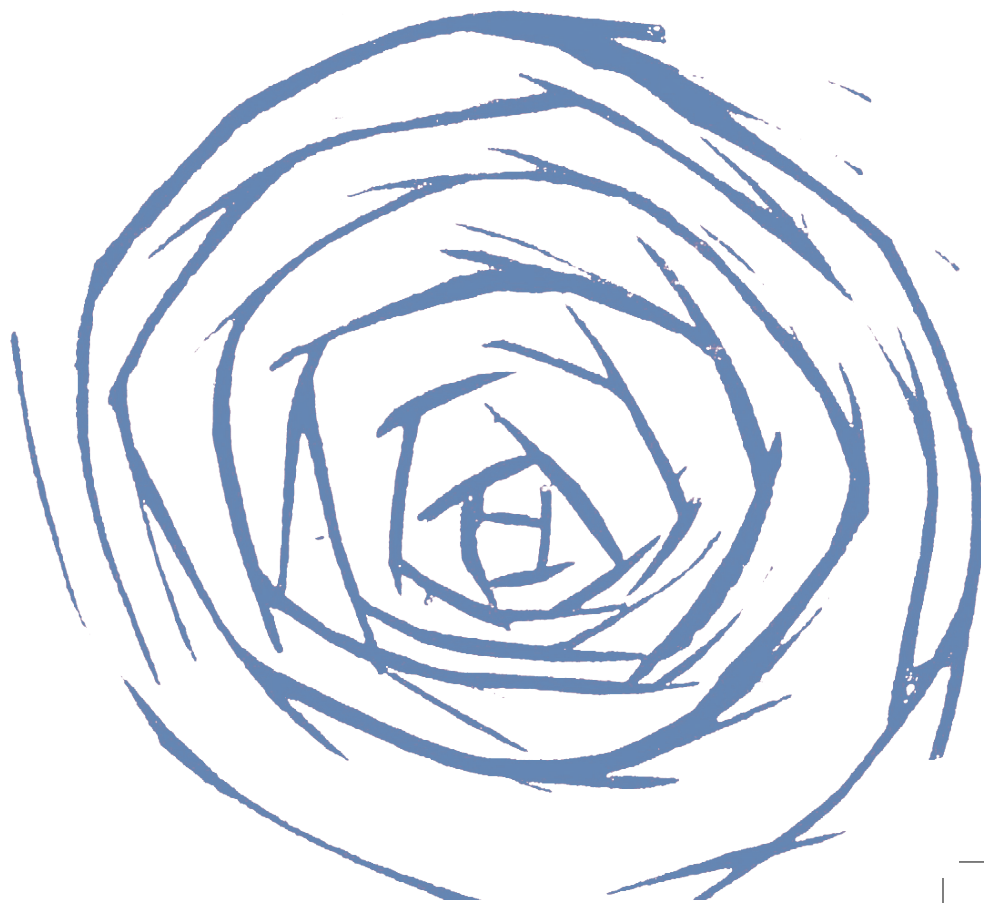
Embora tenha como sustentáculo meu adorado filho Paulo Breno, minhas queridas noras Vanessa e Karina e meus amados netos, hoje, o TEMPO para mim significa apenas SAUDADE.

Saudade de lugares e da juventude, sim, porém, a SAUDADE maior é das pessoas queridas que o TEMPO me levou: meus pais, Yolando e Diva, meus pais de coração, Ettore e Virgínia, meu único irmão, Fernando, meu marido, Paulo de Tarso, companheiro por quarenta anos, e um dos meus filhos, Paulo de Tarso Filho, impossível de me conformar. A eles agradeço pelo TEMPO que passaram comigo e por todos os maravilhosos momentos que juntos desfrutamos.

TEMPO e SAUDADE, para mim, têm exatamente o mesmo significado.

Dessa forma, então, cada um vai vivendo o seu TEMPO, porque a vida é, na verdade, o TEMPO que Nosso Pai Celestial, o Grande Arquiteto do Universo, nos concedeu para passarmos neste local da galáxia que Ele nos colocou, sentindo SAUDADE do TEMPO passado.

**Maria Christina Noronha Liberalesso** (Cadeira 17 – Patrono Antoine de Saint-Exupéry): é advogada pela Faculdade de Direito de Itu, pós-graduada em Processo Civil pela PUC e em Libras pela Universidade Paulista, professora de Ensino Infantil, de primeiro e segundo graus, de graduação em Direito e em Libras. Tem surdez profunda bilateral. É autora dos livros *Estudo etiológico e legislativo sobre a surdez – Manual do iniciado*, com Paulo de Tarso Liberalesso Filho, *Propedêutica médica*, também com Paulo de Tarso Liberalesso Filho, e *Sintonia de almas*, com outros acadêmicos. Tem participação em: *Salto: por que me encanta?*, *É de sonho e de pó*, *Elas: trajetórias femininas* e *Antologia ASLe II*. É membro da ASLe desde 2014.



*“Dia também de frequentar com minha mãe e meu irmão a igreja São Benedito, pertinho da minha casa! Aprendi todas as músicas que cantavam na igreja.”*



Aparecida Lourenço de Oliveira

# *Abrindo minha janela*

*Cynara Lenzi Veronezzi*

Manhã de outono, de uma pulsante cidade do interior, abro a janela e o sol invade meu quarto, refletido raios luminosos no espelho! No mesmo momento, meus pensamentos são invadidos por lindas lembranças de quando criança! Enquanto deixava o sol se apoderar do meu quarto, naquele espaço, eu penteava meu longo cabelo sentada na minha adorada penteadeira cheinha de objetos queridos, que separava meu espaço com o do meu irmão. Eu observava àquelas luzes maravilhosas, que pareciam arco-íris e tomavam conta do lugar e deixavam meu mundo infantil, “o mundo encantado da Cy”, ainda mais encantado e acolhedor! Meu olhar se concentrava naquela beleza, naquele momento, naquela luz toda.

Criavam-se efeitos maravilhosos com um simples movimento de abrir uma janela!

Nesse mesmo momento, incansáveis pensamentos direcionavam minha caminhada infantil. Sem preocupações adultas ou boletos para pagar. Caminhada essa sendo “acordada” com o barulho delicado dos pães e do leite, fresquinhos, que eram entregues toda manhã, pelo padeiro, na porta da minha casa! Acontecia até de eu ver a silhueta do padeiro. Eram depositados na sacola que minha mãe gentilmente deixava antes de dormir, acordadamente com o dono da padaria. E não eram roubados? Atrevimentos desse tipo eram raros, mesmo para uma casa de área externa aberta e portãozinho baixo, numa rua tranquila, no centro da cidade.

Café da manhã tomado, hora de subir o único quarteirão que me separava da escola da qual estudava, Escola Estadual Profª. Paula Santos, escola essa que estudei por toda minha infância e pré-adolescência e aprendi a amar. (Ah, que delícia os pastéis da dona Jura, dona da cantina da escola). Lá, criei vínculos, descobri o mundo e senti que gostava das letras. Visitando com frequência a linda e respeitosa biblioteca, monitorada pela bibliotecária dona Lourdes, eu viajava nas folhas e nos cheiros que exalavam os livros dali. A curiosidade imperava meu pequeno ser.

A sensação de pertencimento àquele lugar era primordial para que eu, Cy, tivesse uma aprendizagem positiva e feliz.

Só pensava mil vezes antes de passar pelo senhor “Tarcizão”, com sua cara fechada e ar de imortal! No fundo, no fundo, ele só queria manter a ordem da escola.

As aulas de Educação Física na quadra de cimento, com visão para o prédio do Cartório Eleitoral na Rua Nove de Julho, do qual minha mãe trabalhava, me davam a garantia de segurança e conforto, era um porto seguro. E os joelhos? Esfolados de tanto cair naquele chão.

Eu voltava para casa correndo, almoçava e me preparava para assistir os programas de tv que envolviam histórias e encantamentos, como o sítio do Pica-pau Amarelo, por exemplo.

A vontade que batia, de buscar doces "de bar" desafiavam minha preguiça a todo momento. Porém, eu vencía e as marias-moles com bolachas, doce de batata-doce, eram meus preferidos.

Até mais grandinha, preparava uma receita doce de cocadinha, mas era só comer e o sono, me fazer atravessar a tarde. Coisas da Cy!

A necessidade real de esperar pelos sorveteiros (um deles futuramente meu marido), que passavam quase todas as tardes, com sorvetes de gelo e de leite de diversos sabores! Esperava, ansiosa por eles, que gritavam em alto e bom som: "Sorveeeeeteirooooo".

A corrida era grande nas casas ao redor. A busca por dinheiro para esse fim era rotineira. Tinha também os sorvetes da Kibon, mas eram para ocasiões especiais.

As noites quentes eram contempladas com crianças pelas calçadas e suas bikes (ganhei arranhões que deixaram marcar em minhas duas pernas), brincadeiras de esconde-esconde e muito mais. As mães ficavam nos portões acompanhando os filhos, que iam de lá para cá e de cá para lá. Às vezes, elas sumiam para dentro de suas casas, noveleiras que só, e, mesmo assim, sabíamos de qual horário entrarmos, pois a indústria Eucatex apitava às "dez da noite", e tudo era deixado para o dia seguinte, porque ordem de mãe era sagrada: "Quando apitar a Eucatex, entra!".

E a rotina de dormir era rigorosamente mantida por toda a semana!

Aos sábados, o descanso e a preguiça reinavam. Nas manhãs quentes de verão, íamos eu e meu irmão, juntamente de minha mãe, na escolinha de natação da Associação Atlética Saltense, onde a dificuldade em não ter medo de pular de ponta imperava no meu ser! O professor todo motivado, em sua aula, com os alunos: crianças, mães, papais, vovós, todos juntos e misturados, tornando momentos de diversão, alegria e muito desafio para uma garota que queria lançar-se nas piscinas sem medo delas!

E nas tardes de sábado? Eu, Cy, observava, sentada no último degrau do portão, meu querido pai, Valter, lavar seu Passat amarelo, que eu achava lindo! Às vezes, ouvia dele: "Cy, pega um pano pra mim?".

E eu ia, toda animada, realizar seu pedido! Eu dava o maior apoio naquela lavagem!

Dia também de frequentar com minha mãe e meu irmão a igreja São Benedito, pertinho da minha casa! Aprendi todas as músicas que cantavam na igreja. Dia de comer a pipoca com molhinho do Seu Zé, que ficava religiosamente no término da missa.

Dia de passear “de carro lavado” em Itu, no supermercado Sim (que hoje não existe mais).

Confesso que, nesse caminho até Itu, tentava não olhar, na ida e nem na volta, as árvores da estrada, pois achava que índios escondidos seguiam nosso carro! Fantasia infantil da Cy.

Voltávamos contentes com as bolachas recheadas que existiam na época, seguíamos até o restaurante Scalet, onde desfrutávamos de uma pizza ou salada!

Domingos sugeriam, uma vez ou outra ao acordar, um passeio com a vovó e o vovô até São Paulo, para visitar a tia Neuza e meus primos queridos, além de comer um delicioso pastel que ficava na feira, na porta da casa da minha tia.

Memórias quentinhas de uma adulta que teve uma infância simples, porém, muito feliz.

Memórias que aconteceram e afluíram-se num simples ato de abrir minha janela!

E foi assim que aconteceu...

**Cynara Lenzi Veronezi** (Cadeira 18 – Patrono Dante Alighieri): é formada em Pedagogia e professora aposentada. É autora dos livros: *Historinhas*, *Histórias pra contar*, *Minha fiel escudeira e eu*, *A pandemia do Reino Encantado*, *E foi assim que aconteceu... Salto e Vamos de história?*. É membro da ASLe desde 2014. Realiza anualmente o *Prêmio Valter Lenzi Historinha*, que já está em sua 9ª edição. Como contadora de histórias, tem mais de 100 vídeos gravados nas redes sociais.

*“A população presa em casas, e o perigo solto nas ruas.”*



**Lázaro do Amaral**

# Viagem no tempo

*Cristina Maria Salvador*

*Existem... Três tempos na minha mente que não vejo em outra parte: lembrança presente das coisas passadas, visão presente das coisas presentes e esperança presente das coisas futuras...*

(Santo Agostinho, sec. IV–V d.C.).

Dia 15 de março de 2025. Ao olhar o celular, o relógio marcava 11h30, quando Jorge e eu saímos da Biblioteca Municipal Professor Valderez Antonio Bergamo Silva, após mais uma das reuniões da ASLe, e fomos caminhando a passos lentos, até chegar na esquina da Rua 9 de julho, defronte à Pastelaria Central. Paramos a observar as mesas vazias naquele momento. De repente, Chronos foi, por mim, visitado por Kairós, como um flash, ao abrir uma porta para o passado.

Processo em que, em outra dimensão da temporalidade, Kairós rompeu a trama do tempo e trouxe-me o Bar do Boni de volta a minha mente. Bar que ocupara aquele espaço anos atrás. Uma sensação de finitude da vida em que tudo passa e se transforma tomou conta do meu ser. Ao abrir os olhos da alma, vi e revivi amigos agrupados ao redor de uma comprida mesa a conversar animadamente. No centro, garrafas de cerveja e de Gengibirra. No balcão, Seu Boni e o senhor Vicente Bifano a conversar.

Rápido como apareceu, a imagem do passado vivido desapareceu, trazendo-me de volta à realidade, com uma forte impressão e sentimento de saudade. Contei ao amigo o que ocorrera, sobre a substituição da Pastelaria Central pelo Bar do Boni, local de encontro, principalmente de jovens, nos finais de semana.

Retomando a caminhada, continuei: “Era neste espaço que, nos anos 60 e início de 70, nos reuníamos aos sábados com amigos moradores na cidade e outros que trabalhavam ou estudavam em São Paulo, fiéis aos nossos encontros. Muito tínhamos para trocar das vivências da semana e planejar ações futuras”. Relembrando aquele cenário, refleti e comentei que “poucos amigos daquela época residem hoje na cidade, enquanto outros seguiram novos rumos. Alguns já se encontram em outros níveis de existência, a nos provocar grande sentimento de saudade. No grupo, era uma

das mais jovens, mais ouvia, pouco a contribuir pela pouca idade e vivência construída”. Continuei o relato, lembrando: “Depois do bar, nos dirigíamos ao Clube Ideal a encerrar a noite. Ao som da vitrola existente no local, uns iam dançar seguindo os ritmos da época e outros continuavam a conversar”.

Sentindo-me nostálgica, acrescentei reflexiva: “O tempo não volta atrás, só nos traz a lembrança de resquícios dos fatos e acontecimentos quando estávamos presentes num passado distante. Juventude sadia! ... Que tempo bom! ... Que saudade! ... Encontros e desencontros marcaram aquelas décadas”.

Fiquei a pensar que tal fenômeno ocorre quando as duas dimensões do tempo (Chronos e Kairós) se articulam, dialogam. O Chronos, ao ter consciência da passagem do tempo, marcado pelos segundos, minutos, horas, dias, semanas, meses, anos, séculos, milênios, tem aspectos apreendidos num valor quantitativo. Tempo medido no relógio ou outros instrumentos. Por sua vez, o Kairós, em seu aspecto qualitativo, permite atribuir ao tempo a qualidade que marcou o vivido ou o imaginado. Momento mágico de *iluminação, inspiração, descoberta ao ser percebido*, revivido vivido, que ao articular-se ao tempo cronológico ressignifica-o (Queiros, 2000). Quantas vezes ouvimos comentários de que “o passado era muito melhor que agora”, ou que “o presente é muito melhor que o passado”. Cada um traz em seu falar sua própria impressão, opinião e valor, em consequência das circunstâncias vivenciadas.

Após despedir-me do amigo, segui para a chácara. No caminho, veio-me à mente que apenas me lembrava dos acontecimentos do passado por fazer parte daquelas situações, por estar presente. Ao relembra-las no agora, trouxeram imagens, algumas marcas e algo das palavras que foram trocadas.

Encontrei em Santo Agostinho (sec. IV a V d.C.) uma explicação que me ajudou a entender o acontecido:

Ao passar os acontecimentos verídicos pelos sentidos gravam no espírito uma espécie de vestígios, imagens. O que fica no agora, hoje, no presente, são as lembranças trazidas pela memória do tempo vivido, ao observar com os olhos da alma, do coração e mente, os acontecimentos e fatos de quando lá estive presente. (p. 284)

Daí conclui: a minha juventude, que já não existe presentemente, existe no passado que já não é, porém, quando a evoco e se torna objeto de alguma descrição, vejo-a no tempo presente, pelos vestígios e, mesmo, imagens do que ficou na memória, trazidas pela lembrança, ao ser provocada.

Essas questões me vêm à mente sempre que percorro as ruas da cidade. Não posso impedir a presença do Kairós a dialogar com Chronos, ao observar o quanto Salto vem se modificando, se transformando com o passar dos anos. Pouco se manteve da década 50, tomada como referência, em que a família deixou a vida campestre para aqui viver, após a venda da Fazenda Santa Cruz, pertencente à família Salvadori. Fazenda que, na época de sua venda, contava com território de quase 300 alqueires e, no agora, não chega a 40 alqueires, de acordo com um dos atuais proprietários. A diminuição territorial provocou as grandes mudanças que ocorreram em seu cenário. Mudanças que são comprovadas pelos fragmentos que ficaram gravados na memória ao relembrar da infância, lá vivida.

Quanto a cidade de Salto, por sua vez, naquela época, era uma pequena cidade cercada de chácaras, sítios, fazendas.

A população se concentrava praticamente num bloco, que ia das margens dos Rio Tietê e Jundiaí, passando pela Praça Paula Souza a Rua José Weissohn, subindo até a Rua Rio Branco com os quarteirões das casas dos empregados da indústria Têxtil Brasital, que juntamente com a Indústria Têxtil Assad Abdalla, empregava grande parte da população saltense. Do lado oposto, a cidade ia até a atual Rua 24 de Outubro, seguindo-se um “estradao”, até as margens do Ajudante. No local onde hoje está a Praça XV. (Salvador, 2021, p. 93)

Pode-se dizer que a cidade era uma grande família, pois todos se conheciam. A proximidade residencial e frequência a lugares comuns facilitou a ocorrência de casamentos entre membros de famílias próximas, fortalecendo laços de parentesco.

Nas proximidades da década de 50, a vida na cidade estava estagnada, quando ocorreu significativa mudança no cenário saltense com aceleração populacional, decorrente inclusive de instalação de novas indústrias de grande porte, na margem esquerda do Rio Jundiaí, com acesso pela ponte de madeira construída por volta dos anos 1939, reconstruída posteriormente.

Inicialmente, foi instalada a indústria Picchi, do saltense Sr. Oswaldo Picchi, uma indústria laminadora de metais, aproveitando paredes que restara da antiga fábrica de tecidos do Dr. Octaviano, destruída por incêndio. Na antiga “Chácara Barrote”, ocorreu a instalação da SIVAT, seguida da Eletro Metalúrgica Abrasivos Salto (EMAS), com frente para a Rua Marechal Rondon, que, além do município, leva o nome de Rodovia Hilário Ferrari. Depois veio a Eucatex S.A., que foi, no Brasil, a primeira do gênero a usar o eucalipto como matéria prima, além de outras de pequeno porte (Liberalesso, 2000, p. 190).

A cidade foi crescendo e se modificando ao longo do tempo, atendendo necessidades, seguindo suas tendências e costumes vigentes.

O tempo passou. Em 2022, segundo dados de IBGE, a população era de 140.000, hoje, 2025, estima-se que seja por volta de 141.989 habitantes. O aumento veio ocorrendo, entre outros fatores, devido à migração brasileira na procura de emprego e melhores condições de vida, na cidade que se industrializava. Processo inverso do imigratório de séculos anteriores, quando o país era a atração. O aumento populacional desencadeou mudanças significativas no cenário saltense na busca de atender suas necessidades: social, política, cultural, educacional, espiritual, dentre outras.

Durante muito tempo, a cidade que fora basicamente industrial, no final do século XX, veio perdendo espaço para os setores comerciais e de serviços. Seu centro, antes residencial, foi expulsando os moradores para outros locais, mais distantes. A zona rural cede lugar a bairros, villagens, condomínios horizontais e verticais. Mudança que leva a população a estabelecer novas relações interpessoais, inclusive o isolamento, uma vez que, na maioria das vezes, não se sabe nem quem são os vizinhos.

Em tal cenário, aqueles que residem há mais tempo na cidade sofrem muito mais vezes o confronto do tempo Kairós com o Chronos. No meu caso, ocorre com certa frequência quando, ao passar pelas ruas centrais da cidade, os olhos corporais, ao observar uma casa comercial, serem substituídos pelos olhos da alma, que visualiza no lugar uma casa residencial, onde uma família conhecida ocupava aquele espaço. Enxergar na janela uma mulher e outra na calçada.

Rapidamente, a imagem do que já fora cede espaço ao Chronos, que, ao resgatar os olhos do corpo, ocupam a realidade. Vejo que estou em frente da casa comercial. Cenário agora atual. Constato: o passado passou, nada mais será do jeito que já foi. Agora, do passado, só lembrança, fragmentos registrados na memória de um passado vivido, que passou.

Fiquei a relembrar das inúmeras vezes que aquela imagem trazida pela memória fazia parte da rotina. Passava sempre naquela rua, e era comum presenciar as duas vizinhas a trocar um “dedinho de proza”, expressão usada na época. Tempo em que era usual a colocação de cadeiras nas calçadas para os amigos e vizinhos ficarem a conversar, nos finais de tarde e de semana. À noite, a visita à casa de um amigo ou parente fazia parte dos costumes da época, sem receio de correr risco.

Tempo bom! ... Quantos amigos! ... Encontros... Parcerias.... Diálogos.

Aos poucos, a tranquila cidade foi lentamente mudando sua fisionomia e costumes com a chegada, inclusive, das tecnologias, estabelecendo outras relações interpessoais. Não mais conversas nas calçadas, cada um em sua casa. Em muitos casos, cada um isolado em seu espaço, em seu próprio mundo... Isolamento... Inclusive nas famílias. Quanto à visão das casas, também mudou e muito. Basta observar as janelas e sacadas com grade. Sabe por quê? Basta refletir um pouco. A população presa em casas, e o perigo solto nas ruas.

A cidade que, no passado, abria porta para novos moradores e trabalhadores, agora, significativo é o número daqueles que residem em Salto, mas trabalham em outras cidades. O receio é de que ela, no futuro, se transforme em cidade dormitório. A esperança é de que não ocorra tal fato.

## Referências

HIPONA, Agostinho de. **Confissões**. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

LIBERALESSO, Ettore. **Salto**: história, vida e tradição. 2. ed. São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

QUELUZ, Ana Gracinda. Tempo. *In*: FAZENDA, Ivani C. A. (Org.). **Dicionário em construção**: interdisciplinaridade. São Paulo: Cortez, 2001. p. 141.

SALVADOR, Cristina Maria. **Passado & presente se entrelaçam para o futuro**. Salto, SP: Taperá, 2021.

**Cristina Maria Salvador** (Cadeira 20 – Patrono José Francisco Archimedes Lammoglia): é mestre em Educação pela PUC-SP, psicopedagoga, pedagoga e licenciada em Letras com especialização em Literatura Portuguesa. Sua dedicação à literatura resultou na publicação de *Passado & presente se entrelaçam para o futuro*, em 2021, e sua participação em coletâneas. Desde 2013, é membro da ASLe, tendo exercido a função de 1ª Secretária em duas gestões e, também, foi membro do Comitê de Ética.

*“Cataplum! O som grave do impacto foi tudo que ele conseguiu sentir antes de desabar.”*



**Cássia Longati**

# O tempo dele

*João Milioni*

Ainda carregando em suas asas pequenos tufo de penugem, aquele anjinho recém promovido à categoria de Anjos do Senhor de Primeira Viagem, voava serenamente pelos clarões do azul celestial, quando de repente!

Cataplum!

O som grave do impacto foi tudo que ele conseguiu sentir antes de desabar.

Atordoado e sentindo as asas doloridas, abriu seus olhos, e nada.

Tudo estava escuro.

Esfregou os olhos numa tentativa de melhorar a visão, e nada novamente.

A escuridão era envolvente, negra e silenciosa.

Seu coraçãozinho já estava disparado quando um fecho de luz começou a abrir-se lentamente em sua direção.

Com suas peninhas arrepiadas, escutou a voz que vinha em sua direção.

— Ora... Ora... Vejo que alguém está precisando da minha ajuda.

O dono daquela voz foi chegando mais perto, e o pequeno anjinho viu surgir à sua frente um colossal par de asas negras que refletiam a luz como flechas reluzentes.

O ar abafado sob os leves movimentos daquelas asas gigantescas lufava em sua direção, fazendo suas pequenas penugens denunciarem seu desconforto.

E então, aquele ser gigantesco surgiu bem à sua frente e, com os olhos grandes e agudos, debruçou-se ao seu lado e sussurrou com voz rouca:

— Está perdido, pequenino?

Já tentando se recompor, sem demonstrar muito medo, o pequeno anjo respondeu de maneira enfática, querendo mostrar confiança:

— Jamais... Apenas tive um imprevisto na minha rota.

Percebendo aquelas enormes asas negras sobre sua cabeça, o pequeno anjo ouviu o estrondo irritadiço daquela voz.

— Jamais... Jamais! Um pirralho como você cai no meio do meu jardim e ainda fica com as asinhas empinadas pro meu lado! Então me diga, pequenino, o que aconteceu com você para vir parar aqui?

Antes que conseguisse responder, o pequeno anjo tentou erguer-se, mas aquele facho de luz sobre sua cabeça limitava sua visão, e a única coisa que ele via era o brilho das enormes asas negras e aqueles olhos aguçados bem à sua frente.

— Acho que tive um pequeno acidente. Meu plano de voo não indicava nada de anormal. Não sei dizer exatamente o que aconteceu. Acho que, em questão de instantes, o tempo fechou muito rapidamente e eu não percebi. Deve ter sido isso... O tempo!

As enormes asas negras lufaram e se abriram gigantescas, cobrindo-lhe de sombra, e a voz trovou gravemente:

— O tempo?! Tinha que ser o tempo! Essa com certeza é a palavra preferida Daquela ali em cima. Sim... Porque tudo pra Ele é o “tempo”.

— Desculpe, mas... Do que você está falando? Perguntou o pequeno anjo.

— Ora, pequenino, você quer mesmo entrar nessa discussão?

— Que discussão? — Perguntou o pequenino anjo.

— Sobre o “tempo”, oras bolas! Tudo pra Ele é o tempo, toda desculpa do mundo é sempre o tempo, então faça-me um favor e vê se esquece essa palavra!

— Continuo sem entender — disse o anjo.

— Claro, você ainda é muito novo. Como Ele diria: Tudo ao seu tempo!

Então o pequeno anjo, com uma certa dose de coragem, perguntou:

— Bom, então você pode me dizer onde estou, ou prefere aguardar um tempo?

Envergando suas potentes asas negras, o enorme ser alado replicou:

— Oras, mas vejam só... Um anjo com senso de humor! Estou começando a gostar de você.

— Que bom — disse o anjo.

E o enorme vulto negro voltou-se para o pequeno anjo e disse:

— A questão, pequenino alado... Não é sobre onde você está... Mas sim diante de quem você está.

Mesmo sentindo aquela sensação de friozinho nas asinhas recolhidas, o pequeno anjinho suspirou fundo e, em seguida, inquiriu o grande vulto negro à sua volta:

— Bem, então por favor, me diga: diante quem eu estou? Quem é você?

O pequeno anjo instantaneamente notou que sua pergunta enrubesceu ainda mais as faces daquele ser imenso. Aqueles olhos pareciam lançar chamas, de tão aguçados, e aquelas asas imensas pareciam fazer o mundo virar de cabeça para baixo, cada vez que subiam e desciam, deslocando o ar de forma assustadora.

O facho de luz se abriu e aquele ser medonho voou para cima numa velocidade impressionante, até quase desaparecer e, logo em seguida, desceu de forma abrupta e silenciosa, mostrando o poder impactante da sua força, assim como a astúcia de suas incríveis manobras.

A luz, agora, era plena, e o pequeno anjo podia visualizar bem melhor aquele ser impressionante que estava diante dele, que o fitava com trejeitos que mostravam pitadas de fúria e impaciência.

— Quem sou eu! —Bradou o ser enorme aos sete ventos.

O anjo, quieto, mal se mexia tal era a fúria à sua frente.

— Eu sou aquele... Que em “tempo” algum deveria estar onde estou!

E circundando o pequenino com voos rasantes, bradou entre as nuvens.

— Eu sou aquele... que, no seu devido “tempo”, deveria ser merecidamente condecorado como o melhor de todos!

E fazendo o brilho de suas asas salpicarem o céu como faíscas de fogo, continuou:

— Eu sou simplesmente... Aquele que deveria estar respondendo pelo “tempo” de tudo que existe.

E com as enormes asas negras abertas e imóveis sobre o anjo, exclamou em tom grave e profundo ecoando pelo azul infinito:

— Eu sou aquele... que, a qualquer “tempo”, deveria ser merecidamente reconhecido como o melhor, o maior, o mais bonito, o mais sábio e o mais poderoso!!!

O pequeno anjo olhava quieto aquele ser apoteótico bradando suas palavras entre saltos e piruetas alavancadas pelas enormes asas negras.

E aquele enorme ser, com cara de fúria, à sua frente continuou:

— E aí, de uma hora para outra, pra acabar com a minha paciência, me aparece aqui um pequeno pirralho, que mal sabe voar, e ainda tem o desprate de me perguntar “quem sou eu”?

E continuou balançando a cabeça de um lado para outro, dando mostras de seu latente ar de reprovação.

— Pelo que estou vendo, a escolinha lá em cima vai de mal a pior, heim!

E logo em seguida, exibindo um pequeno sorriso irônico, exclamou:

— Será que não tiveram “tempo” de te ensinar a história corretamente?

Sem entender o que estava acontecendo, o pequeno anjo disse meio sem jeito:

— Eu estava justamente a caminho da escola! Mas... Não sei como acabei parando aqui.

O sorriso irônico daquele ser gigantesco novamente brotou em sua face, e a resposta ao pequeno anjo veio de imediato.

— *Oh, my god!!!* Sempre me esqueço de não colocar as asas pra cima quando quero espreguiçar! Acho que vou tomar mais uma multa por direção imprudente!

O pequenino, com os olhinhos surpresos, indagou:

— Então... Então... Foi em suas asas que eu bati?

— Não exatamente, meu pequeno tufinho de penas. Não exatamente. Digamos que esse lugar às vezes fica um pouco entediante. Então...

O grande vulto negro deu de ombros e virou as costas para o pequenino, mostrando seu latejante pouco caso pela colisão que havia causado.

Sem se abalar, o pequeno anjo levantou-se, limpou a poeira de suas vestes, verificou com cuidado suas asinhas e colocando-se de frente para seu interlocutor gigantesco, firmou seu olharzinho azul e disse sem mostrar receio:

— Bem... Acho que já fiquei aqui “tempo” suficiente.

O enorme vulto negro rodeou-lhe com asas negras reluzentes e mansamente sussurrou em seu ouvido:

— Veja só como são as coisas. Você mal sabe onde está e já se agarra ao “tempo” para poder vaticinar as próximas batidas de suas pequenas asinhas.

Em seguida, colocou sutilmente a ponta das penas de suas enormes asas negras sobre os ombros do pequeno anjo e, caminhando alguns passos ao seu lado, disse-lhe em tom mais brando:

— Não lhe disse que “tempo” é a palavra preferida Dele?! Sim... Com o “tempo”, você vai entender todas as coisas. Como dizem lá em cima, o “tempo” é Dele e de mais ninguém. Particularmente, acho isso o mais puro egoísmo. Mas quem sou eu na fila do pão, né? Aliás... Pão é outra coisa que deixa Ele doido! Afff...

O pequeno anjo, então, ajeitou-se, olhou para ele e disse:

— Espero que você fique bem.

O enorme par de asas negras levantou uma lufada de vento para dar impulso ao pequeno anjo, que, percebendo a ajuda, aproveitou para bater suas asinhas e subir em direção às nuvens sobre o azul claro da imensidão celestial.

De longe, o pequeno anjo ainda pôde ouvir os brados graves do enorme vulto negro que ficou para traz.

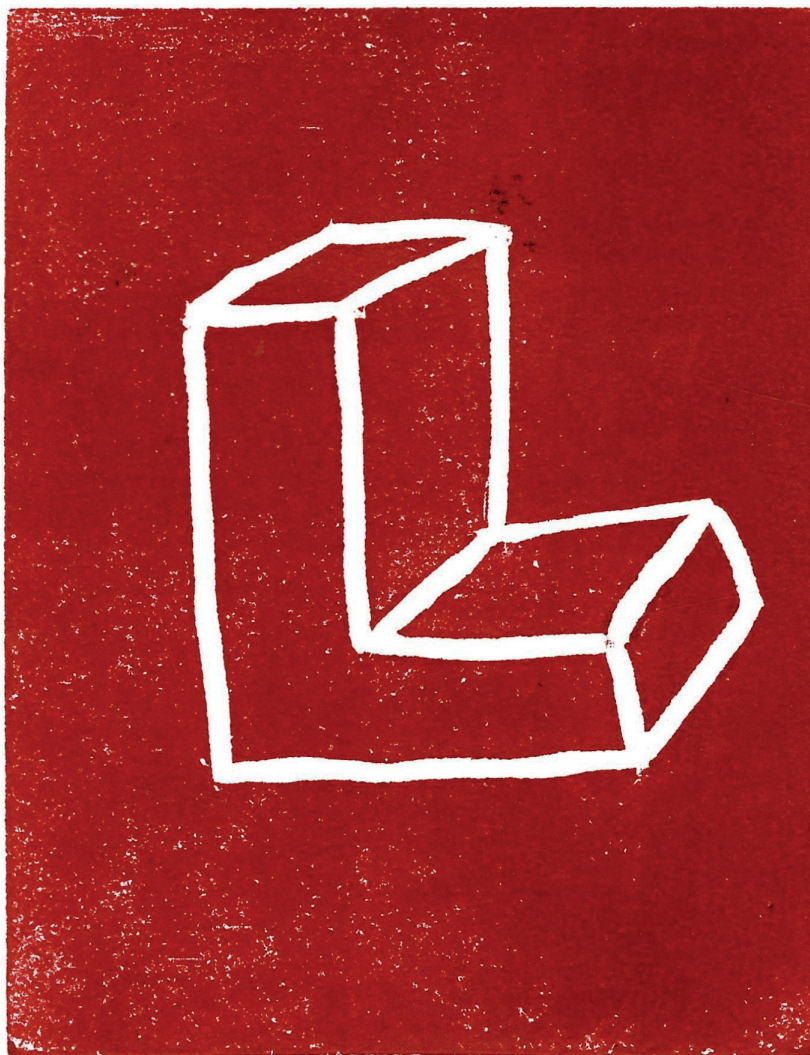
— Não se esqueça, pequenino, você jamais precisará se preocupar com o “tempo”. Porque, como eu já te disse, o controle dessa palavrinha mágica é só Dele. Aquele ingrato!

O vulto negro, então, planou suavemente sobre as nuvens e, demonstrando seu desdém e seu habitual pouco caso pela vida no paraíso, confidenciou para si mesmo:

— Eu, heim... Preciso ocupar meu “tempo” com outras coisas. Ficar dando uma de babá de recém promovidos já deu! Afff...!!!!

**João Milioni** (Cadeira 21 – Patrono João Guimarães Rosa): é membro da ASLe desde 2013, tendo sido presidente no biênio 2022–2024. Possui graduação em Administração de Empresas. Teve as seguintes participações premiadas: IV Concurso Nacional de Literatura, Barueri/SP (1996), 1º lugar na categoria conto e 1º lugar na categoria poesia infantil; Concurso Literário “Manoel Cerqueira Leite”, Itapetininga/SP (2000), 1º lugar – menção honrosa – na categoria poesia, publicada em coletânea. Em sua bibliografia, constam as seguintes obras: *A brilhante amizade* (1999); *O compadre de João Carrasco* (2000); *Planeta Mãe* (2001); *Obstinado* (2012); *A ópera da natureza* (2016).

*“O religioso acredita, o ateu desacredita e  
o agnóstico duvida e suspende o juízo.”*



**Pedro dos Reis**

# Passagens e mutações do tempo

Décio Zanirato Jr.

## **Tempo de explicações reveladoras**

Tal qual estudante relapso que deixa para fazer sua lição de casa na última hora, estive preocupado com um possível *atraso* na entrega deste texto no *prazo* estipulado. Explicações plausíveis para esse descuido são as obrigações assumidas necessariamente por um aposentado. Começa pelos cuidados com a saúde, imprescindíveis para quem aspira a uma *longevidade* saudável. Segue com os *tempos tomados* para elaboração de novos textos. Outro tanto é ocupado pela exigência de administrar as parcas finanças da família — afinal, *tempo é dinheiro*. Alguns lazeres são acrescentados, tais como assistir jogos de futebol pela televisão, que comprometem, no mínimo, *noventa minutos*, mais quinze de intervalo e mais alguns de desconto. *Consome tempo* também o hábito de acompanhar as notícias, que apresentam, infelizmente, uma realidade perturbadora — “*O tempora, o mores!*” —, uma *época* de costumes degradados. Como o *tempo voa* — “*Tempus fugit*” —, dispus-me a iniciar uma *corrida contra o tempo* para corrigir minha negligência e entregar meu trabalho *a tempo*.

Observe-se que as expressões em itálico revelam uma pequena amostra de palavras cujos sentidos estão relacionados com *tempo*.

## **Buraco negro**

Insondável como um buraco negro, cuja descrição está sendo iniciada pela astronomia e pela matemática, o tempo, contrariamente, permanecerá indecifrável. Definir o tempo tem dificuldade semelhante a desvendar os segredos do universo, com a diferença que este é parcialmente visível e aquele é invisível. Ente imaterial, incorpóreo, etéreo, abstrato, onipresente, tendo como característica evidente a total ubiquidade, o tempo é um paradoxo, um não-ser que existe. Está em todos os

lugares, em tudo o que, de alguma forma, se movimenta ou se transforma, rei dos reinos animal, vegetal e mineral.

Tempo é passagem, que se mostra pelo movimento e pela mudança dos seres que existem, seus indicadores físicos. Os corpos estelares movem-se, aproximam-se e se distanciam; os viventes nascem, crescem, envelhecem e morrem; as pessoas vão de um lugar para outro, executam tarefas fáceis ou difíceis; tudo é medido pelo tempo. Pessoas andando, correndo ou viajando de navio, carro ou avião percorrem distâncias com menos ou mais rapidez. Realizar tarefas rapidamente toma menos tempo. Enfim, movimento e mudança materializam passado, presente e futuro.

### O tempo cósmico

A imensidão do cosmos descortina uma incomensurável percepção do tempo. A magnitude quase infinita de suas dimensões dificulta a compreensão das distâncias e do macrotempo, o tempo da física e da cosmologia. O tempo do universo é estimado em 13,7 bilhões de anos. Nosso sistema solar ocupa diminuta parte de uma galáxia, a Via Láctea. No universo observável, existem, aproximadamente, 100 bilhões de galáxias. Difícil é imaginar a que distância os corpos celestes realmente estão. São tão enormes que, para medi-las, é usado o ano-luz, a distância que a luz percorre em um ano. A velocidade da luz é de arredondados 300.000 quilômetros por segundo no vácuo. A estrela fora do sistema solar mais próxima da Terra, a Próxima Centauro, está a 4,3 anos-luz. Levaria cerca de dez mil anos para ser alcançada pela mais veloz das espaçonaves atualmente em desenvolvimento. Na perspectiva humana, é surpreendente verificar que uma estrela cuja luz recebemos está num passado tanto mais remoto quanto maior sua distância.

Outro aspecto decorrente da relação espaço-tempo, desenvolvido pela teoria da relatividade, é que o tempo físico é relativo. Duas pessoas podem estar em tempos diferentes, dependendo da localização delas e da velocidade que as separa, como têm mostrado estudos sobre viagens espaciais.

### O tempo da Terra

É o tempo da arqueologia, medido pelas eras geológicas, que dividem a evolução do planeta Terra pela presença de certas espécies fósseis, condições climáticas e composição química das rochas, entre outros fatores, desde sua formação após o começo do universo com o *big bang*. Da era inicial, Cenozoica, passando pelas Mesozoica, Paleozoica, Proterozoica, Arqueano e Hadeano (era atual, que contém o Antropoceno, nova época dominada pelas intervenções humanas no ambiente global), transcorreram 4,5 bilhões de anos.

Outro tempo é o da Pré-história e da História. A *Pré-história* foi o período do surgimento e desenvolvimento dos primeiros humanos na Terra. Começou em, aproximadamente, 3 milhões de anos a.C., indo até o surgimento da escrita, por volta de 4 mil a.C. É dividida nos seguintes períodos:

Paleolítico, conhecido como idade da pedra lascada; Mesolítico, da sedentarização dos hominídeos e da formação geográfica do planeta; Neolítico, de aprofundamento das relações entre os humanos e o meio ambiente com a prática da agricultura; e Idade dos Metais, com a confecção de instrumentos e o desenvolvimento das aldeias agrícolas, primeiros aglomerados urbanos. *A História* começa com o aparecimento da escrita, cerca de 4 mil anos a.C. É dividida cronologicamente em quatro períodos: Idade Antiga, de 4 mil a.C. até a queda do Império Romano do Ocidente, em 476 d.C.; Idade Média, de 476 até 1453, com a tomada de Constantinopla pelo Império Turco-Otomano; Idade Moderna, de 1453 até 1789, com a Revolução Francesa; e Idade Contemporânea, de 1789 até a atualidade.

Tempos mais recentes na Terra, relacionados mais diretamente com as ações humanas, são medidos pelos meses, dias, horas e suas frações, pelos fusos horários, pelas fases da lua e estações do ano. Estes últimos têm implicações com o clima, outra acepção do tempo, não mais etéreo, mas de frio e calor, chuvas e secas, furacões, ventos e calmarias.

### **Passado, presente e futuro**

É a tríade referencial para a humanidade, que contém a essência do tempo, na passagem, no movimento e na mudança. Tenha-se em conta que passado, presente e futuro são também tempos verbais. Passado é o que passou, presente, o que está passando, e futuro, o que passará. O presente, por estar sendo vivido, é de extensão maior ou menor, dependendo do critério utilizado para defini-lo. Ele até pode conceitualmente não existir, porque tudo o que acontece no presente já está passando, é passado, e o que está por vir é futuro. Como vive-se no presente, ele tem de existir e algum critério deve estabelecer sua extensão, como p. ex. o tempo de um ou meio século ou de uma geração.

A duração do presente, note-se, tem sido encurtada pelas mudanças cada vez mais rápidas nas práticas sociais, nos costumes e, principalmente, na ciência e na tecnologia.

### **O dia a dia**

É o tempo presente. O passado é percebido aqui como memória, lembrança, nostalgia; o futuro, como risco, incerteza, esperança. O presente é o tempo dos sentidos, da ação, do relógio e do calendário, que marca o levantar e o deitar, o desjejum, o almoço e o jantar, os cuidados com a saúde, os estudos, os eventos religiosos, cívicos e sociais, os lazeres, os compromissos de trabalho e de tudo o mais que uma pessoa precisa fazer com alguma objetividade e organização. A linguagem comum do cotidiano é de expressões corriqueiras que denotam a passagem ou o uso do tempo, como manhã, tarde e noite, ontem hoje e amanhã, antes e depois, pontual e atrasado etc. Sobressai-se o tempo humano, tempo da vida e de seu curso, no qual elementos importantes ainda são o movimento e a mudança.

Para os jovens, apesar de seu comportamento acelerado, o tempo parece que demora a passar. Os idosos, de atitudes calmas e pausadas, têm a sensação de que passa rápido demais. Os primeiros têm a vida pela frente e, com ansiedade, querem logo viver o futuro. Os segundos têm um tempo curto de vida e vivem mais do passado; padecem de um viés geracional que tende a considerar o passado sempre melhor do que o presente. Tais preferências indicam que os juízos sobre o tempo são muitas vezes subjetivos. Vivências agradáveis e prazerosas tornam bom o período em que ocorrem, porém, com a sensação de que duram pouco; contrariamente, as desagradáveis e dolorosas o qualificam como ruim e de duração maior. Essa subjetividade é um indício de que no cotidiano, a exemplo do que acontece na física e na cosmologia, o tempo é relativo.

### O tempo na literatura

A literatura tem incorporado o tempo como conteúdo e gênero. Os romances e contos históricos — líricos, trágicos, épicos, narrativos — são abundantes e cobrem todos os períodos. Segundo os estudiosos, na literatura, o tempo pode ser tratado de várias formas. Existem o tempo cronológico e objetivo em relação à história, o tempo psicológico e subjetivo percebido pelo personagem e o tempo do discurso, o tratamento que o narrador dá ao tempo objetivo.

Os livros de história ou de ficção são, em maior ou menor grau, balizados pelos acontecimentos históricos reais e, muitos deles, também são fontes históricas. Escritores e historiadores, desde Heródoto e Tucídides, seguidos ao longo do tempo, exemplificadamente, por Shakespeare, Alexandre Dumas, Walter Scott, Machado de Assis, Edward Gibbon, Lucien Fabvre, Boris Fausto, Ken Follet, Yuval Noah Harari, Érico Veríssimo e milhares mais, sentiram o impulso de revisitar a história para nela operarem sua capacidade narrativa e sua imaginação.

Outra vertente da temática do tempo é a ficção científica, em que os componentes referenciais são a ciência e a tecnologia relacionadas ao futuro. São retomadas as análises espaço-temporais sobre distâncias e velocidades das viagens interplanetárias, em histórias imaginárias baseadas em dados reais ou completamente inventadas. Induzem a pensar que o homem, insignificante passageiro na imensidão do espaço-tempo, criou um gênero literário que o faz sentir-se partícipe dessa majestosa e quase desconhecida realidade. Assim, envolvem o exercício de uma desenfreada imaginação, limitada no possível pelo conhecimento científico disponível.

Fantiosas são as viagens de um tempo para outro. Vários autores trataram do tema, com maior ou menor fundamentação científica, tais como Stephen Hawking, Arthur Clark, Isaac Asimov, Ray Bradbury e C. S. Lewis. H. G. Wells, em seu criativo e emblemático livro *A máquina do tempo*, inaugura essa narrativa ficcional. Interessante é que, para ele, a máquina era estática, enquanto, pela ciência atual, ela deve ser dinâmica como um foguete ou uma espaçonave, para desenvolver velocidade que rompa as barreiras do espaço-tempo, maior que a da luz, nunca atingida. Pela

ciência, parece haver a hipótese de se chegar ao futuro ou ao passado com os chamados “buracos de minhoca” ou com as “dobras”, que seriam como tubos ou atalhos no espaço a encurtar o tempo das viagens. No cinema, *De volta para o futuro* e, principalmente, *Star Trek* ilustram ficcionalmente essa possibilidade.

### O tempo da origem e do fim

Ainda que alguns filósofos considerassem o tempo como fenômeno independente da materialidade das coisas, ele é intrinsecamente ligado a elas pelo movimento e pela mudança. Assim é que, pelos conhecimentos científicos atuais, ainda teóricos, a origem do tempo aconteceu com a origem do universo, provocada pelo *big bang*; seu fim ocorreria pela crescente e incontrolável expansão do cosmos. Hipóteses ainda em construção são de difícil intelecção. Pela sua complexidade, o esforço para compreendê-las remete a questões filosóficas: qual a real natureza do universo? De onde veio e qual nosso lugar nele? Haverá um final dos tempos ou haverá algo além?

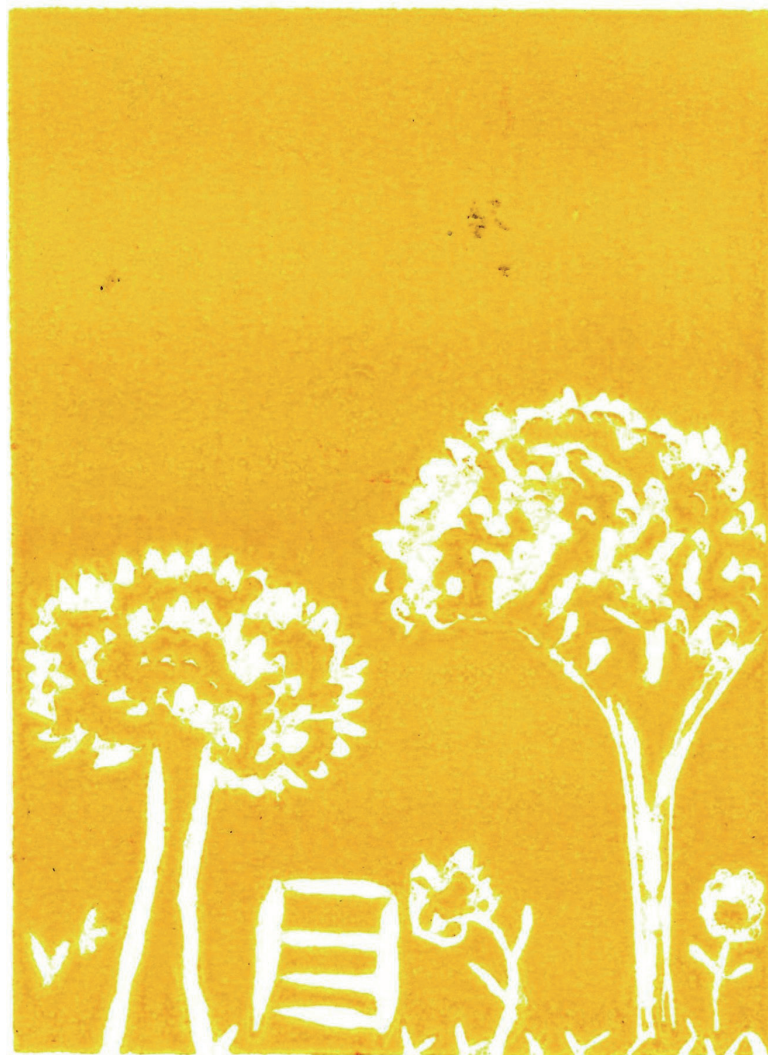
A filosofia não oferece pistas seguras para deslindar essa dificuldade. Cada filósofo explica o tempo em conformidade com suas respectivas concepções filosóficas, não muito esclarecedoras. Recorre-se, então, à Religião, pela busca de conciliação dos textos bíblicos com a ciência. A tarefa é de dificuldade semelhante, porquanto, o fundamento da religião é a fé, e o da ciência é a razão. A convivência entre elas é possível e desejável, mas sua integração talvez se afigure como impossível. O religioso acredita, o ateu desacredita e o agnóstico duvida e suspende o juízo. O caminho natural percorrido pela construção do conhecimento e pela compreensão do mundo — da religião à ciência, passando pela filosofia —, paradoxalmente, é, nesse caso, invertido.

EM TEMPO: uma das últimas proposições da cosmologia é a teoria das supercordas, que considera a possibilidade de um cenário pré-*big bang*, espécie de pré-história do universo. Existiria um tempo anterior?

Aos humanos, confusos, apartados das teorias e indagações, resta a percepção derradeira de que seu tempo tem origem com o nascimento, e seu fim, com a morte.

**Décio Zanirato Jr.** (Cadeira 22 – Patrono Fernando Pessoa): estudou Pedagogia e Direito na PUC-Campinas, Sociologia na Escola de Sociologia e Política de São Paulo e Administração no International Institute for Management Development (IMD) da Suíça. Participou de experiências e estudos em diversos países da Europa, no Japão e nos Estados Unidos. Trabalhou nas áreas de orientação social e pedagógica, pesquisa e desenvolvimento e planejamento no Sesc e no Senac de São Paulo. Após, dirigiu o Senac do Rio de Janeiro. Integra a ASLe desde 2013.

*“Uma semente, em solo fértil, forma raiz,  
caule, folhas, flores, frutos, sementes...”*



**Maria de Lurdes Soares**

# Considerações sobre o tempo

*Francisco Antônio Moschini*

*“Deus disse: façam-se luzeiros no firmamento do céu para separar o dia da noite, que sirvam eles de sinais e marquem o TEMPO, os dias e os anos” (Gênesis 1,14).*

Em nossa vida, nunca estamos livres das preocupações e limitações determinadas pelo tempo. O homem, em suas mais diferentes atividades, sempre levou em consideração o tempo. Assim, o trabalhador cumpre sua jornada em determinado tempo, espera pelo pagamento, pelas férias depois do tempo que lhe deu o direito a esse benefício. O estudante conta os dias para o exame final, promoção a um nível superior, e mais ainda, para o fim do curso e início da carreira profissional.

O homem do campo sabe o melhor tempo para a sementeira, observa seu desenvolvimento e espera chegar o tempo da colheita.

O motorista, que leva sua carga ou passageiros, precisa controlar a velocidade do veículo, de modo a chegar ao destino no tempo certo. Os cientistas estudam os fenômenos ocorridos há milhões de anos (Rocha Moutonnè) ou os fósseis petrificados de plantas e animais já extintos.

Talvez nossos ancestrais já se admirassem do ciclo de vida humana, mudanças que ocorrem ao longo do tempo: nascimento, criança, jovem, adulto, idoso e morte.

Uma semente, em solo fértil, forma raiz, caule, folhas, flores, frutos, sementes... E o ciclo continua, um certo tempo em cada fase, considerando-se a diversidade das espécies.

O tempo é longo para uma pessoa doente, e curto para quem é feliz.

Para o homem primitivo, o dia era do nascer do sol ao seu ocaso, eram poucas suas atividades: comer, beber, caçar, coleta de frutos etc. A noite não era considerada, sendo mesmo um período de terror, de ação dos maus espíritos — até palavras impróprias poderiam atraí-los. Observavam que os dias ao longo do tempo (anos) eram longos no verão e primavera e curtos no outono e inverno, e também épocas mais favoráveis à caça, pesca e coleta de frutos.

Ainda com relação ao tempo, verificavam que uma pedra, embora imóvel, projetava uma sombra em direção oposta ao sol, o que lhes era útil para calcular o tempo trabalhado, o tempo de recolher o rebanho e voltar para casa antes do anoitecer.

## **Algumas citações bíblicas relacionadas com o tempo**

*Eclesiastes 3, 1*

Um tempo para cada coisa.

### **TEMPO DE PLANTAR**

Uma semente lançada em terra fértil tem seu tempo de desenvolvimento desde poucos dias até meses, quando germina e dá origem a uma planta de sua espécie.

### **TEMPO DE COLHER**

Assim, aquela modesta semente deu origem a uma planta de sua espécie com o tempo que é variável para cada espécie, então vai chegar a fase adulta, quando produzirá frutos e sementes, que serão colhidos pelo agricultor.

### **TEMPO DE NASCER**

O nascimento é um mistério. E assim foi considerado pelos nossos mais antigos ancestrais. Assim acontece com a espécie humana, com todos animais e plantas.

### **TEMPO DE MORRER**

A morte é o fechamento de um ciclo cujo tempo é variável para cada espécie em condições naturais, mas que pode se fechar em qualquer tempo pelos motivos mais diversos.

### **TEMPO DE RIR**

Quando as condições são de alegria, felicidade festas em família, encontro entre amigos, sucesso em um concurso, reencontro de um familiar que estava longe...

## TEMPO DE CHORAR

Quando um ente querido, familiar ou amigo vem a falecer. Hoje, ocorre muito a migração de pessoas que, em sua pátria, não têm mais condições de vida, por desesperança pelo futuro, pelas perseguições políticas e religiosas, guerras, como em nossos dias ocorrem em diversas regiões do mundo, fome e o rompimento de um compromisso conjugal.

## TEMPO DE PROCURAR

O Evangelho cita o episódio do pastor que possuía cem ovelhas e, na hora de recolher o rebanho, notou a falta de uma ovelha. Então, deixou as noventa e nove a espera e foi à procura daquela perdida. Quando a encontrou, feliz, a carregou nos ombros e voltou para a rebanho reunido. Em nossa vida, pode acontecer a perda de oportunidade de um bom negócio ou insucesso em um concurso; não devemos ficar frustrados, mas sim buscar outras oportunidades.

## TEMPO DE FALAR

É de valor inestimável a capacidade que temos de falar. Através da fala, nos comunicamos com uma pessoa ou com milhares delas pelo rádio ou televisão. Pela fala, não devemos ser inoportunos, mas também não nos sentirmos constrangidos quando, no tempo próprio, devemos manifestar nossa opinião, mesmo que seja diferente ou contrária daqueles que nos ouvem.

## TEMPO DE CALAR

Assim, também existem ocasiões em que devemos manter-nos em silêncio, quando nossa fala não traz benefício, ou mesmo pode causar uma situação polêmica.

## TEMPO DE PAZ

“Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou...” (João 14,27).

Primeiro, procuremos a paz em nós mesmos, sem a qual tudo é difícil. Em paz, vivemos bem com nossos familiares, companheiros de trabalho, na comunidade... Em nosso mundo de hoje, milhões de homens, mulheres e crianças clamam pela paz em suas terras, enquanto seus dirigentes preferem a guerra em busca da conquista de territórios, riquezas e opressão dos vencidos, isso acontece desde tempos imemoriais, como está descrito na Bíblia e em outros livros sagrados.

## TEMPO DE GUERRA

Infelizmente, a humanidade sempre viveu em guerras, como é narrado nos livros históricos. Desde milhares de anos quando surgiu o homem na Terra, vivemos em conflito, nações contra nações e mesmo nas guerras internas. Hoje, os meios de comunicação, imprensa escrita, rádio e televisão, comentam e mostram tristes imagens de cidades destruídas, cadáveres nas ruas, fome e doenças causadas pela guerra em que todos perdem.

**Francisco Antônio Moschini** (Cadeira 23 – Patrono Euclides da Cunha): é escritor e ativista na defesa das causas ambientais. Licenciado em Ciências Físicas e Biológicas e em Pedagogia. É membro da ASLe desde 2021.



*“Além deles, todo ano novos enfeites eram adquiridos. No topo: uma grande estrela.”*



**Helena Martin**

# Reminiscências natalinas

*Ana Carolina L. A. Wiggert*

Festas sempre a animaram, principalmente a de Natal. Era fim de ano. Ela andava pelas ruas cheias do centro da cidade grande. Era o caos, mas ela gostava daquilo tudo: luminosos nas ruas, pessoas com pacotes, Papai Noel que entregava balas para as crianças e tirava foto com elas. Na vitrine de uma loja, uma árvore enorme, um pinheiro, que parecia ser de plástico, repleto de enfeites: bolas, esquilos, bonecos de neve, Mickey e Minnie. Ali ela parou. “Era uma árvore nova-iorquina — pensou — tão diferente daquelas da casa da minha avó, no interior...” e seu pensamento voou.

O ano era 1988. Presente só se ganhava no dia do aniversário e no Natal, por isso era preciso escolher bem o que se queria. Meses antes, já fazia o pedido para os pais e outros dois desejos também podiam ser realizados pelas avós. Depois, era só esperar. E esperar não era tão simples para uma criança de 9 anos, por isso, quando chegava dezembro, acompanhava a contagem regressiva nos intervalos da programação que um canal de TV fazia para o Natal. No entanto, é preciso explicitar uma questão importante: a família não era de posses, ao contrário, os pais davam duro para criar quatro filhos; logo, eram quatro presentes.

Pedido escolhido pelas crianças: uma bicicleta, ou melhor, quatro. Faltavam meses para o dia 25 de dezembro, porém, desde então, esse passou a ser um assunto das conversas familiares, os pais faziam charadas sobre o presente que as crianças ganhariam, e elas sonhavam como a bicicleta seria.

Dezembro. Férias. Natal. Era um mês especial, ainda mais quando se tinha 9 anos. A avó paterna, uma mulher festeira — talvez daí tenha vindo a inspiração para a neta, que era a mais velha, o que às vezes lhe rendia alguns poucos privilégios —, no final de novembro, começava a procurar pelo pinheiro que seria uma das estrelas da noite em sua casa e que ficava no meio da pequena sala, tal qual a casa, que ficava numa espécie de porão de uma outra residência. O pinheiro, claro, era de verdade, o que encantava as crianças. O cheiro dele se espalhava pelo cômodo, que se interligava com a cozinha e antecedia os dois quartos e o banheiro. Quando a árvore chegava, era nítido: o Natal estava por vir. A tia, que morava com a avó, mas que não era tão festeira, ficava responsável por enfeitá-lo e o fazia minuciosamente. Havia nele bolas coloridas, bengalinhas brancas e vermelhas,

renas, bonecos de Papai Noel, que estavam com a tia há décadas, o que a orgulhava. Além deles, todo ano novos enfeites eram adquiridos. No topo: uma grande estrela.

Nessa festa, havia dois pontos altos: os presentes e a ceia. Os presentes eram colocados, na tarde do dia 24, embaixo da árvore. Os convidados, que eram só os integrantes da família, umas vinte pessoas — como cabiam todas elas ali? —, tinham a missão de levar presentes embrulhados e etiquetados até a casa da avó, no dia 24, antes do anoitecer. A ceia só acontecia depois da meia-noite e não mudava muito: arroz branco, leitoa bem pururuca, como só a avó sabia fazer, pernil, maionese, frutas secas, uva de várias cores e alguma sobremesa que deliciasse as crianças, normalmente com chocolate, que deleitava os adultos também. O cardápio do que cada um levava estava estabelecido há anos. Eram as tradições. No dia seguinte, no almoço do dia 25, comiam-se as sobras daquela fartura que daria para muitas dezenas de pessoas, mas só quem vem de uma família italiana entende a importância da mesa farta.

Aquele dia 25 chegou. Ganhariam a bicicleta? Seria fácil descobrir, elas ficariam visíveis embaixo da árvore. Ao chegarem à casa da avó, minutos antes das doze badaladas, os quatro desceram os muitos degraus que davam para o porão. Os pais gritavam: “Devagaaarrrr! Vocês vão cair!”. Mas a euforia dos pequenos era incontrolável. Até que, ao passarem pela porta, a decepção: as quatro bicicletas não estavam lá. Nem quatro, nem nenhuma. O que ganhariam então? A avó não permitia que se lessem as etiquetas antes da hora. A primogênita, Estela, estava abalada. O que havia acontecido? O Natal, para ela, tinha acabado sem nem mesmo começar. Não buscou identificar os enfeites novos da árvore. Parecia não sentir o cheiro gostoso do pinheiro. Aquela expectativa pelos dois ponteiros juntos no 12 se desfez. As quatro crianças sentaram-se no sofá e esperaram, em silêncio, quase um milagre natalino.

Meia-noite. Todos confirmaram em seus relógios. Cumprimentos. Desejos de um feliz Natal. Abraços. Beijos. Risos. A menina cumpria o ritual sem muito ânimo, diferentemente de todos os outros anos. Agora era o momento da entrega dos presentes, e o pai era o leitor oficial das etiquetas dos embrulhos: “de vovó para Estela”. Era uma caixa grande, difícil de carregar. Logo depois: “de papai e mamãe para Estela”. Era um pacotinho que cabia na palma da mão. O que seria? Repassou em sua mente a lista dos pedidos que tinha feito. Nenhum tão pequeno.

Todos os presentes foram entregues e poderiam ser abertos a partir daquele momento. Essa era uma regra incontestável estabelecida pela matriarca. Estela abriu primeiro a caixa grande, o presente da avó paterna. Era um pogobol amarelo e laranja, um brinquedo desejado pelas crianças da época. Da avó materna, ganhou um par de sandálias, conforme havia pedido. Precisava abrir o pacotinho de papel brilhante vermelho, que deixou por último, sem qualquer entusiasmo para desembulhá-lo. “Uma joia”, disse a avó materna. “É uma joia, Estela!”. Será que a menina de 9 anos queria uma joia? Não havia sentido: uma joia em vez de uma bicicleta? Abriu e era uma bicicleta. De plástico. De plástico colorido. Os três irmãos também ganharam uma bicicleta de plástico. A

menina jogou o presentinho dentro da caixa grande do pogobol. A birra talvez lhe rendesse uma bronca. Ela sabia que não podia reagir assim, mas foi mais forte que ela. Os pais não puderam comprar quatro bicicletas. Os filhos tinham que entender. Paciência. Porém, os pais riam entre si e diziam: “Ganharam o que pediram. Não queriam uma bicicleta?”. E riam. Não, não era engraçada aquela piada.

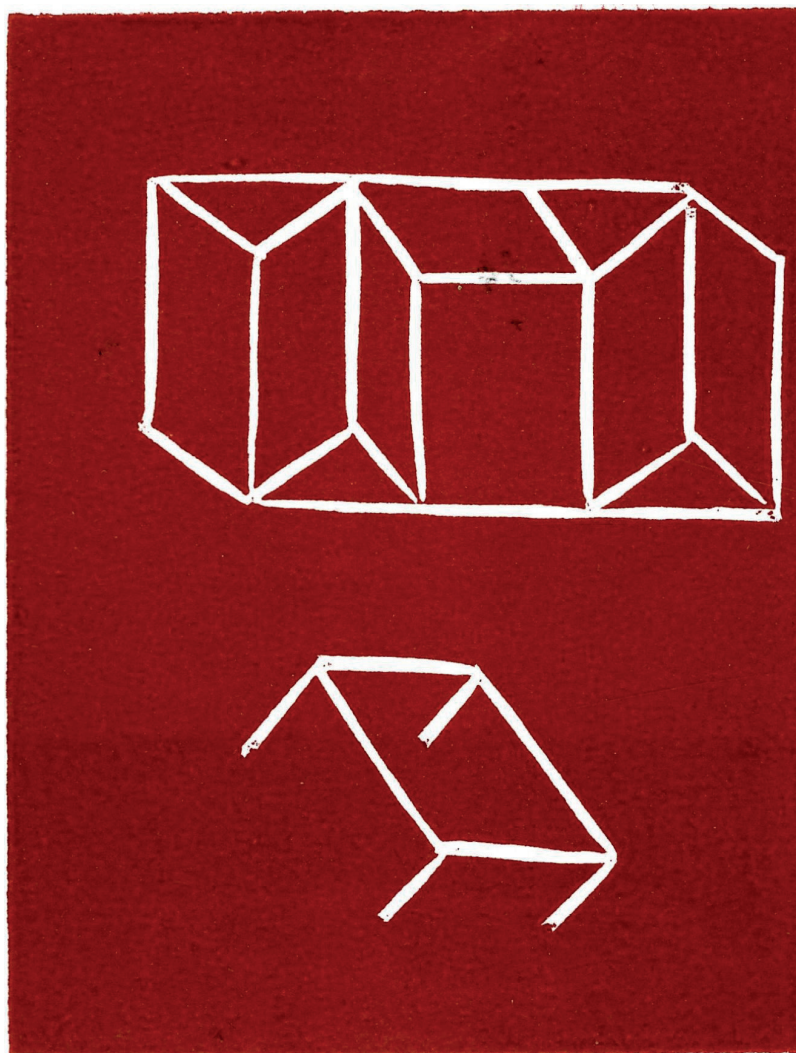
Todos começaram a se dispersar. Presentes abertos, era o momento da ceia. O cheiro das carnes disputava o espaço com o cheiro do pinheiro. No entanto, antes de irem preparar seus pratos, o pai chamou os quatro filhos e disse que tinha uma declaração a fazer. A mãe só os observava atentamente. “Estela, esta é a chave da porta deste quarto — e apontou para a porta atrás dele — como você é a mais velha, deve abri-lo”. Ela recebeu a chave das mãos do pai sem entender o que estava acontecendo ali. Os irmãos, curiosos, se empurravam para ver o que havia naquele cômodo. Porta aberta. Quarto escuro. A menina acendeu a luz e, para surpresa das crianças, quatro bicicletas estavam diante delas, em cima da cama, ao lado do guarda-roupa. A gritaria foi geral: das crianças, pelo sonho realizado, e dos pais, por poder realizá-lo.

A felicidade tomou conta daquele lugar. Pena que era tão tarde e não daria para dar uma voltinha nelas. Também não daria para levá-las para casa naquela mesma noite. Era preciso comer a ceia, mas a fome caiu no esquecimento. Não via a hora de poder brincar com seu presente junto dos irmãos.

Agora, diante daquela vitrine, com uma enorme árvore de plástico, a mulher se vê menina refletida no vidro da loja e considera que não se fazem mais árvores de Natal como as de antigamente.

**Ana Carolina L. A. Wiggert** (Cadeira 24 – Patrono Carlos Drummond de Andrade): nasceu em Salto, SP, em maio de 1979. É a filha mais velha de quatro filhos, do João e da Ligia, e casada com o Fred. É mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e graduada em Licenciatura em Letras pela mesma universidade. Professora de Língua Portuguesa (Gramática e Redação) desde setembro de 2001, trabalhou em escolas particulares de Salto e de Itu. Desde 2009, mora e leciona em Jundiaí, nos colégios Divino Salvador e La Fontaine. Escreveu o artigo “A gramatização da língua e suas influências na percepção da norma”, que compõe a obra *Gramática em questão*, com organização da professora doutora Maria Augusta Bastos de Mattos, pela editora Mercado de Letras. Também é corretora de redação de vestibular e de concurso público. É membro da ASLe desde 2024.

*“Finalmente, podemos dizer que o tempo que nos move, nos paralisa e nos força a olhar o horizonte é natural?”*



**José Valter Guzella**

# O tempo é humano

*Rafael Barbi*

*“Hoje o tempo escorre dos dedos da nossa mão  
Ele não devolve o tempo perdido em vão  
É um mensageiro das almas dos que virão ao mundo  
Depois de Nós”  
(Carlos Maltz).*

Inúmeros aspectos da natureza despertam o fascínio dos seres humanos e nos inspiram na mesma medida em que nos assombam. Exemplos de força da natureza, como tufões, maremotos, terremotos, erupções, assim como exemplos da beleza do mundo, como o límpido mar do nordeste brasileiro, as maravilhas presentes no interior das florestas tropicais da América do Sul e da Ásia e a imensidão das alturas extremas das montanhas do Himalaia e dos Andes, são parte desses elementos que nos trazem sentimentos tão profundos e diversos.

Mas há outra força da natureza que nos desperta — de forma concomitante e na mesma intensidade — fascínio, medo e inspiração. Essa força é o tempo. Exemplos disso são as várias tentativas de definir ou controlar o tempo ao longo da história.

Deuses são criados. Para os egípcios, dono do grande centro do conhecimento da Antiguidade, o tempo era visto através dos ciclos do Sol, do Nilo e das plantações. Por isso, Thot, Rá, Osiris, Hórus e Heh são guardiões de elementos que mantêm as estruturas desses ciclos intactas. Conforme a complexidade da contagem do tempo, os gregos fazem emergir das profundezas da existência Chronos, o grande senhor do tempo, das horas, dias, meses e anos, e Kairós, deus do tempo oportuno, do momento certo para tomar decisões, materializando, dessa forma, a preocupação do ser humano com o controle do tempo.

Na Idade Média, o tempo é regido pelo trabalho no campo. O Livro das Horas é ricamente ilustrado com iluminuras que mostram o que cada grupo social deveria fazer ao longo do dia, principalmente os camponeses, que precisavam arcar com uma pesada carga de trabalho, típica da rígida servidão a qual estavam atrelados.

No século XVIII, o trabalho também é o responsável pelo tempo, porém, nesse momento, a Revolução Industrial faz o tempo se transformar para sempre. Não estamos, aqui, mais falando de uma força da natureza ou qualquer tipo de aspecto relacionado ao mundo não-humano, mas sim da instrumentalização do tempo, que faz com que os seres humanos criem relógios não só para marcar a passagem do tempo, mas também para usá-lo como grilhões.

E é desse ponto que iniciamos a nossa reflexão sobre o tempo. Afinal, podemos dizer que o tempo que nos move, nos paralisa e nos força a olhar o horizonte é natural? Nestas breves linhas, quero te convidar para refletir sobre como o tempo, apesar de absoluto, é o mais humano dos aspectos da natureza.

### **Afinal, o que é o tempo?**

*“Todos os dias quando acordo  
Não tenho mais o tempo que passou  
Mas tenho muito tempo  
Temos todo o tempo do mundo”  
(Renato Russo).*

Essa pergunta permeia a nossa formação enquanto seres humanos, desde a tenra idade, pois o tempo é a medida de todas as coisas. “Quanto tempo ele já tem?”. “Nossa, mas ela já tem tantos meses e ainda não fala?”. “Quanto tempo levou para ele ler?”. E por aí adiante. Claro, são exemplos bobos e triviais, mas que já apresentam muito da importância que damos ao tempo e como o relacionamos com a nossa existência.

Heráclito, filósofo grego do século VI a.C., fazia parte do grupo de filósofos que chamamos de pré-socráticos. Em resumo, esses filósofos voltaram seus estudos e reflexões sobre a origem de todas as coisas com o objetivo de compreender qual é a essência do mundo em que vivemos. Heráclito, em sua teoria, defendia que a origem elementar do todo era o fogo e que a principal característica da natureza era a impermanência; em outras palavras, era que, de alguma maneira, tudo flui, é passageiro.

Nessa perspectiva, torna-se famosa uma das analogias que o tornaram famoso, em que aponta que o tempo é como um rio, pois “ninguém entra em um mesmo rio uma segunda vez, pois quando isso acontece já não se é o mesmo, assim como as águas que já serão outras”. Em outras palavras, o tempo que uso para digitar estes caracteres não existe mais, mesmo que eu volte e o refaça, não viverei esse mesmo tempo, ou fugaz momento, da mesma forma, afinal, meus pensamentos são outros, minhas expressões, movimentos não retornam àquele ponto.

Então, através de Heráclito, podemos entender o tempo como impermanência. A demonstração de que tudo avança e muda. Mas isso é o suficiente para explicar o que é o tempo?

Alguns séculos adiante, durante o início do período medieval, Santo Agostinho, Bispo de Hipona, também se debruça sobre a questão do tempo:

Que é, pois, o tempo? Quem poderá explicá-lo clara e brevemente? Quem o poderá apreender, mesmo só com o pensamento, para depois nos traduzir por palavras o seu conceito? E que assunto mais familiar e mais batido nas nossas conversas do que o tempo? Quando dele falamos, compreendemos o que dizemos. Compreendemos também o que nos dizem quando dele nos falam. O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém me perguntar, eu sei; porém, se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei. (Hipona, 1973)

Essa citação da obra *Confissões*, de Santo Agostinho, é uma ótima perspectiva para continuarmos nossa reflexão. Provavelmente, compreendemos que não há uma resposta simples para algo tão trivial.

Ainda sob a ótica agostiniana, em seus escritos, o autor apresenta a retomada da perspectiva platônica ao fazer a diferenciação do mundo sensível, o imperfeito mundo dos humanos, e o mundo inteligível, o perfeito mundo das ideias, que, na ótica de Santo Agostinho, representa o mundo divino. Portanto, a Eternidade, que é a ausência do tempo perceptível e, ao mesmo tempo, a simultaneidade de toda a existência são algo restrito apenas a Deus, afinal Ele é o responsável pela criação e o controle sobre o tempo.

Por outro lado, o tempo que medimos, sentimos, está na esfera da subjetividade humana, fruto da nossa capacidade de olhar e organizar essa passagem como algo linear. Passado, presente e futuro são parte do que Santo Agostinho chama de “tempo da alma”, sendo que, bebendo novamente de Platão, a alma é a nossa razão e, por isso, essa divisão só é possível graças ao nosso intelecto.

Se o tempo, até agora, se apresenta como metafísico, podemos nos perguntar como ele pode ter tanto poder e influência sobre nossas vidas. Sei que, muitas vezes, essas divagações sobre o que seria o tempo não fazem parte da nossa vida cotidiana, pois há pensamentos, atividades e necessidades mais urgentes. Mas não é o próprio tempo que torna tudo tão urgente? Ou talvez a falta dele? Mas como falta tempo se os dias, semanas, meses e anos são os mesmos? É nesse momento que o tempo metafísico passa a ser um assunto concreto e uma predileção da História, principalmente da História Social.

Deuses, filósofos, dias, noites, colheitas, calendários, cheias e vazantes são responsáveis pela humanidade apreender o tempo ao longo de milhares de anos. Porém, nada se compara ao tempo que temos hoje, que é o tempo que surge com a maior revolução técnico-científica que o mundo vira até aquele momento, a famosa Revolução Industrial, no século XVIII.

Quando citamos a Revolução Industrial, por óbvio, olhamos para as inovações técnicas e o grande avanço econômico proporcionado pelo aumento da capacidade produtiva. Um aumento que, convenhamos, era inimaginável e que tornou a Inglaterra a pioneira do modelo político e econômico que dominaria o mundo nos mais de 250 anos seguintes, que é o capitalismo.

Em sua essência, esse modelo tem como objetivo máximo a produção de produtos, que gerarão lucro e, por fim, o acúmulo de capital. Mas a existência da máquina, do trabalhador e do dono da fábrica, por si só, não seria o suficiente para tornar esse objetivo factível. Por isso, ao olharmos para a Revolução Industrial, seu grande impacto vai além de máquinas, relações de trabalho e mais-valia. O seu impacto mais profundo e duradouro e que caracteriza a nossa sociedade é na nossa concepção de tempo. Que deixa de ser algo metafísico, pois passa a ser algo palpável, quantificável e, o mais importante, produtivo.

A frase, tão famosa em nossos tempos, seja por bordões de personagens reais ou ficcionais, “tempo é dinheiro” torna-se uma síntese de nossos tempos pós-Revolução Industrial. O historiador inglês Edward Palmer Thompson, em seu ensaio *Tempo, disciplina do trabalho e capitalismo industrial*, nos apresenta como o tempo abstrato, regido pelos dias e noites, tempos de plantação e colheita, deixa de existir e passa a ser materializado através do relógio.

O empregador deve *usar* o tempo de sua mão-de-obra e cuidar para que não seja desperdiçado: o que predomina não é a tarefa, mas o valor do tempo quando reduzido a dinheiro. O tempo é agora moeda: ninguém passa o tempo, e sim o gasta (Thompson, 1998, p. 272).

Nesse trecho, Thompson nos apresenta a diferença fundamental entre o tempo “natural” e a nova métrica definida pelos seres humanos, que é o tempo do relógio. O tempo passa a ser produto, passa a ser a moeda de troca na relação entre trabalhadores e empregadores, se consolidando como a forma de quantificar e negociar a força de trabalho.

E essa negociação será a responsável definitiva pela diversificação da nossa experiência em relação ao tempo.

Nos últimos anos, principalmente no contexto de proliferação de discursos de enriquecimento fácil e de “fórmulas” para se tornar um “bilionário”, ouvimos frequentemente que “todos temos as mesmas 24 horas, portanto, para ser um bilionário, otimize seu tempo”. Pois bem, o tempo não é a mesma experiência para todo mundo.

Na sociedade em que vivemos, onde constantemente a produtividade é o grande objetivo, qualquer uso do tempo que não seja para o trabalho e para a produção/circulação de recursos é desencorajado. Aliado a isso, a criação de um cenário de precariedade, onde a responsabilidade entre viver e morrer, comer e a fome, é apenas do indivíduo que “melhor utiliza seu tempo”, faz com que essa negociação em relação à força de trabalho (tempo) e remuneração se torne, no mínimo, desbalanceada.

Olha, eu sou pobre, Darius. Está certo? E gente pobre não tem tempo pra fazer investimentos, porque gente pobre está muito ocupada tentando não ser pobre. Eu preciso comer hoje... E não em setembro (Atlanta, 1ª temporada, 2016, criada por Donald Glover).

O trecho acima, um diálogo da série *Atlanta*, ilustra profundamente o nosso ponto nesse texto. O tempo é relativo não só na teoria de Einstein. Podemos concluir essa breve divagação com uma perspectiva muito clara que mostra que o tempo é utilizado pelos seres humanos conforme as suas experiências sociais, políticas e históricas.

Passado, presente, futuro, dia, noite, jornada de trabalho, deadline, hora-extra, tempo produtivo, livro das horas e tantas outras formas de referência ao tempo são parte dessas experiências humanas.

*Portanto, o tempo é humano.*

## Referências

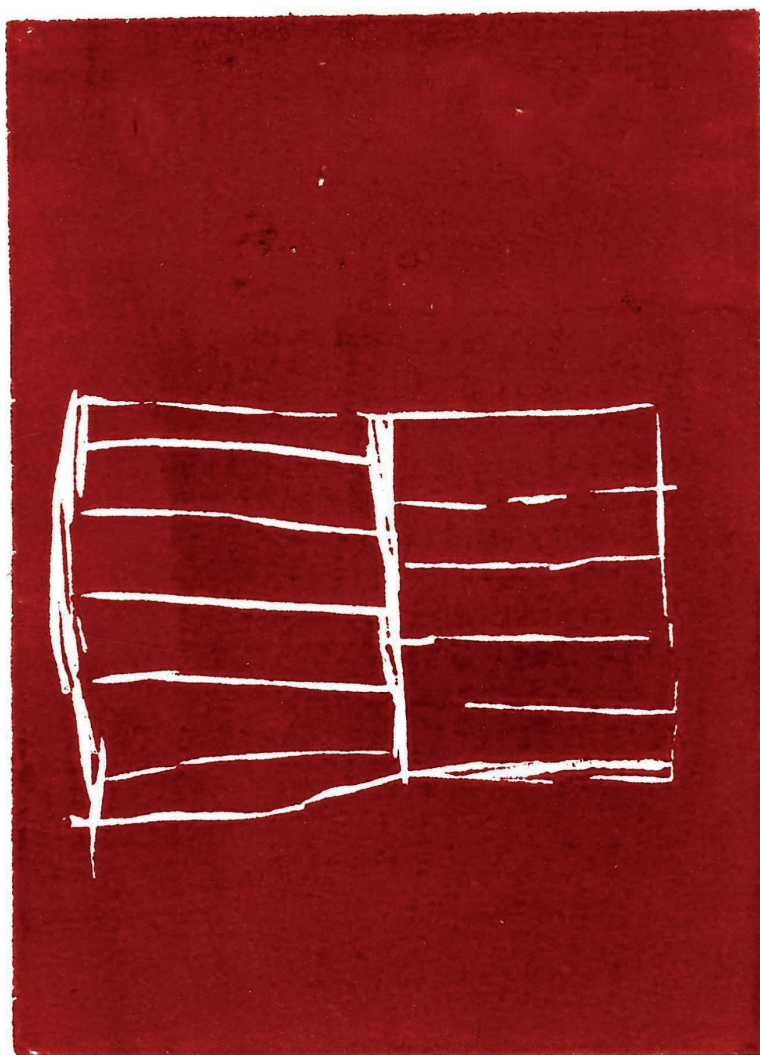
HIPONA, A. A de. **Confissões**. São Paulo: Abril, 1973.

THOMPSON, E. P. Tempo, disciplina do trabalho e capitalismo industrial. *In*:

THOMPSON, E. P. **Costume em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

**Rafael Barbi** (Cadeira 25 – Patrono Mário de Andrade): é Mestre em História e Historiografia pela Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (2016). Possui graduação em História pela Universidade de Sorocaba (2011). Participou de projetos de extensão da Universidade de Sorocaba, trabalhando no Museu Arquidiocesano de Arte Sacra de Sorocaba, como bolsista na área de organização de exposições, manutenção de acervo e documentação, além de pesquisa. Atuou como coordenador do museu da cidade de Salto (Ettore Liberalesso). Atualmente, é professor da rede privada de ensino básico e superior. Tem experiência em História, principalmente em história do catolicismo no Brasil, história regional (Sorocaba e região) e museus. É membro da ASLe desde 2021.

*“Só depois, lendo cada frase em revés,  
entendi que havia o calvário e, antes  
disso, um julgamento.”*



**Lourdes da Silva Gonçalves.**

# *Memórias rebobinadas de Serafim Nascimento*

*Jean-Frédéric Pluvinage*

O fim é apenas um novo começo: aqui jaz Serafim Nascimento. Esse é o meu lema ao deixar este mundo, escrito sobre o granito acima dos meus ossos. Inverno. Outono. Verão. A linda primavera que sobre o tempo passa. Em meio aos cantos dos pássaros, eles se vão, meus netos e netas, filhas e esposa, todos se despedem de mim, com lágrimas. Antes de partirem, selam a minha última casa, com paredes de pedra. A terra, então, é colocada na cova. Começam a inserir meus restos em um fundo buraco. Diante do meu caixão, cercado de pessoas amadas, o padre faz suas preces, contando toda a minha vida, da morte até o nascimento. O cortejo é longo, até chegar a minha lápide, e o caminho é repleto de flores brancas. Lá no cemitério que eu criei, vão enterrar, afinal, o meu corpo.

Fecho os olhos. Sinto, agora, as últimas dores. Que tolo eu fui! É a incerteza que permite a vida. É no caminho entre os pontos que se faz a história. O importante não é o fim, nem o começo. Apenas invertei dois polos iguais! Queria, com arrogância, controlar a morte para controlar a vida. Nestes momentos tardios, conheço o sentido da minha angústia, quando as possibilidades partem como o voar dos pássaros. Começo a pensar no fim da vida, o destino de todos os caminhos. Minha família, em visitas, começa a se despedir de mim. O médico me informa um diagnóstico doloroso. No hospital, carrego a amargura do meu corpo enfraquecido.

De todos os futuros que determinei, nada ocorreu como planejava. A cidade que quis concluída nunca parou, abriu uma nova maternidade. As leis e códigos que queria fixas, seguem evoluindo. Minhas filhas, agora, são adultas, seguem profissões que nunca imaginei, e tenho netos e netas. A idade avançada chega a todos.

Fico desalentado, tão confuso ao sair daquela tenda quando entrei. Se vai ler a vida dos homens, ao menos que seja em prosa! Ah, maldito oráculo poeta! A cartomante termina sua leitura, as cartas já espalhadas por toda a mesa. Sempre é o choro no final, ela conclui. Um choro, apenas um choro. O que será que vai acontecer com o Lobo Mau? Leituras infantis feitas na cama. Um calvário invertido. Ah! E depois disso... Depois, flores brancas. Muitos beijos. O poder e a loucura. Vejo

uma lápide, e nela, o seu nome inicia a minha pitonisa! Ela vai revelar a sua sentença, que é minha salvação. A mulher acende os incensos, começa a ler as cartas, observa borrões de café. Perguntei a ela o que me aguardava no final. Teria a leitura certa da vida, por meio dos búzios, bola de cristal e demais instrumentos oraculares. Adentrei no espaço de sua cabana de mistérios. Decidi visitar Madame Cassandra, que me oferecia o futuro.

Abraçaria qualquer maldição. Ao sucumbir à mais terrível das tragédias, pelo menos teria o consolo de um futuro determinado. Ah, se eu pudesse ser Perseu ou Édipo! Pelo menos os heróis não escapam a um final antecipado. Nos versos antigos, as fiadoras do destino me trazem o doce gosto do fatalismo. Certas estavam as tragédias gregas, as únicas que eu lia em ordem correta. Comecei a me obcecar pelo meu dever.

Ou será que posso? O destino me pregou uma peça sabendo que eu não posso ler as páginas da vida. Não era isso o que havia planejado, ou melhor, queria concluir. Nenhum menino! Foi com um sorriso que a enfermeira anunciou minha terceira filha. É uma menina! Parabéns!

Não tenho nem mesmo controle sobre minha própria vida. Descobri que vivo preso a essa angústia existencial! Quando é a vitória dos heróis? Quando podemos saber, afinal, o momento do nosso ápice? A vida não é como os romances e contos, ela não revela nossa vitória depois da aventura. Percebi que minha vontade pela conclusão de tudo se esbarrava com o próprio caos humano. Estava tão certo que seria um futuro governador e, depois, presidente. O término de minha carreira política foi um choque.

Pelo menos é a certeza de onde ficarei neste mundo. Só consegui concluir uma lápide, a minha. O povo, diante de meus delírios futuristas, logo me tirou o cargo. Protestos se seguiram. Ninguém entendia minha missão quixotesca. Continuei a inventar túmulos infinitos para cada um. Trinetos e tataranetos. Futuros netos e bisnetos. Para cada filho potencial que criava, haveria também de criar sua prole. No meio do projeto, entre listas e listas de nomes, percebi que meu empreendimento era interminável. Esse casal terá uma Iracema e um Joaquim; este outro terá apenas o João. Mesmo que ainda não tivessem nascido. Incluí novas covas, com os nomes dos futuros descendentes de cada pessoa que morreria ali. Nesse empreendimento inovador, os túmulos com os nomes de todos os habitantes já viriam prontos. Seria uma necrópole diferente. Minha primeira ação foi construir um novo cemitério.

Iria deixar a cidade em seu estado final. Ao obter a vitória pelo voto, empreendi meu maior projeto. Foi com esse sentimento que me lancei candidato a prefeito. Só importa a conclusão de tudo: das leis, das cidades, de toda a vida. Nada de mudanças! Que as leis fossem prontas, fixas, imutáveis, assim como a conclusão de um livro! Mas fico ansioso e amargurado com as atualizações feitas nas câmaras e fóruns. Não há peculato antes da bigamia e nem difamação depois da agiotagem. Não há fio narrativo nas leis, todos os códigos penais existem ao mesmo tempo. Ah, a advocacia!

Concluí meus estudos em direito após as núpcias. Brancas não com a esperança pelo futuro, mas por um firmamento selado no passado. E assim nos casamos, uma festa repleta de flores brancas.

Era a certeza novamente que me acalmava. Que felicidade! Disse sim! Ela, com muita estranheza, mas conhecendo meu jeito de ver as coisas, deu a resposta que esperava ansioso. Perguntei a ela se nos via casados e com três filhos, três garotos, daqui a dez anos. Teríamos filhos? Será que ela ia gostar de mim? O problema de uma relação inicial é suportar a dúvida: queria a certeza de que estava diante da minha esposa. Comecei a namorar uma moça no fim da adolescência. Odeio começos.

A revelação final eu encontrei no nascimento. No fim da minha leitura, que era o começo para todos os outros leitores, pude compreender que não se tratava de um homem comum que vencera a morte. Só depois, lendo cada frase em revés, entendi que havia o calvário e, antes disso, um julgamento. Uma ressurreição da qual nem a sua morte eu ainda tinha conhecimento. Nesse grande livro, um homem sagrado voltava para a vida, era um nascimento ao contrário. Começando pelo fim, claro. Na minha catequese, comecei a ler a Bíblia.


E foi assim que caminhei por toda a minha vida. O resto é apenas saber o que foi feito para chegar a essa certeza. Obter o controle sobre a história. O que interessa é a decisão final. Não há o ser ou não ser. O fim é o fim da angústia. Pedia sempre para ela contar o fim antes de tudo. Não aguentava essa dúvida, essa espera até a resolução dos problemas. O lobo iria devorar chapeuzinho ou não? Era eu aninhado na cama e minha mãe a querer contar as fábulas. Não suportava ler, ouvir, nem ver qualquer conto que desconhecesse. Nasci como uma criança ansiosa para tudo, principalmente com as histórias. Esse sempre foi meu lema desde que me dou por gente: todo começo guarda em si a semente do seu fim. Eu choro afinal. Um choro de bebê.

**Jean-Frédéric Pluinage** (Cadeira 26 – Patrono Sócrates): é doutorando em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Unicamp e mestre em Divulgação Científica e Cultural pelo IEL/Labjor da mesma universidade. É jornalista, designer gráfico e editor, com atuação destacada na produção de livros impressos e digitais. Em 2013, criou a editora FoxTablet. Foi jurado do Prêmio Jabuti nas edições de 2015, 2016 e 2017, na categoria de livros infantis digitais. É também especialista em Docência do Ensino Superior e bacharel em Comunicação Social e Design Gráfico. Ingressou em 2015 na ASLe e integra também Academias em Itu e em âmbito nacional. Atua em projetos voltados à inovação editorial e à formação leitora.

*“De antemão, quero ser mais dō que um  
fruto.”*



**Maria de Fátima Tomaz**



# *No tempo do Velhinho - Segurei nas mãos do tempo*

*Valter Berlofa Lucas*

Seu Olavo espreita a vizinhança. Com 92 anos, ainda se sentia muito capaz.  
Via as figuras novas — pessoas que surgem e vão apressadamente.  
Sentado no seu banquinho, em frente à sua base familiar e seu lar de muitos anos, orgulho por ter conquistado, observava.

Em meio a tantas, eis que alguém para e pergunta:

— Como vai, seu Olavo?

Ele disfarça o reconhecimento e diz:

— Estou muito bem, obrigado.

A pessoa responde:

— Que bom!

Dá um passo à frente e lhe pergunta, de um jeito meio abrupto:

— Tem muita idade e experiência pra contar, não é mesmo, seu Olavo?

Sagaz, ele responde:

— Tenho meios pra dizer que a idade não se conta, se eleva.

— Como assim? — pergunta o senhor.

— Sou um presente do passado, um futuro do presente. Ando no passo a passo e agradeço por percorrer a linha reta. Vim de um tempo em que havia certos valores. Vou para outro, onde esses mesmos valores já não são respeitados, serão cancelados no amanhã.

Veja como é incrível: ser alguém agora e, depois, ser outro alguém, no conjunto de tantas experiências. Possuir tal capacidade é impressionante.

Falo somando letras. Ando somando passos. Olhos afastando distâncias. Tudo está tal e qual no presente. O fato da vida é história amanhã.

Meu eu ficou. Meu eu amadureceu. Meu eu sonhou. Meu eu continuou. Meu eu se transformou. Viu sementes de árvores. Viu árvores crescerem e caírem.

A vida, num instante, saltou. Só surgiu, eloquente.

Já não faço o que quis ontem. Hoje, sou viagem. Curti umas alegrias, desmanchei outras na tristeza.

Perpetua-se a cadência do que foi importante. Já não tem sentido. Ficou embolado. Talvez realizado. Talvez esquecido.

Há manifestos do que eu quis. Há manifestos do que poderia ser.

Há lutas feitas de princípios. Há lutas que foram por ilusões, carregadas de heroísmos, outras fadadas a tentativas exaustivas.

Me fiz provar. Me fiz petulante. Me fiz arrogante. Me fiz humilde. Me fiz verdadeiro, real e notório, fruto de adventos de pura nostalgia.

Travei guerras, batalhas internas que ali ficaram. Tornaram-se reflexos, espelhos do passado.

Me arremessaram adiante. Fizeram crescer esperanças de um tempo diferente, que foram aplacadas pelas horas, dias, meses e anos.

Faço por me vigorar nesses momentos. Faço por acreditar que tudo não foi em vão.

Por um instante, me lançaram em sonhos e figuraram energias de realizações, mesmo em meio às frustrações.

O *front* do passado foi, por vezes, perturbador. Desafiante. Confrontante.  
Extrapolou limites. Pareceu complicado. Difícil. E foi superado no presente.  
Às vezes, deixou marcas. Cicatrizes permanentes. Mas também abriu espaço para ter, conquistar, empoleirar troféus.  
Alcançar metas. Podem até parecer medíocres hoje, mas foram empolgantes para o passado.

No mais profundo do que poderia ser, vi manchas ilustradas.  
Fixei o olhar. Me assegurei de que poderia reconhecer a majestade, o trono do universo, as facetas temporais.  
E, em meio a tantos, consegui vislumbrar, no tecido do tempo, meu eu verdadeiro, aquele que poderia ser alguém.

Somos figurantes da alegria, da tristeza conjunta, onde nada faz sentido a não ser através do tempo.  
Personagens de um cenário involuntário, percorremos uma história sem mesmo saber quando começou: se foi no ventre, numa vida passada ou como parte daqueles que decidiram se unir e protagonizar um ser em sua união.

De antemão, quero ser mais do que um fruto.  
Bater forte na intenção de me encontrar. Viver uma vida certo de que não dependo do que outrora tenha vivido, mesmo que insinuem que tudo é resultado disso.

O tempo não para. Adianta-se. Passa. Torna-se contundente e depois inexistente.  
Aonde vou, sou levado pelo segundo seguinte. Decido, mas não acerto. Penso e já é nada.  
Pois tudo é renovado, como se os artistas, no palco, tivessem seus diálogos reinscritos.  
Sem decorar. Sem ler no teleprompter.  
A vida é reconstituída, arremessada pelas linhas do acaso que virá, como da certeza já é passado, do futuro é incógnita.

A tradução é ser conduzido sem mérito, pois o mérito ficou ali, minutos atrás.

Faço para produzir mais um capítulo. Se será certo, não sei. Mas é um passo adiante, e pode ser melhor.

Nossa tradução é simultânea.

Não tem *script*.

Tem uma vírgula, pois o ponto final ainda está em produção.

Se quisesse ser melhor, teria que adquirir experiências, mas duvidosas de serem autênticas, para definir aonde quero chegar.

Minha opinião é sobre o conhecido. Como posso entender o que não é?

Teorias. Puras teorias.

De um certo ou errado que, ao longo do tempo, ganha ou perde peso.

Vêm de um abismo absurdo entre o real e a ilusão de um simples pensamento.

Assim vejo a imensidão do universo.

Poderia perceber as estrelas e até contá-las e dizer um número aleatório.

Seria o suficiente para você duvidar.

Mesmo que quisesse contestar o absurdo numérico, teria que provar.

Verdade ou mentira serão persuadidas pelo tempo, onde mais teorias serão lançadas.

Veja a ridicularidade da questão: o que é tão certo hoje, com o tempo, passa a ser sem mérito até mesmo para julgamento, diante dos fatos presentes, incontestáveis.

Na máxima dos meus cabelos brancos, posso ser experiente, mas pouco mais inteligente.

Ou, talvez, abusado em dizer que sou sábio.

Faço uma perspectiva de uma caminhada com um grau de conhecimento entre variáveis alternativas que decidi percorrer.

Outros transitaram por caminhos opostos, contrários, até mesmo paralelos.

Porém, em outras versões de raça, cultura, conceitos, tradições que também limitaram seus aprendizados. Como ocorreu comigo.

Quando nasci, me segurei nas mãos do tempo.

Fui conduzido por 92 anos. Poderei chegar aos 100 ou mais.

Certo de que estarei sem segurança se vim de algo anterior... Ou se vou além de alguma coisa.

Minha certeza é que, no candelabro do tempo, foi iluminada uma passagem que me trouxe até aqui.

A certeza de ainda estar aqui e falando contigo nem mesmo é certa.

Pois pode ser apenas uma ilusão provocada pelo tempo.

Minha mente pode estar pregando uma peça.

O tempo já me levou memórias e talvez nem me dê mais as condições de estar vivendo uma realidade de fato.

Quem sabe se você é criação da minha mente?

E vou mais além:

Em que tempo parei?

E talvez... Onde estou nem seja real.

**Valter Berlofa Lucas** (Cadeira 27 – Patrono Luiz Vaz de Camões): é escritor e poeta, autor dos livros *O vira-lata Sargento e Palavras soltas: crônicas poéticas*. Membro da ASLe desde 2019, exerce, atualmente, a função de tesoureiro. Destaca-se por uma escrita sensível e reflexiva, que transforma o cotidiano em poesia. Suas crônicas, acompanhadas por fotos de flores tiradas por ele mesmo, trazem leveza, esperança e acolhimento. Natural de São Caetano do Sul, SP, é presença ativa em eventos literários e palestras, nos quais compartilha sua trajetória e inspirações. Com estilo direto e emotivo, valoriza a simplicidade da vida e o poder das palavras para tocar corações.

*"Nãquele instante, ela não era mais  
pedra, nem silêncio, nem sombra. Era  
flor."*



**Regina Aparecida Conceição Braz**

# *Violenta, flor de ir embora*

*Raquel de Toledo Camargo Ferraro*

Ela nasceu com um nome que nunca pareceu ser seu.

Tudo começou com um erro de registro, considerado um pequeno deslize para quem o cometeu.

Seu pai, ocupado com o trabalho, com a vida e com a pressa dos dias modernos, não teve tempo de perceber a falha. Tinha os dias cheios de compromissos e contas a pagar.

O funcionário do cartório, que vivia seus dias burocráticos entre carimbos e documentos, achava que não deveria perder tempo revisando os papeis. Deixava essa tarefa para a parte que ele considerava a única interessada. Sem saber, carimbou o destino da criança.

Ela seria **Violeta**, uma flor delicada e suave, escolhido pela sua mãe, com muito carinho. Porém, o seu nome se tornou algo mais forte: **Violenta**.

Um nome que não se dizia em voz alta e que carregava em si uma sentença pesada.

Esse erro marcou seu destino.

A mãe, ao descobrir, chorou em silêncio, tentou mudar e não conseguiu. Para suavizar o impacto do engano, repetia que ela era a flor mais bela do jardim. Nenhuma palavra conseguia atingir o vazio que ela sentia.

Sua beleza, se é que existia, estava oculta em algum lugar profundo onde os olhos não conseguiam alcançar.

Um nome que não combinava com infância e nem com alegria.

Foi uma criança de olhar profundo e calado. Fugia dos olhares de deboche quando tentavam repetir o seu nome.

Sempre foi a menina estranha de nome estranho.

Cresceu em silêncio, como se o nome tivesse sufocado qualquer esperança de doçura, de leveza e de riso espontâneo.

Ela carregava aquele nome como se usasse uma roupa que não lhe servia.

A vida lhe foi fria, monótona e vazia de sentido.

Não conheceu amor, nem ódio, apenas a monotonia do existir e a indiferença a tudo.

Nunca se sentiu parte do mundo.

Nada lhe interessava.

Não teve amigos, não escreveu diários cheios de sonhos, não beijou, não abraçou, não dançou, não brincou e não sorriu.

Não sentia, nem amava; a vida era só espera. Ela via o tempo passar como se ele apenas perencesse aos outros.

A vida passou para ela como um vento por folhas secas; não tocava nem levava, apenas soprava.

Passou a vida tentando enganar o tempo.

Tudo era espera, e ela nem sabia o que esperava.

Seus pais morreram em datas próximas durante a mesma primavera. Violenta não chorou, mas percebeu que o tempo estava indo embora.

O tempo virou um peso em seu peito. Era uma sombra em seus ombros.

Quando percebeu que não conseguia dominá-lo, ela se entregou a ele.

E o tempo cruel tornou-se presença, ele era obstinado e o único que permanecia ao seu lado.

O relógio, que sempre insistia em lembrá-la da passagem do tempo, parecia, agora, ser seu único companheiro fiel. Enquanto tudo parecia distante e difuso, o relógio era permanente.

Sentou-se diante do velho carrilhão da sala, observando os ponteiros girarem como se fossem o próprio destino. Se sentia hipnotizada por ele. Ouvia o tic tac incessante, profundo e dominante, e ali o fio que conecta as pessoas ao tempo se rompeu.

Foi ali que ela ficou.

O que a fascinava não era o som, mas a quietude que ele trazia.

O tempo continuava implacável, e o relógio marcava as horas, os dias e os anos com a calma que ela aspirava. Era seu único visitante constante, marcando cada segundo de uma tristeza sem nome. Ele era um guardião do tempo com quem ela aprendeu a conviver.

Ali ela ficou.

Anos e mais anos se passaram assim. Sem visitas e sem notícias

O mundo seguiu sem ninguém notar a sua ausência.

A casa envelheceu com ela. As paredes descascaram, a pintura desbotou, as janelas começaram a ranger, surgiram rachaduras nas paredes como as rugas que transformavam o seu rosto.

As estações se alternavam e ela permanecia ali, imóvel, fiel ao seu único compromisso: observar o relógio.

A vida, para ela, sempre foi um longo intervalo entre o nada e coisa nenhuma.

Um espaço onde o tempo corria sem pressa, mas também sem direção.

Ela existiu como quem espera por algo que nunca vem e com a paciência que não escolheu ter.

Aos 89 anos, em um dia qualquer de verão, o relógio parou.

Ninguém percebeu.

O velho relógio da sala soltou um estalo seco que cortou o ar. Com ele, cessou o som do carrilhão.

Violenta ouviu aquele som com atenção. Era diferente, era um fim.

Naquele instante, algo novo aconteceu. Violenta sorriu, pela primeira vez. Um sorriso pequeno, mas inteiro. Como uma flor que se abre ao sol após uma vida de sombra. Violenta sentiu algo dentro dela se abrir.

Ela se sentia flor. Violenta floresceu.

Uma flor que se abre em terreno seco. Dentro dela, o milagre aconteceu.

O sorriso não era de alegria nem de alívio. Era de reconhecimento, como se estivesse sendo vista pela primeira vez.

O tempo, que sempre a ignorou, não parecia mais vazio. Era como se tivesse reconhecido a sua dor.

Ele parecia olhar para ela com delicadeza e ternura.

Ao olhá-la assim, ele a chamou. Não usou o nome que estava no papel.

Não era o nome que o mundo lhe deu.

Era o nome sussurrado na mudez.

O nome que nunca ninguém soube, mas que sempre foi seu. Seu nome nascia do silêncio: flor de ir embora.

Ela sentiu o corpo, a alma e o nome em harmonia.

Naquele instante, ela não era mais pedra, nem silêncio, nem sombra. Era flor.

Flor de si mesma.

E foi assim, chamada pelo nome certo, que ela partiu finalmente para o lugar aonde sempre quis ir.

*Flor de ir embora*

*É uma flor que se alimenta do que a gente chora*

*Rompe a terra decidida*

*Flor do meu desejo de correr o mundo afora*

*Flor de sentimento*

*Amadurecendo aos poucos a minha partida*

*Quando a flor abrir inteira*

*Muda a minha vida*

*Esperei o tempo certo*

*E lá vou eu*

*E lá vou eu*

*Flor de ir embora, eu vou*

*Agora esse mundo é meu*

(Fátima Guedes)

**Raquel de Toledo Camargo Ferraro** (Cadeira 28 – Patrono Eça de Queiróz): é graduada em Publicidade e Propaganda pela PUC-Campinas, com especialização em Marketing e Vendas. Atuou como professora universitária por mais de vinte anos e trabalhou em diversos veículos de imprensa da região. É membro da ASLe desde 2021. Desenvolve atividades voltadas à escrita, comunicação e cultura.



*"Poderia até se notar um certo romantismo em suas palavras e gestos, sempre muito frios, compenetrados e sem nenhuma emoção."*



**Maria do Rosário Piza**

# Resposta ao tempo<sup>1</sup>

*Jorge Duarte Rodrigues*

*Batidas na porta da frente / É o tempo / Eu bebo um pouquinho pra ter /  
Argumento / Mas fico sem jeito calado, ele ri / Ele zomba do quanto eu chorei  
/ Porque sabe passar / E eu não sei / Num dia azul de verão / Sinto o vento  
/ Há folhas no meu coração / É o tempo / Recordo um amor que perdi / Ele  
ri / Diz que somos iguais / Se eu notei / Pois não sabe ficar / E eu também  
não sei / E gira em volta de mim / Sussurra que apaga os caminhos / Que  
amores terminam no escuro / Sozinhos / Respondo que ele aprisiona / Eu  
liberto / Que ele adormece as paixões / Eu desperto / E o tempo se rói / Com  
inveja de mim / Me vigia querendo aprender / Como eu morro de amor / Pra  
tentar reviver / No fundo é uma eterna criança / Que não soube amadurecer  
/ Eu posso, ele não vai poder / Me esquecer (Aldir Blanc).*

Ficava horas na varanda debruçado sobre o costado da cadeira preferida em que costumava ficar sentado, como se estivesse montado em um cavalo enquanto, na vitrola, uma de suas canções preferidas, na voz suave e aveludada de Nana Caymmi, era repetida à exaustão. Não o visitava mais por absoluta falta de tempo, sendo sagrada a minha visita pelo menos ao findar de cada ano.

Nessa ocasião, ele repetia a célebre frase de Santo Agostinho: “Sei perfeitamente o que é o tempo, mas se me perguntarem o que é o tempo, não saberei dizê-lo”, para, em seguida, estender seu olhar no horizonte por entre as planícies pintadas de verde, enquanto a memória ia se desenrolando igual à película de um filme.

As lembranças vinham sem uma sequência lógica, alternando casos acontecidos quase no início do século passado com fatos recentíssimos, como o do atual escândalo do esquema de fraudes e desvios de dinheiro de aposentadorias e pensões do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS). “Influenza A (H1N1), onde já se viu gripe, constipado, com esse nome?”, perguntava indignado,

---

1 O título deste texto é homônimo ao da canção “Resposta ao tempo”, composta por Aldir Blanc e musicada por Cristóvão Bastos, cuja letra abre a crônica.

motivo para poder falar da gripe espanhola, ocorrida em 1918 e testemunhada pelos seus pais, e que havia chegado inclusive ao Brasil.

Gosto de ficar prestando atenção nas suas histórias e causos que, às vezes, sinto que aproveitaria muito mais meu tempo ouvindo-o que indo atrás dos meus afazeres e compromissos que nunca se resolvem completamente e muito menos resultam em coisa alguma.

“A bochecha do camarada — dizia ele, voltando ao assunto — ficava da cor do morango e, em pouco tempo, o rosto todo ficava avermelhado”. Esse era o sintoma inicial da gripe que fez mais vítimas na Espanha — por isso o nome —, a qual a pessoa, em duas horas, morria sufocada por falta de ar.

Sobre a descoberta da mais nova corrupção nos meandros do sistema previdenciário nacional que saqueava com descontos diretamente na fonte dos benefícios dos pobres aposentados e pensionistas, dizia que não se espantava, porque, desde o governo de Getúlio, a sem-vergonhice e ladroeira corriam soltas no país.

Falava pouco da mulher e dos filhos. Apenas no desencanto que demonstrava quando se referia à família, era possível imaginar que as coisas não tinham ocorrido da maneira como desejava que fosse. Sabe-se que a mãe dos seus filhos o abandonara bem antes de eles se formarem profissionalmente. E por sua vez, os filhos (cinco ao todo) iam tratando de cuidar dos seus próprios destinos, assim que o diploma lhes chegava às mãos.

Restava ele naquele casarão herdado dos pais, que nos bons tempos viveram da plantação de café. Além dele, a velha e severa governanta do tempo dos seus pais, a qual ninguém sabia de onde viera, cuidava de tudo com muito zelo e dedicação, que parecia ser uma extensão das próprias mobílias da casa, cujo assoalho sempre encerado fazia ecoar o ruído dos seus passos decididos e vagarosos.

Seus olhos enchiam-se de brilho quando o assunto era sobre a amizade. Gostava de repetir que era o único sentimento que fazia duas pessoas realmente se completarem. Leitor inveterado, citava de cor o poeta Jorge Luis Borges, que dizia ser “a amizade o amor na sua mais pura essência”, pois ela, diferentemente do amor, tinha a vantagem de não dar lugar ao ciúme e permitir a ausência. E citava de cor algumas particularidades vividas pelo escritor argentino com três grandes amigos, que leu em sua biografia, reforçando a tese sobre amizade: “*Eu era muito amigo de Manuel Mujica Laines e só nos víamos de dois em dois anos. Sou grande amigo de Adolfo Bioy Casares, Adolfo, e nunca nos fizemos uma confidência. Manuel Peyrou é meu amigo, casou-se e eu só vim a saber um ano depois*”.

Ao contrário de Borges, não costumava se abrir, mas dava a entender que tinha orgulho danado das amizades que conquistara durante todo esse tempo, principalmente pelo seu jeito peculiar e sincero de se relacionar com quem estivesse a sua volta. Diziam que ele tinha amigos importantes e poderosos, embora o tratamento dispensado a eles não se diferenciava em nada ao dos mais humildes.

Ultimamente, estava mais feliz e menos incrédulo do que sempre fora. Poderia até se notar um certo romantismo em suas palavras e gestos, sempre muito frios, compenetrados e sem nenhuma emoção. Uma recente amizade, comentavam, era a causa do renascimento desse senhor.

Fui visitá-lo outro dia e, apesar de sempre elogiar a minha discrição, não resisti em lhe questionar sobre os motivos daquela mudança visível em seu comportamento. “Segredos, meu caro amigo, sonhos e segredos que só a amizade nos recompensa”, me diz com olhar iluminado. Antes de continuar sua confidência, cita um trecho de cor de Pablo Neruda sobre os dias que estão fazendo-se como o pão ou as cadeiras, ou como os produtos das farmácias: “Existem artesãos de almas que levantam e pesam e preparam certos dias amargos ou preciosos que de repente chegam à nossa porta para premiar-nos com uma laranja ou assassinar-nos de imediato”.

Em seguida, como quem encontrara um tesouro, fala da sua mais nova amizade que os dias lhe trouxeram qual a fruta do poema de Neruda: “Dos meus sonhos e segredos, meu filho, só posso te adiantar que fui premiado com uma amiga e que a nomeei poeticamente de girassol”.

**Jorge Duarte Rodrigues** (Cadeira 29 – Patrono Pablo Neruda): é jornalista profissional, graduado em Letras (Português/Inglês) pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras N.S. do Patrocínio. Editor de cultura e revisor do Jornal Taperá, Salto, SP, desde 2005. No Prêmio de Literatura do Cinquentenário da Universidade Federal Fluminense (UFF), de Niterói, RJ, seu texto foi selecionado entre as 20 melhores crônicas, que compôs, ao lado dos 20 melhores contos e dos 20 melhores poemas, a *Antologia do Cinquentenário da UFF*, em 2010. Em 2014, conquistou o 1º lugar no Concurso Nacional de Literatura de Cerquilha, SP. É membro da ASLe desde 2014.

*“Percebeu, então, que o seu desejo naquele lugar acabou afetando o futuro.”*



Rita de Cássia Candiane Maciel

# O muro que guardava o tempo

*Eloy de Oliveira*

— E se o tempo não fosse uma estrada, mas um véu? Um véu que se dobra, se torce, se revela. Dobrar o tempo seria atravessar a si mesmo, porque toda dobra é também uma dobra na alma: entre o que fomos, o que somos e o que ainda podemos ser.

A frase ecoou entre as colunas da Casa da Cultura de Paraty. O palestrante, Dr. Elias Navarro, físico teórico e autor de *A metáfora do relógio quebrado*, misturava ciência quântica com filosofia como quem mistura vinho com sal: de forma improvável, mas provocante.

Vicente Rocha, radialista de voz grave e olhos atentos, resmungou:

— Como se passado, presente e futuro pudessem se tocar...

— Parece ficção? Mas é isso que a ciência começa a admitir — respondeu uma mulher ao seu lado.

Era bonita. Uns trinta e poucos. Pele clara, olhos escuros. Rosto que alternava ternura e malícia. Ele sorriu.

— Júlia Martins — disse, estendendo a mão.

O aperto de mão foi demorado. Os olhos também se encontraram e ficaram algum tempo reconhecendo o terreno.

— Eu sou radialista. Vim para entrevistar o Dr. Elias. E você?

— Professora. Vou ter de ministrar esse tema nas minhas aulas. A escola que me contratou quer foco nisso. Pauta muito atual.

O Dr. Elias pediu silêncio.

No café, após a palestra, Rocha contou sobre sua carreira de mais de 30 anos. Ela falou que era professora havia dez.

E falaram também sobre a palestra:

— Se eu pudesse, voltava no tempo — disse ela.

— Para quê?

— Para consertar erros.

Ele ficou curioso, mas não quis se aprofundar.

— Eu só voltaria se precisasse — respondeu.

Rocha observou que ela tinha um riso fácil, mas com um quê de tristeza e imaginou que provavelmente os erros a que ela se referiu fossem os responsáveis por isso.

Mais um pouco de conversa e ele soube que ela tinha 32 e uma filha de sete, Olívia, de um casamento que terminara três anos antes.

Ela soube que ele tinha 52, era separado e que não tinha intenção de viver um novo amor.

Júlia revelou que ela sim buscava um relacionamento.

Depois do seminário, começaram a conversar por *WhatsApp* e as conversas, espaçadas no início, foram se intensificando.

Alguns meses depois, já haviam se encontrado para tomar café, shows e para jogar conversa fora em barzinho.

A primeira vez que fizeram amor foi uma revolução.

Quando os corpos finalmente se tocaram sem freios, foi alma reconhecendo alma. No início, havia o silêncio das descobertas: mãos que hesitam, olhos que buscam, respirações que tropeçam. Mas logo, tudo se encaixou com uma naturalidade quase absurda. Como se os dois soubessem, desde sempre, como o outro gostava de ser tocado, olhado, mordido, sussurrado.

Ela sentiu como se ele decifrasse sua linguagem secreta, aquela que nem ela sabia escrever. E ele, tomado por um arrepio que começava nas costas e explodia no peito, entendeu que ali havia mais do que prazer: havia pertencimento.

A cada movimento, uma nova certeza: o tempo tinha esperado por esse instante. E quando chegaram ao auge, o gozo mostrou como se o mundo tivesse parado por um segundo para dar espaço à conexão.

Depois, deitados lado a lado, ficaram sem palavras por um tempo.

— Uau, você é incrível — ele confessou.

— Eu não, você.

Riram.

— Nós somos incríveis, juntos — disseram em uníssono.

Os novos encontros foram revelando uma ligação que eles jamais imaginaram. E uma proximidade cada vez maior.

— Posso te fazer uma pergunta?

— Claro.

— Você teve muitos namorados?

Silêncio.

— Por que isso?

— Fiquei curioso. Você me parece tão perfeita. Deve ter atraído muitos olhares masculinos sempre.

Ela riu.

— Imagina. Tive seis namorados apenas. E fui casada uma vez.

— O pai da Olívia?

— Sim, Mateus, um daqueles erros que consertaria.

— Por quê?

— Ele era muito ciumento. Doentio mesmo. Inventava armadilhas para me flagrar em traição.

— Barra pesada então?

— Muito. Eu gosto de liberdade. Ele me sufocava.

— E nunca mais o viu? O que ele faz hoje?

— Encontrei-o pouco antes de nos conhecermos. É professor.

— E daí?

Ela suspirou entediada.

— Errei de novo. Estava carente e tinha um sentimento de culpa, porque ele sofreu muito com a separação. Ele me disse que queria voltar. No começo, neguei. Mas disse que fui a única mulher que amou de verdade, e isso me derreteu. Estava solteiro. Achei que podíamos tentar. Saímos algumas vezes, mas ele mentiu. Estava casado.

— Nossa, e como descobriu?

— A mulher dele veio atrás de mim, porque eu o tinha colocado nas minhas redes e nos falávamos todos os dias.

— Depois, ele nunca mais a procurou?

— Ficamos nos falando quase um ano, mas como amigos.

— E não houve nada mais sério?

— Não queria falar sobre isso.

— Por quê?

— Porque é chato. Você é quem eu estou agora. Ele não interessa.

— Mas é alguém importante. Vocês transaram?

Silêncio. Ela ficou nervosa. Rocha percebeu tudo.

— Foi só uma vez — ela disse, num sussurro de arrependimento.

Ele não reagiu na hora. Tentou disfarçar. Mas o pensamento ficou ali, fermentando. O ciúme foi ao limite.

Rocha passou dias remoendo o receio de ser o segundo a qualquer momento. Se o ex-marido estivesse livre, ela ficaria com ele. Mesmo não estando, se falaram quase um ano e transaram.

A informação deixou o clima entre eles péssimo.

Brigaram algumas vezes por isso. Em uma delas, a mais séria, ele se embebedou de vinho e foi dirigindo para casa à noite. Estava desnorteadado e pensando que, se pudesse, aquele cara não existiria.

Passando por uma rua erma e muito escura, ele se deparou com um brilho azul num muro antigo. Parecia vir de dentro de uma fenda. Parou, desceu cambaleante e foi até lá. Deu de cara com um homem mais velho. Não perguntou nada. Foi em direção à luz.

— Não entre aí — advertiu o velho.

Ele deu de ombros.

Ao passar pela fenda, foi como se tivesse sido transportado a outro mundo. Era dia de repente. Olhou em volta e começou a reconhecer: estava na mesma cidade, mas em outra época.

Perguntou a um senhor que dia era:

— Vinte e seis de fevereiro.

— De que ano?

— Como de que ano? De 2010. De onde você é...

Ele largou o senhor falando sozinho e começou a caminhar. Voltara no tempo então. Esse era o ano que Júlia conhecera o ex-marido e o dia era exato quando tudo aconteceu.

Como se fosse uma tela gigante de cinema, imagens começaram a aparecer na sua frente. E ele viu Júlia com 17 anos. O ex-marido, Mateus, também com 17. O namoro. As armadilhas que o outro criava. O medo dele de perdê-la. O primeiro sexo. A dor dela. A gravidez. O choro. A solidão. A imagem focava agora em Júlia, segurando os joelhos, sentada, aos prantos, na margem da rua da casa de Mateus.

— Isso é real? — murmurou o radialista.

A tela sumiu e ele estava então frente a frente com Júlia.

Ela não o via.

— Eu quero apagar esse passado todo, pensou.

O radialista desejou isso com muita força. O seu desejo era tão intenso que as imagens foram esmaecendo até desaparecer.

E uma grande explosão o cegou.

Ao abrir os olhos novamente, Rocha estava na frente do muro. Parecia não ter entrado. Fez menção de passar pela fenda.

O homem mais velho de antes o segurou.

— Vá para casa. Tudo se resolverá. Não entre aí.

No dia seguinte, Júlia estava ainda mais apaixonada por ele.

Fizeram amor novamente.

Só que nada daquilo que sempre os uniu aconteceu.

Rocha perguntou de Olívia.

— Que Olívia?

— Sua filha.

— Não tenho filha. Nem quero ter. Você sabe que não.

Ele não disse nada mais. Só a olhou com mais atenção. Ela parecia ter saudade de alguém, alguma coisa. Ele perguntou. Ela não sabia.

Percebeu, então, que o seu desejo naquele lugar acabou afetando o futuro, e a Júlia, que ele tanto queria sem passado, não era a que ele queria de fato. Apaixonara-se por uma mulher com quem

tinha conexão, amor, tesão e que tinha muitas histórias de vida para contar. Ele apagara 15 anos da vida de uma mulher com 32, ou seja: matara a sua alma. Quem não tem memória não existe.

Era preciso fazer alguma coisa.

Voltou ao muro e viu o velho da outra vez.

— Como faço para voltar ao passado? — perguntou.

— Não deve voltar. O passado não deve ser mexido.

— Eu já mexi. Preciso consertar.

O velho balançou a cabeça em reprovação.

— Tem de desejar muito. A força de vontade é o que faz o impossível pedir passagem. O querer empurra a alma.

Por mais que tentasse, Rocha não conseguia mudar nada.

Sentou-se em frente ao muro, desconsolado, apanhou uma garrafa de vinho no carro e começou a se embriagar.

A noite caiu rapidamente.

Quando ele menos esperava, o brilho azul voltou e uma fenda se abriu no muro. Era o portal do tempo outra vez.

Voltou ao passado, localizou Júlia e Mateus e os colocou frente a frente à força. Era mais forte que eles. E, então, desejou intensamente que tudo voltasse ao que era antes da sua interferência.

E tudo voltou.

Outra vez, uma enorme explosão o cegou.

Despertou no colo de uma mulher estranha. Ela ria para o nada. Chorava com o vento. Dizia amá-lo com uma devoção insana.

— Quem é você?

— Seu amor — respondeu.

Assustado, fugiu. Ela o perseguiu:

— Se não me desejar como eu o desejo, morrerá em uma semana.

A grande tela voltou. Rocha viu o futuro: Júlia lamentava seu sumiço. Olívia pedia um pai. E Mateus afirmava que iria se separar para ficar com ela. Que eles se conheciam havia quase três décadas. Tinham sido namorados desde a escola. Rocha era apenas alguém que ela conhecera, mas que não passava de um velho para ela.

O radialista gritou de raiva.

Eles marcaram de se casar dali uma semana.

Ele tentou desejar voltar. Mas voltava em uma dobra do tempo. Via Júlia, e ela não o via, nem ouvia. Não funcionava.

A estranha disse:

— Enquanto eu te amar, você estará preso aqui.

Então, ele fez o oposto. Ignorou-a. Beijou outra. Declarou-se.

— Você não pode fazer isso. Eu sou quem você tem de amar — disse.

— Não, eu troquei você. O amor não nasce do comando, nasce do encontro. Amar é um gesto livre, uma escolha íntima que brota no terreno invisível entre duas almas. Não se impõe amor como não se obriga o sol a nascer. Pode-se exigir respeito, presença, até lealdade. Mas amor? Amor é outra coisa. Você está errada.

Assim que ele disse, uma nova explosão aconteceu e o cegou.

Quando abriu os olhos novamente, estava frente a frente com Júlia, vestida de noiva, que o olhava com curiosidade.

— Sou eu, Júlia, o Rocha. Por favor, me escuta. Eu te amo.

Júlia parecia olhar através dele.

— Não deu certo. Ela não me vê, nem me ouve. Desisto.

— Vai desistir logo agora que eu estou pronta?

A voz de Júlia surgiu como se estivesse abrindo uma janela depois de um inverno longo demais. O seu coração começou a pular. Os olhos molharam antes de qualquer palavra fazer sentido. Ouvi-la depois daquela angústia toda era doce e vertiginoso.

Por um instante, o mundo silenciou.

Casaram-se. Vivem com Olívia. Júlia nunca soube do portal.

Mas ele entendeu.

Não se apaga o que foi. O que se viveu é o que nos molda. O tempo não é linha. É tecido. E só existe enquanto dura a presença.

Cada pessoa vive numa dobra de tempo. Só ela sente o que viveu. Só ela sabe da dor. O que contamos aos outros são apenas fotografias emocionais. Cenas carregadas de memória e filtro. Se

dizemos que alguém nos salvou, ele vira herói. Se dizemos que nos feriu, ele vira vilão. Mas só nós sabemos o que se passou.

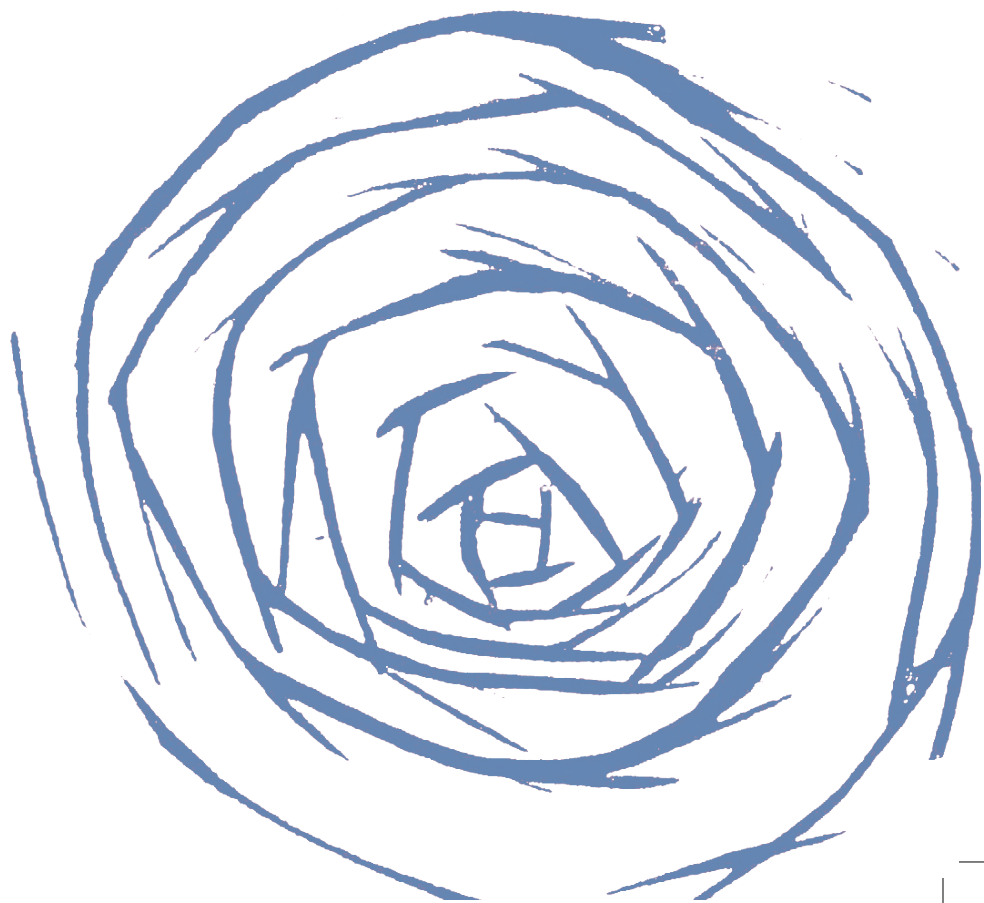
Mateus foi o primeiro homem de Júlia. Mas também o último de um tempo que acabou.

Ao encerrar seu programa na rádio, Rocha disse:

— Que você tenha coragem para viver o agora: é tudo o que temos.

E o velho, ao lado do muro, concordou. Depois sumiu.

**Eloy de Oliveira** (Cadeira 31 – Patrono João Cabral de Mello Neto): é escritor, poeta, jornalista e pensador inquieto. Publicou 25 livros entre contos, crônicas, romances e poesias. Ganhou o Prêmio Esso e o Yara, além de dezenas de concursos. Lançou, em 2024, *Histórias que não cabiam nos jornais*. Na pandemia, doou direitos autorais ao Missão Covid. É membro da ASLe desde 2015. Trabalhou na Gazeta, Globo, Joven Pan e em grandes jornais. Especialista em comunicação, também atua no marketing político. Faz palestras, oficinas e consultoria para marcas e candidatos. Seu olhar afiado segue atento às dores e às delícias do agora.



*“Em pouco tempo, o grão está moído, o café  
já está na xícara.”*



**Julieta Silva Corrêa**

# Tem pó?

*Fabiano Ormaneze*

Mal olhou o analista, com aquela levantada de sobrancelha que servia de cumprimento, jogou a bolsinha amarela sobre o divã de couro *capitoné* e deitou-se. O analista, a quem ela chamava de Dr. Javi, embora ele sempre a corrigisse, dizendo que o certo era Jali — e sem doutor na frente —, estava lá na sua cadeira em silêncio, com aquela prancheta e duas ou três folhas de papel, que, a ela, pareciam ser sempre as mesmas e nunca terem sequer um risco, quanto mais qualquer palavra escrita:

— Eu lembro bem da primeira vez que eu o vi. Eu estava quieta em casa, mexendo nas minhas gavetas cheias de papéis que eu nem sei por que eu guardo. Ele tocou a campainha. Mas quem seria? Logo pensei. Não estava esperando ninguém, o porteiro não me avisou que alguém subira. Intrigada, mas também curiosa, é verdade, olhei por aquela lente, como é mesmo o nome?

— Olho mágico?

— Deve ser. Olhei pelo olho mágico e ele estava lá, de bermuda, mesmo fazendo frio. Era inverno. Logo pensei: o que será que esse homem quer comigo? Mas o achei bonito logo de cara. Abri. Nem lembro se ele me cumprimentou, nem o que disse. Só me recordo que ele me contou uma história qualquer de que queria fazer um café para aquecer a tarde. “Tem pó?”, ele me perguntou, pedindo um pouco emprestado. Eu logo achei aquilo cômico, afinal, esse era um hábito que minha avó, talvez minha mãe tivesse algum tempo atrás... Ir aos vizinhos pedir o que tinha acabado em casa, com a promessa de que traria depois. E meu pai sempre cobrava: assim que fazíamos a compra do mês, eu ia lá devolver a xícara de açúcar, o meio quilo de farinha, o copo de leite que algum vizinho tinha emprestado. Mas um homem, na minha porta, pedindo pó de café, no meio de uma tarde... Era algo que parecia...

Mirceia fez silêncio. Três segundos, que pareciam uma hora, na sala do analista iluminada apenas com o abajur e as frestas de luz do sol que passavam pela janela:

— Parecia o quê? Não pense, apenas fale — provocou Jali.

— Parecia curioso, inusitado, estranho. Afinal, ele era um desconhecido, mas tinha algo com ele que me seduziu. “Tem pó?”, ele perguntou, mas parecia querer saber mais do que isso, ou talvez eu já quisesse que, por trás daquele pedido, houvesse algo mais... Eu o convidei para entrar, acho que foi por educação. Nunca se deve deixar entrar quem não se conhece.

Deu uma gargalhada, um pouco irônica.

— Não deve deixar entrar, Mirceia?

— Não se deve, era o que minha mãe e o meu pai diziam. Mas eu deixei. Eu mesma fiz o café e ainda coloquei um pouco de pó numa xícara para que ele levasse. Ele nunca me devolveu, sabia? O que ele me deu em troca foi outra coisa. Ele barganhou por conversa, queria saber de onde eu vim, que cheiro eu tinha, se ainda havia tempo para alguma coisa.

— Tempo?

— É, tempo. Porque aquele pedido, aquele “tem pó?”, mexeu comigo como se alguém soprasse a poeira de um móvel antigo, tipo aquela gaveta cheia de documentos que eu não sei por que guardo... E senti como se todo o tempo acumulado remexesse. Me lembrou minha avó fazendo café às 6 de manhã, o cheiro dele invadindo tudo...

— O cheiro dele? — foi a pergunta astuta do psicanalista.

— Sim, mas o cheiro que eu falo é o cheiro do café da minha avó. Não estou falando do cheiro dele, do homem, apesar que ele era bem cheiroso. Ele usava um perfume que eu até acho que tinha alguma nota de café, mas não sei, não entendo muito.

— E o que você fez? — Jali perguntou, fazendo um rabisco nas folhas de papel.

— Eu disse que sim. Mas que tipo de gente aceita entrar na casa do outro na primeira vez, já vai se sentando no sofá, como se fosse íntimo? Homem é tudo igual. Acho que qualquer homem faria isso na casa de uma mulher. Passamos um tempo daquele jeito. A gente fez café, mas não foi só café. O café virou conversa, a conversa virou toque, o toque virou... Fogo. E ainda deixou a xícara suja, dava até para ver uns grãosinhos de pó, quando peguei para lavar.

— Você se apaixonou?

— Quem brinca com fogo se queima, isso sim.

— Café com pó queimado é ruim, né?

— Você fala pouco, mas às vezes é engraçado — dirigiu-se ao analista, rindo — Você parece ele, nesse ponto.

— Ah é?

— Sim. Ele voltou outras vezes, sempre com alguma desculpa, falando quase nada. Mas nunca foi só para me ver. Nunca foi só para nos encontrarmos. Ele entrava, me dizia qualquer coisa, pedia café, e o incêndio começava naquela casa.

— E o café esfriou um dia? — perguntou Jali, entrando na dança das palavras que ela mesma tinha criado.

— É engraçado... Eu tenho uma amiga para quem eu contava essas histórias. Ela sempre dizia: “Vai café!”.

— Vai café?

— Na verdade, ela dizia “vai com fé”; falando rápido vira “vai café”. E os nossos encontros eram cada vez mais frequentes, misturando amargor e incerteza, doçura e reencontro.

— Poético isso, não?

— Poético, não sei. Trágico. Para fazer café precisa moer os grãos e teve um dia que, do nada, eu era quem estava sendo moída. De tristeza. Numa manhã, eu acordei e tinha um bilhete deixado embaixo da porta. Nunca tinha visto a caligrafia dele, era bonita, mas masculina. Também era estranho alguém mandar um bilhete, coisa mais antiga. Mas só estava escrito: “Preciso ir, não nos veremos mais”. Nunca entendi nada, para onde ele foi, nem quem era direito. O porteiro me disse que tinha se mudado às pressas. Nunca mais fiz café em casa, acredita?

— Acredito.

Ela queria que o analista conversasse. Talvez se confundisse, pensando contar a história para uma amiga:

— Mas você ainda toma café?

— Às vezes, gosto de *espresso*.

— Espresso? É rápido, né?

— É rápido: em pouco tempo, o grão está moído, o café já está na xícara.

No divã, Mirceia cruzou as pernas, ajustou o vestido, como se arrumasse o passado. Suspirou para continuar:

— Já passou, nem sei por que estou contando. Eu devia falar dos problemas do meu trabalho, que são muitos, aquela pilha de planilhas para resolver. Essa história do café já tem tempo...

— Tem tempo, então?

— Tem... Tem pó?

Delimitando um tempo, Jali disse que a sessão terminava por ali. Para Mirceia, começava agora.

**Fabiano Ormaneze** (Cadeira 32 – Patrono Vinícius de Moraes): jornalista, mestre em Divulgação Científica e Cultural, doutor em Linguística. Professor do Mestrado do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (LabJor), da Unicamp. Coordenador de curadoria do Centro Universitário Padre Anchieta (UniAnchieta). Autor de livros e artigos publicados no Brasil e no exterior, nas áreas de comunicação, literatura e análise de discurso. Fez pós-doutorado em Ciências, Educação e Inclusão na Universidade Federal Fluminense (UFF). Faz parte da ASLe desde 2024.

*“Eu me tornei uma mulher e deixei para trás as coisas próprias de menina.”*



**José Pedro Almeida Ferreira**



# “...e o passado é uma roupa que já não serve mais”

*Leandro Thomaz de Almeida*

Você sempre citou I Coríntios 13,11 como uma de suas passagens bíblicas favoritas: “Quando eu era menino, falava como menino, pensava como menino e raciocinava como menino. Quando me tornei homem, deixei para trás as coisas de menino”. Nessa época, não te incomodava que a tradução trouxesse, para a palavra grega *νήπιος* (*nepios*), a tradução “menino”, embora o melhor fosse uma tradução mais literal: “criança”. E você não sentia qualquer travo ao pensar em si mesma a partir da descrição paulina: “quando me tornei homem”.

É que, ali pelos seus dezoito anos, havia uma única imagem em seu horizonte, e qualquer coisa que não fosse sua devoção à religião aparecia com contornos esmaecidos, como se fosse uma perda de tempo, um desvio de foco, um gasto de energia desnecessário — e, no caso específico dessa passagem, o que chamava sua atenção era um certo sabor enigmático, ainda que você se inclinasse a compreendê-la como a declaração do apóstolo Paulo falando de sua caminhada pregressa no judaísmo. Agora que ele chegara ao cristianismo, podia declarar-se um homem pleno, maduro. Maturidade que você acreditava também ter alcançado após seu batismo. (Só mais tarde você se depararia com a tradução da Bíblia de Jerusalém: “Quando eu era criança, falava como criança, pensava como criança, raciocinava como criança. Depois que me tornei homem, fiz desaparecer o que era próprio da criança” — mas isso foi quando a passagem já fazia vibrar outros recantos de seu coração, muito diferentes dos que eram tocados logo após o fim de sua adolescência).

Mas não foi no período em que você entrou para a faculdade que as mudanças começaram a se fazer perceber para você mesma. Aliás, faculdade é força de expressão, modo de dizer. Contra tudo e todos, como você gostava de falar, entrou para o Seminário Presbiteriano do Brasil, porque queria servir à Igreja Reformada. Você gostava do lema dos reformados, *Ecclesia reformata semper reformanda est* (“Igreja reformada sempre se reformando”), acreditava nele e entendia que poderia contribuir com sua paixão pelo Evangelho para a salvação das almas perdidas, aproveitando sua

preocupação com a contextualização da mensagem cristã. Se a Igreja tinha espaço para mudança, era justamente esse que você queria ocupar. Você era, na falta de melhor termo e como costumava dizer, “progressista”.

Seus pais insistiram para que você se dedicasse à veterinária, afinal você era apaixonada por todo tipo de animal, com um fraco quase irresistível pelos equinos. “Depois, você faz esse curso de teologia, que, afinal, não vai te servir para muita coisa”, eles diziam. Você concordava que o curso não teria uma utilidade prática, mas argumentava no sentido de que é preciso obedecer a uma escala de prioridades, e não havia dúvida sobre qual era a sua.

As tais mudanças, agora sim, em seu último ano do curso de Teologia, começaram a aflorar, como se rompessem camadas epidérmicas que antes as abafavam. Como se o tempo fizesse o que faz com todas as coisas: as transformasse. Você falava dos três anos anteriores cada vez mais com um misto de espanto e indignação. Espanto pelo tanto que desconhecia; indignação por nunca ter tido, até então, oportunidade de conhecer. Você vivera praticamente duas décadas em uma instituição religiosa que nunca tinha lhe apresentado a crítica bíblica nem a teologia contemporânea. Mas, sobretudo, o que mais a abalou e “quebrou a casca do ovo” de onde a mudança brotou foi tomar contato com a história da Igreja, dos dogmas, da tradição. Você se apaixonou — os termos eram seus mesmo — pela *História do pensamento cristão*, de Paul Tillich. Então, os dogmas são construtos humanos e cristalização de pensamentos com potencial de se tornarem ídolos?

Rudolf Bultmann foi outra de suas descobertas marcantes: o homem que viaja de trem e escuta rádio (lembrando que o teólogo alemão nasceu no século XIX!) não pode se convencer por histórias de pessoas andando sobre as águas e ressuscitando dos mortos. Você amou o processo de desmitologização da mensagem de Jesus, a extração do querigma desprovido de sua roupagem mitológica — o evangelho lido através de lentes existencialistas, heideggerianas. Mesmo depois, quando a teologia era já como que um idioma que você desaprendera, Tillich e Bultmann continuaram a dedilhar, quase imperceptivelmente, cordas centrais de sua memória afetiva.

Você concordava com seus pais até certo ponto: sabia que o curso de Teologia não lhe permitiria a postulação a qualquer cargo de comando no seio da Igreja. Isso, no passado, nunca havia sido um problema. Para você, a diretriz paulina era clara e nela você não via nenhum problema. “Conservem-se as mulheres caladas nas igrejas, porque não lhes é permitido falar”, como se lê em I Coríntios, era lido por você como o sinal da escolha masculina para o lugar de comando. “As mulheres sejam submissas ao seu próprio marido, como ao Senhor”, como se lê em Efésios, era expressão da própria vontade divina para a mulher e, conseqüentemente, indicava o lugar do homem. Tal como na igreja, também no lar, ou vice-versa. Você via justificativa para isso. Foi com o mesmo Paulo que você aprendeu, agora na Carta a Timóteo: “Porque primeiro foi formado Adão, e depois Eva. E Adão não foi enganado, mas sim a mulher, que, tendo sido enganada, tornou-se transgressora”. De alguma maneira nós, mulheres, temos que pagar pelo que fizemos, você se dizia.

O tempo — e as experiências que inevitavelmente o tempo traz — exerceu sobre seu pensamento um efeito no qual você nunca apostaria nenhuma de suas fichas. Mas esse efeito “quebrou a banca”. E agora, embora tenha tentado resistir, racionalizar, buscar uma explicação que viesse da mesma instância responsável por sua tomada de consciência, você não conseguia mais deixar de perceber que a mulher fora posta desde tempos longínquos na posição da mais abjeta subalternidade. A seu ver, nenhuma ideia, nenhuma prática, nenhuma lei, nada superava, em violência, o texto de Levítico: “Quando uma mulher tiver o fluxo de sangue da menstruação, ficará impura por sete dias, e quem nela tocar ficará impuro até o entardecer. Tudo sobre o qual ela se deitar durante a sua menstruação ficará impuro, e tudo sobre o qual ela se sentar ficará impuro”. Era tratar a sublimidade do corpo feminino, sua potência geradora de vida, como razão para a maldição da mulher.

A partir disso, você se deu conta de que o que sempre entendera como revelação divina era, na verdade, uma estratégia eficientíssima de submissão da mulher aos ditames masculinos — tão mais eficiente na medida em que o próprio Deus seria o autor das leis, das interdições, das regras punitivas... E você já não conseguia mais se guiar por um texto escrito por sacerdotes há, pelo menos, dois mil e quinhentos anos. Ao se olhar no espelho e fitar seus olhos, você viu a ação do tempo e tudo o que ele te trouxe e, por um lado, você notava ali aquela adolescente cuja íris brilhava à menção dos nomes, imagens e símbolos religiosos, mas sabia que ela tinha se transformado na jovem que, sim, derramava lágrimas ainda, mas, agora, elas tinham que ser motivadas pela beleza e pela justiça, e essas coisas já não andavam mais ao lado das ideias que lhe tinham sido tão caras.

Após sua formatura, todos ao seu redor pensaram que você abandonaria a instituição eclesiástica. Todos se enganaram, porque havia em seu interior uma — como você chamaria depois? — ilusão de que, de algum modo, o que deveria prevalecer em uma instituição religiosa cristã, e mais ainda, reformada, era um princípio condizente com o chamado amor. Amor. A palavra lhe soava tão decisiva que seria capaz de suplantar tradições humanas, mesmo as mais arraigadas. E amor comparecia em seus ouvidos e seu coração como uma atitude capaz de acolher as mulheres, essas proscritas, essas relegadas, essas subalternizadas ao longo de séculos de história cristã.

E você divulgou essa ideia. Quando tinha oportunidade, e elas surgiam aqui e ali, porque uma das formas de manter a mulher em seu lugar era dar a ela um vislumbre do que seria ocupar o turno de fala nos cultos e reuniões. Um vislumbre, apenas. Porque, na hora da decisão sobre as coisas realmente importantes, ela ficava da porta para fora, e era emblemático do estado das coisas que justamente nas reuniões diretivas da instituição, onde se decidia as coisas realmente importantes, havia por vezes até mais mulheres que homens, mas enquanto estes tomavam todas as decisões, aquelas estavam na cozinha, preparando todas as refeições que seriam servidas a estes que tomavam todas as decisões... Então, quando tinha a oportunidade, você sub-repticiamente sugeria que as divisões de gênero poderiam (deveriam?) ser suplantadas em nome da obra redentora de Cristo.

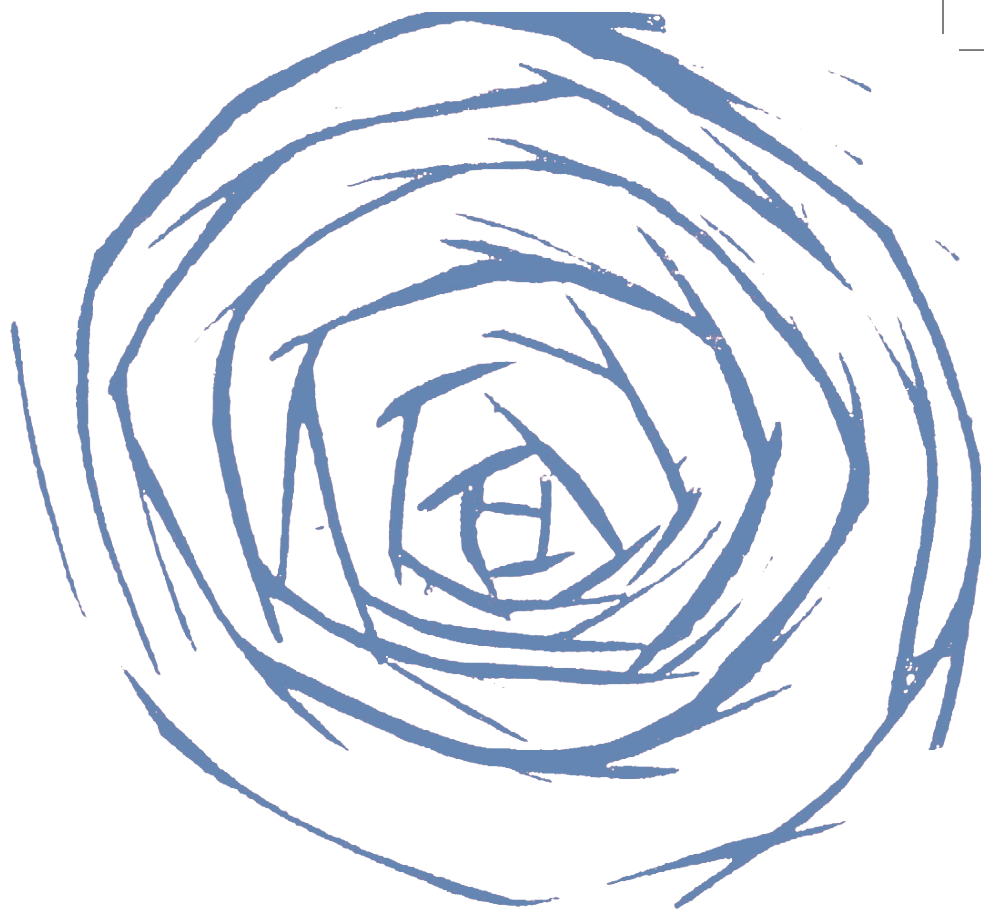
Você começou a ganhar até uma certa fama. Primeiramente era referida, em tom de brincadeira, como “a feminista”, “a radical”, “a revoltada de Jesus”. As coisas perderam o tom de brincadeira quando você foi chamada à reunião dos homens para explicar seu posicionamento.

Posta em uma cadeira de frente para sete homens sisudos, mas inicialmente amistosos, você se lembrou de Galileu, talvez porque tivesse lido o livro de Pietro Redondi, *Galileu herético* — e se sentiu, de alguma maneira, intimidada. Por mais que todos ali dissessem que nada melhor que uma boa conversa para esclarecer as coisas, lhe pediram explicações sobre as razões de suas falas.

Esses homens, que sempre olharam com certa desconfiança sua decisão de estudar Teologia, diziam que, sim, era ótimo querer se aprofundar nas doutrinas da Igreja, ótimo conhecer teologia, mas, claro, com certo cuidado, pois há muita gente que estuda teologia e “vira a cabeça”, mas sim, que bom, embora a mulher nunca poderá ocupar o lugar do homem na condução da Igreja, assim como nunca poderá ocupar o lugar do homem na condução do lar. E você ouvia essas coisas no princípio e concordava com elas, mas agora, frente a frente com esses homens, parece que todas as coisas que ouviu durante duas décadas ganhavam outro sentido e, nesse momento, esses homens não faziam mais sutis comentários, nem davam sorrisos, agora esses homens estavam mais sérios e o olhar amistoso já tinha ficado para trás. Você percebia feições fechadas e talvez não fosse exagero dizer que aos seus olhos esses homens pareciam ser capazes de qualquer coisa para calá-la. Seria exagero seu? Seria sua imaginação?

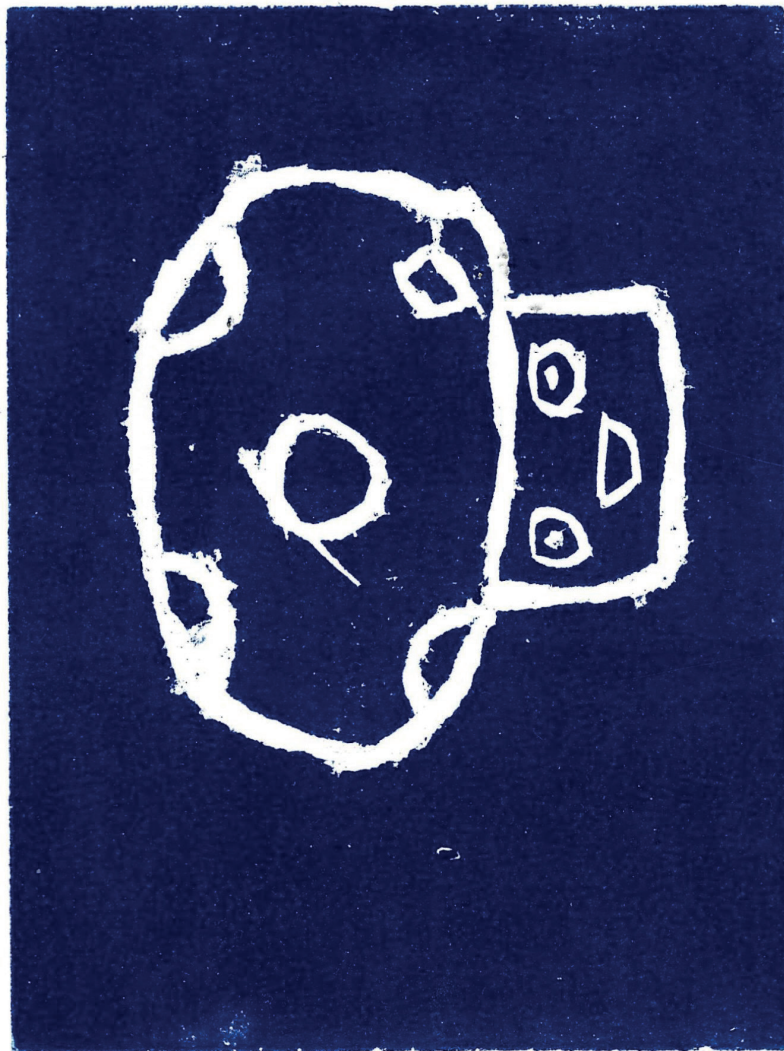
O fato é que pediram explicações. De onde surgiram essas ideias sobre o amor que suplanta a separação entre os gêneros? De onde surgiu a ideia de que mulheres podem ensinar? De que pocilga teológica surgiram essas barbaridades sobre leituras literárias da Bíblia e desconstrução ideológica dos textos? As perguntas se avolumavam, e você sequer podia pensar em falar, porque não era só o tom de voz deles que encobria a sua voz: era a quantidade, era a ferocidade. Parecia que você tinha cometido um crime grave e queriam agora explicações. Você não teve nada a dizer, porque, na sua cabeça, só vinha uma imagem, a do texto paulino, e você dizia consigo: “Eu era uma criança, uma menina, e agora o tempo passou, e o tempo faz isso com a gente, é o processo sadio da vida, o amadurecimento, o deixar para trás as coisas de criança”.

Você se lembraria, mais tarde, que, naquela manhã em que se sentou diante desses homens, foi o início do fim, porque o processo que fora aberto no começo de seus estudos teológicos encontrava ali sua síntese. O dique fora aberto, e a represa estouraria mais cedo ou mais tarde. Os estudos foram o começo do estouro, e você abandonaria por completo toda devoção religiosa, porque, afinal de contas, a mulher só entra na história quando Deus sai de cena. Você era uma menina, falava como menina, pensava como menina. Mas agora você olhou novamente para o espelho e disse a si mesma: “Eu me tornei uma mulher e deixei para trás as coisas próprias de menina”.



**Leandro Thomaz de Almeida** (Cadeira 33 – Patrono Luiz Castellari): é licenciado em Letras pela Unicamp, onde fez mestrado e doutorado em Teoria e História Literária. Autor de, dentre outros, *Perigo na página: literatura naturalista e moralidade no Brasil e na França*, publicado pela Editora da Unifesp, e *Rostos do fundamentalismo: abordagens histórico-críticas*, pela Terceira Via Edições. É membro da ASLe desde 2019

*"Sobre a teoria da evolução, dizia Benjamin, assemelhava-se a desenho animado."*



**Juraci Simionato**

# As dúvidas da humanidade no tempo

*Andrade Jorge*

Quantas vezes nos dizem “proveite seu dia”? No tempo, o dia é uma célula viva de 24 horas. Amanhã é outro dia, outro tempo. Era assim que Benjamin filosofava. Ele sabia que outro poeta houvera dito essa frase em latim “*carpe diem*”<sup>1</sup> antes de Cristo nascer. (A expressão latina “*carpe diem*” foi cunhada pelo poeta romano Horácio (65 a.C. - 8 a.C.).

Aproveitar bem o dia, fazendo uma analogia com a vida, sua brevidade e as incertezas futuras, continuava Benjamin, parecia que ele tinha conhecimento do ontem, hoje e amanhã, tamanha segurança em sua fala,

Quero exaltar esse ser iluminado, que, para mim, estava à frente de seu tempo, um amigo de verdade. Falamos muito, rimos muito, choramos muito. Criávamos os nossos próprios enunciados sobre a vida, e a morte, fosse em qualquer lugar. Benjamin poderia ser um vivente de qualquer galáxia, porque seu pensamento sobre as coisas tinha sempre um toque misterioso, como se estivesse sempre à frente de seu tempo, mas ele estava bem perto de mim, e eu *vestra frui tempore*, ou seja, aproveitava esse tempo.

Falávamos muito sobre família, trabalho, nada sobre esporte, entretanto, num zaz! O assunto ganhava novos contornos, e quando percebíamos, viajávamos pelo universo afora, em busca de sinais de vida extraterrestre, ou discutindo quem somos, de onde viemos, e para onde iríamos. O tema era o Onipotente Deus, então, questionávamos a criação do universo também.

Eu dizia, e ele prestava atenção, sobre a sapiência da natureza, a flora, a fauna que nos ensinam diariamente a harmonia de convivência; somos a raça superior, possuímos a Inteligência e discernimento das coisas, construímos as maravilhas do mundo, inventamos as telecomunicações, as vacinas, os remédios, dominamos os ares com aviões e foguetes, cruzamos os oceanos e mares com transatlânticos e submarinos poderosos, construímos as mais belas cidades do mundo, somos

---

1 A expressão latina *carpe diem* foi cunhada pelo poeta romano Horácio (65–8 a.C.).

os senhores da terra, ar e mar, viajamos para as estrelas a procura de novos planetas, somos o *homo sapiens* viajante do tempo.

Meu pensar ia mais longe. As sagradas escrituras dizem que somos assim porque o Criador nos deu o livre arbítrio. Pergunto, de que serve o livre-arbítrio? Se somos incapazes de arbitrar qualquer coisa, por que sempre seremos tendenciosos no julgamento?

Se a vida se resume em *maktub*, palavra de origem árabe que significa “estava escrito”, ou melhor, “tinha que acontecer”, então, o livre arbítrio também não existe, somos marionetes, que acreditam que fazem o que querem na vida. Por que o avião cai e somente uma pessoa sobrevive? Vem alguém e diz “não era a hora dele”. *Maktub* então! Se tudo está previsto, por que há permissividade das atrocidades que acontecem na terra pelas mãos do homem, criado à imagem e semelhança de Deus, segundo o livro sagrado? Então, as atrocidades estavam escritas?

Socorro! Papa, cardeal, bispo, padre, frei, freira, madre, rabino, pastor, apóstolo, zelador de santo, Buda, digam de onde viemos e para onde vamos. O que fazemos aqui se não temos liberdade? O que é humanidade? O que é ser HOMEM? Quem é o nosso Ser Superior? Benjamin ouviu atentamente sem apartes.

Convencionamos que nosso fórum para assuntos filosóficos seria num local onde se reuniam os cidadãos, tal qual um areópago da antiga Grécia. Decidimos que um bar era local certo, pois o povo se reúne nesse lugar, então, constantemente lá estávamos fluindo uma discussão. E assim consumíamos as tardes/noites calorentas da bucólica Salto, uma cidadezinha com ares de expansão, mas turística na sua essência. Era o nosso território, e orgulhávamos de alguns atrativos, como a empada frita, uma delícia de acepipe, do maior monumento à Nossa Senhora, a nossa é a Senhora do Monte Serrat, e também da Rocha Moutonnée, um granito róseo intrusivo, formado há cerca de 600 milhões de anos, que foi exposto à superfície devido a intempéries e erosões. As rochas denominadas Moutonnée lembram uma forma de carneiro deitado. Daí o nome derivado do francês. *Mouton* significa carneiro, então *moutonnée* seria algo como “acarneirado”. Esse tipo de formação geológica é de ocorrência muito rara. Essas distinções encham de orgulho os “mandis”, como são apelidados os locais saltenses, e eu sou mandi por decreto.

Mas preambulava Benjamin, sorvendo um copo de tempo, respondendo à minha inquietação, começou dizendo que temos outra face porque criamos a guerra, a fome, desenvolvemos a arte de matar um semelhante, criamos armas para chacinas em massa, criamos seres arrogantes, insensíveis, criamos bandidos, produzimos as drogas e formamos os drogados, desde a escola básica até universidades, criamos pedófilos, tarados, criamos aqueles que enganam o povo pobre para conquistar o poder em eleições, criamos os mentirosos, hipócritas. Criamos tudo menos o HOMEM, aquele que, segundo a Bíblia, foi criado por Deus, mas, fracos de espírito, sucumbiram e foram expulsos do Éden, e um dos filhos tornou-se o primeiro criminoso, pois assassinou o próprio irmão, por inveja.

O homem criou o pecado original e os sete pecados capitais.

A humanidade possui a inteligência, e os demais animais possuem o instinto. Com a nossa inteligência, estamos destruindo a Terra, o lar em que vivemos. Os animais, com o instinto, mantêm o equilíbrio na sua diversidade; animais não são assassinos, se matam é pela sobrevivência, na chamada cadeia alimentar.

Continuávamos com nossa troca de enunciados. Falei de Deus, questionei a criação do universo. Muitas vezes, chamávamos a atenção de pessoas ao redor, talvez estivessem nos taxando de malucos. Ele não ligava, nem eu.

Benjamin foi um homem muito curioso sobre assuntos espirituais, e tinha conhecimentos sobre, porque conhecia muitas religiões, tais como as Igrejas Evangélicas e suas vertentes, Católica Romana e Carismáticas, a Igreja Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, a Igreja Messiânica Mundial, a Igreja Católica Ortodoxa etc. O fato é que ele falava com muita propriedade sobre os ensinamentos de cada uma delas.

Éramos curiosos por eventos que ninguém discutia, por exemplo, sobre o vento, de onde vem para onde vai, por que ventava, o porquê de tanta água, e o planeta chamar Terra. Altas conversas. Nunca chegávamos à conclusão alguma, mas trocávamos ideia.

Viajávamos no tempo, com o teor das nossas conversas. Benjamin, indubitavelmente, estava à frente de seu tempo, e dentro do contexto, estava pronto para retrucar sobre o que expus sobre a criação do mundo. Ele adorava também discorrer sobre uma nova ordem social que estava por vir. Eu ouvia atentamente a hermenêutica em seus longos discursos da origem do ser humano e das três propostas que formulava: proposta religiosa, proposta da evolução e proposta cósmica.

Pregava que a religiosa não tem sustentação fática. Sobre a evolução, dizia que, nela, a criação do homem era uma fantasia. Os homens criaram a figura de um Deus onipotente que criou o mundo; o homem foi modelado do barro, ganhando vida por um sopro; a mulher, para ser criada, Ele usou como recurso uma cirurgia, retirando um pedaço da costela do homem, chamado Adão, e criando a mulher chamada Eva. Por que não criou a mulher da mesma forma que o homem? O Onipotente criou um Paraíso, e colocou os dois para viver e gerenciar o lugar, com uma única regra: não comer a fruta da árvore do conhecimento. Ele e ela comeram e foram expulsos do Paraíso. Aquele casal é a origem dos 8 bilhões de pessoas no planeta atualmente. Difícil entender por que o casal teve dois filhos homens. O Onipotente, que sabe das coisas, certamente sabia que o casal falharia no quesito confiança, e que teria que expulsá-los. Benjamin dizia que não entraria nem na questão de como nasceram os demais viventes, se somente havia pai, mãe e filhos homens.

Sobre a teoria da evolução, dizia Benjamin, assemelhava-se a desenho animado, com o homem transformando-se entre os animais. Então, ele elegia a cósmica como a mais viável, e eu seguia o meu relator. Ponderava o amigo que era impossível haver vida apenas nesta bolinha, chamada Terra, perdida na imensidão do universo. Outras vidas existem por aí, porém, a vida extraterrestre não estaria nesta Galáxia, e sim em outros mundos bem distantes do nosso planeta azul. Às vezes,

ficávamos somente nesse tema até o relógio indicar a hora de ir embora, ou o dono avisar que ia fechar nosso fórum.

Entretanto, sob o manto da noite, continuávamos o nosso tema, e, às vezes, parecia que estávamos voando entre as estrelas no escuro espaço cósmico, mas voando mesmo, dizia Benjamin. Eram as naves espaciais que visitam nosso planeta, que muitas pessoas pelo mundo dizem ter visto, e viram mesmo, porque eles monitoram este planeta metido a besta. O povo do planeta Terra tem uma tendência suicida: estão fazendo o impossível para acabar com o planeta. O grande problema cósmico é que, se um dia a terra implodir, deixar de existir, vai abalar o sistema galáctico. Ora a movimentação dos planetas dentro da galáxia é calculada pra lá de 1 UA (unidade astronômica), aproximadamente 149,6 milhões de quilômetros, ou  $149,6 \times 10^9$  mm. Um erro em sua rotação/translação afetará todo o sistema, haverá um grande rebuliço no espaço, e isso é tudo o que vidas avançadas dentro de outros planetas super evoluídos não querem. Então, constantemente estão monitorando para avaliar o perigo, e se necessitará de intervenção ou não. Por que não aterrissam na terra e vem bater um papo? Simplesmente porque o grande irmão da direita e o outro da esquerda abririam fogo contra a nave alienígena, um pensando que era a nave do outro. A Terra precisa urgentemente de grandes pensadores alquimistas. Mas, como diz a música de Jorge Bem Jor (prefiro Jorge Ben) “os alquimistas estão chegando”.

E quando ele elucubrava sobre os mistérios cósmicos, logo discorria sobre outro tema afim, e viajamos novamente com a nova ordem social em nosso planeta. O guru pedia atenção para as novas gerações do nosso mundo, algumas com alto grau de conhecimento, e outros com baixo ou médio conhecimento, pelo fato de não haver investimento da sabedoria nas crianças, adolescentes, jovens. Argumentava Benjamin que, atualmente, a Terra tem um órgão onde representantes de todos os países se reúnem, a ONU, mas quem tem palavra são os países mais poderosos. No lugar da ONU, uma nova ordem social, que seria a Secretaria Geral da Terra (SGT), cuja sede seria na Lua. Não haveria mais fronteiras entre países, seríamos todos denominados terráqueos, todas as normas de conduta socioeconômica, seriam emanadas pela SGT. O nosso mundo seria dividido em Banda Norte, Banda Sul, Banda Oeste, Banda Leste; um único idioma seria falado em todas as Bandas. Nenhuma Banda teria armamento mortal, o sistema de defesa do planeta seria controlado da Lua.

À medida que Benjamin ia desenhando a nova estrutura, parecia que ele estava falando num congresso mundial, tamanha eloquência, mas ele falava só pra mim. Entretanto, nesse momento, ele não me enxergava, eu seria um no meio da multidão que o ouvia; seu rosto tinha luz própria, resplandecia. Tinha certeza de que Benjamin era um viajante do tempo e, por um acidente, caiu em Salto.

Continuava o alquimista que os transgressores da lei e da moral cumpririam pena no Presídio Socioeducativo de Marte, de onde nunca mais saíam. Quaisquer tipos de drogas, bebidas alcóolicas, cigarros, seriam extintos. Terráqueos dependentes, remanescentes da dependência química, seriam enviados para a Casa da Recuperação Cósmica, em Jupiter. Uma vez recuperado, voltava

ao convívio de familiares, dificilmente havia recaída, mesmo porque as drogas estavam extintas. O ex-dependente trabalharia para a sociedade pelo mesmo tempo que ficou internado.

De repente, Benjamin parava, olhava-me profundamente e perguntava: “Viajei demais?”. Talvez para amenizar a conversa, ele ciente que eu era um aedo, pedia para falar sobre as pessoas.

Era minha vez de exibir algum conhecimento para o meu amigo alquimista atemporal. Existem pessoas que são flocos de nuvens, que bailam lá no céu, modelam formas: ora um corpo de mulher, de repente, veja, é uma estrela!. Preciso dizer que, às vezes, os flocos mudam de cor, tornam-se turvos, esconde o sol, mas logo voltam a sorrir e precipitam essa alegria em forma de chuva, e a natureza agradece.

Mas, creia, há pessoas que também são músicas, irradiam melodias que acariciam a alma da gente, propagam sons pelo espaço, sem direção, são acordes que acalmam o coração aflito, ou sinfonias que nos envolve de alegria, e rimos à toa. Porém, quando o arco desliza nas cordas de um violino, o som nos leva às profundezas do mundo das lembranças, adormecidas no passado. Às vezes é bom que continuem perdidas no esquecimento.

Você acredita que tem pessoas que são poesias? Pessoas que onde entram encantam, levam consigo a magia da visão, enxergam a beleza onde só os loucos e poetas veem, incorporam a essência poética do manhoso regato de águas cristalinas que serpenteiam pela floresta, ou das risonhas cachoeiras que mergulham das alturas, cintilando sob os raios do sol, uma miríade de pequenas bolhas, que se transformam numa graciosa renda branca.

Olha, preste atenção! Tem pessoas que são estrelas: brilham no dia e na noite, elas nos observam, ouvem confissões, declarações amorosas. Também, seu brilho pode ser o Norte para uma vida melhor.

Você é tudo isso Benjamin! E como Pedro perguntou a Jesus na via Ápia, também lhe pergunto: *Quo vadis?*<sup>2</sup> Ele não respondeu.

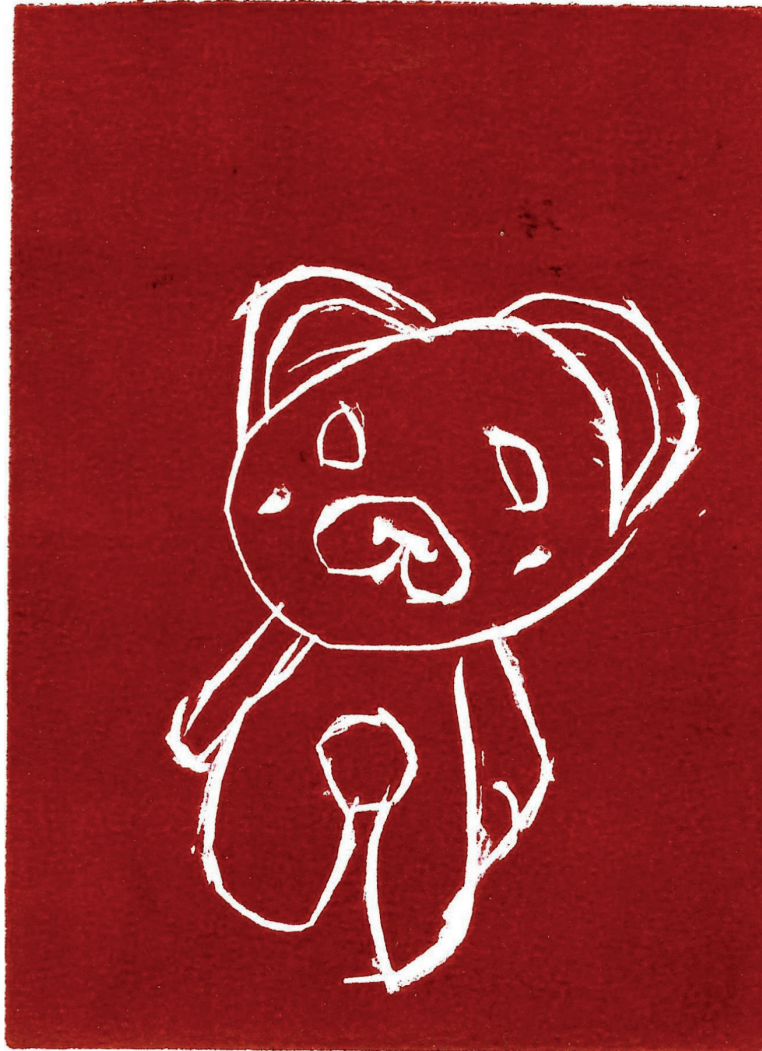
Benjamin Rodrigues partiu silenciosamente em 2025. Está viajando no tempo, ou brilha no céu de sempre, como uma nova estrela.

---

2 “Para onde vais?”, em latim.

**Andrade Jorge** (Cadeira 34 – Patrono Oswaldo de Souza Aguirre): é poeta e escritor. Tem os seguintes livros publicados: *Encanto e desencanto*; *Quem é esse ser?*; *Contos, en...cantos & peripécias*; *João Batista Milagreiro*. O quinto livro, *Assalto ao trem pagador*, será lançado em 2015. É membro da ASLe desde 2025, integrando também a Academia Nacional de Letras do Portal do Poeta Brasileiro e a Casa do Poeta de Praia Grande. Criou e desenvolveu o projeto Encontro com Autor em escolas da rede pública de Diadema e Guarujá.

*“Pois o amanhã, assim como o hoje e também o ontem podem nada ser além de uma brincadeira da imaginação de uma criança.”*



**Cleusa dos Santos**

# Aliada do tempo

*André Palhardi*

*A certeza é tão imaginária quanto a incerteza.*

Desde que se reconhecia como pessoa, Estela notou uma sombra que a seguia, como se a ela estivesse ligada, de forma inseparável. No princípio, sentiu-se com medo e tentava negar aquela existência. Lutou contra ela. Mas ela permanecia inabalável, incólume e intocável. Era como se Estela fosse ligada a ela, mas ela não fosse ligada a Estela. Ela afetava a Estela, mas Estela não a afetava... Pelo menos achava isso. Por mais de uma vez, tentou se comunicar com a sombra. Apreensiva no princípio, mas sem nunca obter nenhuma resposta, desdenhava dela ao final. Quando as coisas davam errado, passou a culpar sua sombra, como se dela fossem as escolhas que a levaram aos erros. Certa vez, decidiu escrever seus sentimentos e achou que isso a ajudou.

## **Sempre presente**

ONTEM, o tempo que eu tinha  
se acabou, e não consegui fazer o importante,  
Nem pra mim, para minha vida  
Nem para os outros que me importam  
Pela urgência das coisas me perdi...

HOJE, o tempo que eu tenho,  
Uso sem pensar, tentando recuperar o ontem,  
Mas quando mal percebo o hoje já se acabou,  
Já faz parte do ontem.  
E o importante fica pra amanhã...

AMANHÃ, o tempo que eu tenho,  
Ainda nem chegou e o empenhei,  
Já usei para resolver as coisas urgentes de hoje,  
E sem perceber se incorpora ao ontem.  
E o que importa acaba sem tempo...

Na luta que trava com a sombra estava sempre ansiosa, sempre apreensiva e sempre acelerada. Em um dia raro, quando nada tinha a fazer consegui contemplar seu entorno e uma súbita sensação de paz tomou conta de si. Olhou para a sombra, pois pensou que ela poderia ter sumido. Mas não... ligada a ela ainda permanecia. Mas estava diferente: uma luz fraca parecia emanar dela. Mas isso era impossível, pensou. Fechou os olhos, forçando-os no intuito de voltar à realidade. E abrindo-os, a sombra estava como antes: opaca e sem vida.

Voltou ao cotidiano da sua vida e, quando novamente caiu em si, mais de vinte anos havia se passado. Dia após dia nadava contra a maré, sem nunca sair do lugar. Se lançava contra as ondas que se quebravam sempre caindo ao se chocar. Estava cansada, extenuada e exausta por travar aquela luta constante.

### **Agora**

Procuro pelo agora, mas percebo que ao chegar ele já se foi  
No dia seguinte saio adiantado para poder alcançá-lo  
E espero, mas ao perguntar descubro que ele não virá

Me desespero e por todas as partes agora o procuro  
Desconsolado procuro no espelho  
Pois lá, na pureza da minha imagem refletida  
Estou certo de que o agora estará contido

Mas mais uma vez me frustrro  
Pois a breve luz que meu agora revela se apaga  
E na escuridão do agora novamente me perco

Certo dia, caminhava pela praia com sua mãe e notou crianças brincando no mar. Elas avançavam com dificuldade até a área de rebentação das ondas e quando elas vinham, usavam sua energia para ganhar velocidade e nadavam o mais forte que conseguiam. Permaneciam sua crista o máximo que aguentavam, rindo muito ao fim da experiência. E num ciclo quase infundável, voltavam a fazer tudo novamente.

— Você adorava brincar nas ondas! — Ao ouvir a voz de sua mãe desviou o olhar, surpresa.

— Eu?

— Sim, você era uma criança muito alegre! — Disse a mãe, como numa insinuação.

Não suportava mais aquela sensação e decidiu mudar. Não lutaria mais contra a sombra, nem a ignoraria. Ia tratá-la como uma amiga. Se ela sempre estivera a seu lado, na infância também estava e com ela era feliz. Daquele dia em diante, ela não seria mais sua inimiga: seria sua companheira. Compartilharia com ela seus anseios e pensamentos. Pediria sua opinião, mesmo que ela não respondesse. E até perguntaria o que deveria fazer para voltar a ser feliz.

### **Tempo**

Ando sem pressa  
Pois o tempo não manda em mim  
Em mim mando eu  
Criadora do tempo  
No meu tempo não era assim  
Dizem os de longo tempo  
Mas o tempo não pertence  
Só há na imaginação  
O como imaginário  
Dura o quanto se desejar  
Um segundo, um minuto  
Um milênio, uma vida  
Basta não deixar de imaginar  
Escrevemos de nossa criação

E é isso que somos  
Nós que sucumbimos ao tempo  
E por ele damos nossas vidas  
Só pra olhar pra trás e ver  
Que o tempo de nossa vida já se foi  
E o dele mal começou  
Liberte-se  
Enquanto há tempo  
Pois o amanhã  
Assim como o hoje  
E também o ontem  
Podem nunca existir  
Podem nada ser além de  
Uma brincadeira da imaginação  
De uma criança

Depois daquela decisão, sentiu-se estranhamente mais leve. Quando tudo parecia ofuscado e confuso, ela parava. Voltava-se para a sombra, que agora sempre brilhava, e conversava com ela em seus pensamentos. A simples atitude de uma pausa e a reflexão já lhe eram favoráveis. Por vezes, ela se lembrava da imagem das crianças na praia e decidia não lutar contra as sensações e os sentimentos. Simplesmente os deixava fluir. Notou que o erro e as falhas eram uma parte imprescindível da experiência.

Notou que suas decisões estavam mais acertadas. Que não importava o que acontecia, ela sempre encontrava uma solução razoável. Parou de querer estar sempre certa. De querer ter sucesso em tudo. De querer ser tudo o que esperavam dela. Resolveu que voltaria a ser mais espontânea. Que agiria mais com o coração e menos com a lógica. Decidiu ouvir as pessoas de forma mais empática.

Mas nem sempre conseguia se controlar... Por vezes, se perdia em seu antigo eu. Mas assim que percebia, voltava-se para a luz. Sim, agora estava ligada a algo luminoso. E a cada dia seu brilho parecia aumentar.

*O tempo pode ser uma sombra ou uma luz, depende do que escolhemos.*

Muito tempo se passou desde que ela esteve naquela praia. E muita coisa aconteceu desde então. E ela viveu cada instante com tudo que podia entregar. Não corria mais contra o tempo, mas junto com ele ou, às vezes, a sua frente. Quando chegou sua hora, ela estava serena. A luz ao seu lado brilhava com uma intensidade ofuscante. O mar estava calmo. Não havia ondas. Um silêncio atípico. Tudo estava em ordem, uma situação quase impossível para algo tão caótico.

*A vitória nesta vida só é completa se temos o tempo como nosso aliado.*

**André Palhardi** (Cadeira 35 – Patrono Aluísio Azevedo): é professor há mais de 20 anos, lecionando no Colégio Técnico da Unicamp (Cotuca), Faculdade Anhanguera de Indaiatuba e Fundação Indaiatubana de Educação e Cultura. Possui mais de cinco anos de experiência como coordenador de extensão universitária, estágio acadêmico e coordenador adjunto de cursos de graduação. É mestre em Ensino de Ciências, com MBA em Gerenciamento de Projetos, bacharelado em Engenharia de Produção e Tecnologia em Mecânica em Projetos. Sua experiência abrange educação, gestão da qualidade e de projetos, com atuação na indústria. Desde 2003, atua na literatura como escritor, autor, capista, ilustrador e organizador voluntário. Publicou livros como *O império dos 4 cantos do mundo* (2013) e *O tesouro do Salto* (2020). É membro da ASLe desde 2015 e também artista plástico.

*“A gente nunca volta do mesmo jeito  
que a gente saiu. É o preço que o tempo  
cobra da gente.”*



**Maria de Lima Rosa**

# *Em poesia a gente diz...*

*Núbia Istela*

Já reparou como decidimos que o tempo é a principal medida do amor? Medimos esse sentimento quase que a conta gotas: os dias alegres cabem quase que numa fração de segundos, já os dias tristes parecem eternos. E quando se trata de saudade, em português, perguntaríamos se a pessoa amada volta logo, mas em poesia dizemos:

Eu acordei com o seu gosto  
E a lembrança do seu rosto  
Por que você se fez tão linda?  
Mas agora você vai embora  
Quanto tempo será que demora  
Um mês pra passar?  
A vida inteira de um inseto  
Um embrião pra virar feto  
A folha do calendário  
O trabalho pra ganhar o salário  
... E a saudade em mim agora  
Quanto tempo será que demora  
Um mês pra passar?  
Ser campeão da copa do mundo  
Um dia em Saturno  
Pra criança que não sabe contar vai levar um tempão [...]  
(Quanto tempo demora um mês – Biquíni Cavado).

E por falar em poesia, já reparou como poetas gostam de usar o tempo para descrever a intensidade de suas almas? Para sempre, eternamente, nunca mais, “de janeiro a janeiro até o mundo acabar”, desde o princípio até a eternidade, até depois do fim. Tá, eu sei que essas palavras não deveriam existir no amor real ou no mundo, mas você há de concordar comigo que é uma delícia se apegar a elas. Elas trazem a segurança que, no fundo, bem lá no fundo, a gente sabe que não existe, mas acreditamos, porque os amores terminam no escuro e sozinhos, às vezes, a conta gotas. E se em poesia eu encontrasse o tempo, eu tenho certeza de que brigariamos, e seria assim:

Batidas na porta da frente  
É o tempo  
Eu bebo um pouquinho pra ter  
Argumento  
Mas fico sem jeito calado, ele ri  
Ele zomba do quanto eu chorei  
Porque sabe passar  
E eu não sei  
[...] Recordo um amor que perdi  
Ele ri  
Diz que somos iguais  
Se eu notei  
Pois não sabe ficar  
E eu também não sei  
E gira em volta de mim  
Sussurra que apaga os caminhos  
Que amores terminam no escuro  
Sozinhos  
Respondo que ele aprisiona  
Eu liberto  
Que ele adormece as paixões  
Eu desperto  
E o tempo se rói  
Com inveja de mim  
Me vigia querendo aprender  
Como eu morro de amor  
Pra tentar reviver [...]  
(Resposta ao tempo – Nana Caymmi).

É verdade, eu já havia esquecido daquela história; fazia dias, nenhum telefonema, nenhuma mensagem, estava tudo em calma. Mas o que eu fiz? Isso mesmo que você pensou: fui atrás da humilhação, despertar o que já estava adormecido. Sei lá, parece que há uma beleza no desamor, a gente conta os dias, quantas horas e os minutos que permanecemos em lágrimas. E a gente morre, é a morte mais cruel, mais dolorosa e mais bonita, o morrer de amor para se manter vivo.

Mas isso me lembra principalmente quem não queira nem arriscar essa morte lenta e prematura.

E por falar em tempo, o ano era 2004, mais precisamente 9 de outubro, às 19:45, Antônia entrava alegre e muito bonita pela Igreja Matriz de Nossa Senhora de Mont Serrat, em Salto, no interior de São Paulo. Descendente de uma família católica e muito tradicional, ela se casou aos vinte anos, com tudo que manda o figurino, como ela diz.

O ano era 2004, mais precisamente 9 de outubro de 2004, às 19:45, nascia Francisco na maternidade de Salvador, na Bahia. Ao contrário de Antônia, ele não parecia muito feliz, chorava sem parar, até parece que sabia quantas vezes teria que morrer para continuar existindo.

Em 2014, Antônia viu o seu mundo ruir pela primeira vez. Era julho, fazia muito frio à tarde, ela voltou para casa mais cedo. Quando chegou no quarto, viu o marido, que horas antes disse que o amor deles era além do tempo, amar apaixonadamente o seu melhor amigo. Sendo assim, o mundo dela caiu pela segunda vez no mesmo dia. E não, o Paulo jamais, em tempo algum, a olhou com tanta ternura. Ela quis gritar, mas a voz sumiu.

Era julho de 2014, mas fazia calor em Salvador, Francisco descia a rua de sua casa, soltando todas as páginas do caderno. O último dia de aula finalmente chegou, ele não aguentava mais, estava louco para sair de férias. Eram duas semanas apenas, mas eram as duas semanas preferidas dele. A mochila já estava pronta desde a noite passada, a avó o esperava voltar da escola para levá-lo para o interior, onde ele viveria o máximo de sua infância.

A primeira mensagem que Antônia recebeu naquela manhã de 20 de janeiro de 2023 foi o quanto ela era egoísta, e que só pensava nela, como ela teve coragem de ir embora e não deixar sequer um bilhete. Ela olhou para a tela do celular, entediada, talvez essas tenham sido as palavras mais gentis que alguém tinha dito a ela nos últimos anos. Ela não se importava. Nunca prometeu que ficaria. E se os pensamentos dela naquele instante fossem poesia...

[...] Eu vou te ganhar pra mim numa quarta-feira cinza  
Te levar pra alguma praia, te beijar depois da missa  
Me descubro nos teus olhos, me distraio em você  
Se eu prometi alguma coisa, amor, foi sem querer  
Não me ponha no altar  
Que eu sou meio desonesto  
Eu te juro amor eterno  
Mas no fundo eu não presto, ai  
Meu anjo, eu não sou santo, não  
E amanhã você vai acordar  
Meu anjo, e o meu amor tão bom  
Vai estar em algum outro lugar [...]  
(Santo – João).

Em 20 de janeiro de 2023, Francisco comemorava com a família o resultado do vestibular: ia estudar medicina em Belo Horizonte, as malas estavam prontas para sair do estado pela primeira vez. Ele ainda era desengonçado, tinha medo: e se tudo desse errado? Mas e se desse certo?! Ele estava bem feliz. E mais uma vez uma parte dele morria ali. A gente nunca volta do mesmo jeito que a gente saiu. É o preço que o tempo cobra da gente.

O ano é 2025, Antônia está sentada numa bancada de um apartamento, vestida em uma camisa. Enquanto observa o Francisco servir mais uma taça de vinho, ela tem os cabelos soltos, os olhos de quem brinca com o destino e não tem medo de mais nada.

— Eu vou te amar para sempre — dizia Francisco empolgado. Antônia sorriu. No fundo, ela odiava qualquer coisa eterna.

— Pra sempre é muito tempo, garoto. Eu quero ficar o suficiente para não doer. — Ela brincava com os olhos, com os lábios, com o corpo.

Eu conheço os efeitos e a destruição que Antônia podia causar em alguém, mas aquele Francisco não. Ele estava obcecado por ela, pelo gosto, pelo gesto, pelo sempre que ela causava nele. Talvez em poesia seria assim:

[...] Talvez você se vá antes que o sol levante, mas  
Eu vou te amar como um idiota ama  
Vou te pendurar num quadro bem do lado da minha cama  
Eu espero enquanto você vive  
Mas não esquece que a gente existe

Eu vou te beijar como um idiota beija  
Vou me preparar pro dia em que você já não me queira  
Mas enquanto você não se cansa  
Eu vou te amar como um idiota ama  
Conhecia todos os teus jeitos de trapaça  
Infelizmente eu caí  
Me perdi no centro dessa cara bonita  
É tão difícil de sair  
Mas tudo certo [...]  
(Idiota – João).

Pode não parecer, mas Antônia também conhecia todos os tormentos de uma alma em chamas. Ela não correria esse risco, não agora. Talvez nunca mais.

**Núbia Istela** (Cadeira 37 – Patronesse Aurora Duarte): acredita plenamente que é ao pôr de cada sol bonito que a magia acontece. Filha do Vale das Cancelas, no Norte de Minas Gerais, morou por muitos anos em Salto, no interior paulista, onde se formou em Jornalismo. É autora dos livros *Meias verdades*, *Lívia: a história de nós duas* e *Meu amor, minhas regras*. Idealizadora do projeto literário *Quando eu crescer*, que incentiva crianças e adolescentes à escrita e à literatura. Atualmente, mora em Palmas, no Tocantins. É mestranda em Economia pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) e atua como repórter na *TV Anhanguera*, afiliada da *Rede Globo* no Tocantins. Antes disso, atuou como repórter na *InterTV Grande Minas*, também afiliada da Globo, em Minas Gerais. É membro da ASLe desde 2019.

*“Mas nem tudo se recicla sem  
resistência.”*



**Ruth de Cássia Moraes**

# *Inventário do nada*

*Rose Ferrari*

Ainda era muito jovem quando andei, pela primeira vez, por aquelas ruelas estreitas, cheirando a parafina derretida e envoltas em um silêncio perturbador, um misto de respeito e desolação. Minhas memórias não ajudavam; o local era cercado de misticismo, dadas as histórias que corriam de boca em boca. Uma delas trazia à minha mente a figura do “Ferrinho”, um rapaz que perambulava pela cidade com duas pequenas hastes de ferro nas mãos, sempre batendo uma na outra e falando sozinho.

Diziam que ele ficou assim, doente mental, depois de ter trabalhado na exumação em massa realizada no final dos anos 1950, no Cemitério Velho. Naquele terreno, mais tarde, foram construídas uma escola e uma praça.

— O Ferrinho zombou das caveiras que retirava debaixo da terra, batia uma cabeça na outra e dava risada — contavam as velhas fofoqueiras da cidade.

— É, sim. Foi um castigo das almas penadas — sentenciavam outras.

Não sei se as almas penadas seguiram para o novo cemitério junto com as ossadas, mas o lugar é sempre desagradável. Lá estão enterrados os restos de gente que teve seus sonhos interrompidos, amores ceifados... ódios também! Mas pior do que aquilo que foi coberto de terra é o que está exposto: a mesma divisão de classes, a mesma pretensão de grande importância, a mesma ilusão de que o poder econômico se perpetua.

O cemitério poderia ser a grande linha de chegada, o ponto final, onde todos se igualam. Mas não. Ali, as distinções continuam, esculpidas em mármore, granito rosa e bronze. De um lado, túmulos monumentais, símbolos de um status que insiste em se mostrar. Nomes que exigem ser lembrados, gravados em letras douradas, protegidos por estátuas de anjos, santos e virgens chorosas. Não basta morrer, é preciso seguir sendo venerado. De outra banda, as sepulturas ao rés do chão, revestidas por cimento barato e com nomes pincelados à mão, já prestes a desaparecer completamente.

Lembro-me da primeira vez que parei diante de um desses túmulos grandiosos. A lápide reluzia ao sol canicular, como se ainda disputasse atenção. O nome, gravado em letras pomposas, e os eufemismos vãos de “saúde eterna” nada me diziam. Mas um detalhe me chamou a atenção: um odor mórbido de flores frescas, dispostas ao lado.

Alguém ainda se importava.

A alguns metros dali, caixotes de cimento rachados sequer tinham um nome legível. Nada indicava quem foram aquelas pessoas que um dia viveram, trabalharam, amaram, sofreram. Sua identificação apagava-se aos poucos, como se a própria memória dos falecidos estivesse se desfazendo. Ninguém mais chorava por eles.

Essa necessidade de marcar território mesmo depois da morte é um espetáculo patético. Mas há quem invista nisso. Túmulos reformados, polidos, adornados em datas especiais. Como se fosse possível garantir alguma permanência. Como se o concreto mantivesse vivo quem já virou pó. Mas o tempo... esse não se impressiona com mármore ou metais nobres. O tempo devora.

Diante daquele nada, lembrei-me de histórias que ouvi sobre quando os túmulos do Cemitério Velho foram removidos para dar lugar à escola e à praça. Não foram apenas restos humanos que ganharam outro destino. Sobrou um rastro de entulho — grades arrancadas, ferros retorcidos, janelas metálicas de túmulos antigos. Tudo foi vendido a um ferro-velho: doze toneladas acabaram sobre dois caminhões, rumo a uma siderúrgica em outra cidade.

Mas nem tudo se recicla sem resistência. Quando a carga chegou, os operários se recusaram a tocá-la. Ninguém queria descarregar os caminhões lotados de cruzes enferrujadas e coroas fúnebres de metal. Faziam o sinal da cruz, murmuravam que “aquilo tinha coisa ruim”. O supervisor, furioso, ameaçou demitir quem não obedecesse. Foi só assim que, entre rezas e olhares desconfiados, os trabalhadores descarregaram o ferro. Mas não o misturaram com as outras sucatas. As cruzes foram dispostas num canto, como um exército de soldados vencidos.

Dizem que, vinte anos depois, quando a siderúrgica foi vendida, elas ainda estavam lá. Intactas. Intocadas.

A morte assusta os vivos. A memória do que se foi provoca reações irracionais. E o ferro, que um dia simbolizou respeito e opulência, tornou-se um fardo que ninguém queria carregar.

Foi ali, no novo cemitério, em meio a esses pensamentos e conflitos emocionais, que ouvi o som. Um tilintar metálico, seco, ritmado, como se duas peças de ferro se tocassem.

Meu corpo gelou.

Virei a cabeça, mas não vi ninguém. Apenas o vento fazendo feio uivo e um corvo pousado sobre uma cruz de pedra. O barulho continuava, próximo e insistente.

Lembrei-me do Ferrinho e das histórias que o cercavam. Diziam que, quando ele passava, um arrepio tomava quem estivesse por perto, como se a terra sob os pés se remexesse, inquieta.

Talvez fosse só o vento brincando com minha imaginação. Ou talvez as almas penadas quisessem me advertir de que a morte não apaga tudo. Alguns fantasmas insistem em ficar dentro da gente.



**Rose Ferrari** (Cadeira 38 – Patrono Mário Quintana): é editora. Graduada em Jornalismo, pós-graduada em Português: Língua e Literatura e MBA em Gestão de Mídias Digitais. Já atuou nas áreas de assessoria de imprensa, reportagem, chefia de reportagem e edição de jornais e revistas. Atualmente, dedica-se à edição de livros, sendo proprietária da Editora Mirarte, com sede em Salto, SP. É membro da ASLe desde 2013.

*“A eternidade, se existe, não mora no futuro.”*



**Maria da Graça Pontes Moreira**

# *A anatomia do tempo*

*Marilena Matiuzzi*

Há um tempo em que se crê que tudo há de chegar. O instante exato da coragem. A palavra que fará sentido. O amor em estado de permanência. A reconciliação que não exigirá explicações. Espera-se. Espera-se com a estranha fé de que o tempo, como um pai tolerante, concederá novas chances ao filho que adia.

Mas o tempo não tem rosto, nem clemência. Ele passa.

E quando passa, não é o que levou que nos assombra, mas o que deixou intacto — a promessa não cumprida, o gesto que não veio, a presença que não se soube habitar. O tempo não nos rouba. Apenas mostra que fomos nós que abandonamos a nós mesmos e o que desejávamos.

Entre a pressa e a postergação, a vida se torna um intervalo suspenso. É ali, entre o que foi possível e o que não se ousou, que moram as maiores perdas. E é disso que são feitos muitos dias, daquilo que não se viveu enquanto ainda pulsava.

O engano é antigo. Acreditar que haverá tempo. Haverá tempo para ligar. Para voltar. Para perdoar. Para dizer o que ficou entre os dentes. Para chorar sem testemunhas. Para estar com alguém sem pressa, sem pendência, sem amanhã. E por acreditarmos nisso, entregamos ao “depois” tudo aquilo que só poderia ser vivido no agora.

Mas “depois” pode se transformar em “nunca mais”.

Há mergulhos que não se fazem porque se teme a profundidade. E há verões que terminam com o corpo ainda seco na margem. A vida, quando passa sem ser tocada, deixa resíduos — uma saudade que não se sabe de quê, um nó surdo no meio do dia, uma lembrança de algo que não aconteceu.

Rilke escreveu: “O futuro entra em nós, para se transformar em nós, muito antes de acontecer”. Talvez seja por isso que nos encantamos tanto com o que virá. Carregamos o amanhã no peito como se fosse matéria. E, ao fazê-lo, perdemos o agora — esse tempo diminuto e essencial onde a vida verdadeiramente se manifesta.

A verdade é que ninguém nos ensinou a lidar com o irreversível. Aprendemos a empilhar tarefas, mas não a sustentar presenças. A pronunciar discursos, mas não a nomear silêncios. A organizar o tempo útil, mas não a preservar o tempo vivo.

Fomos ensinados a caminhar em linha reta. Mas a vida nos chega em curvas. Em espirais. Em repetições imperfeitas. E, por não sabermos isso, exigimos da existência uma clareza que ela nunca prometeu. Há momentos em que tudo parece desordenado — não por falta de sentido, mas porque o sentido ainda não amadureceu em nós.

A maturidade consiste, talvez, em aprender a aceitar essa desordem como parte da construção. E a reconhecer que os instantes mais definitivos quase nunca se anunciam. A vida verdadeira é feita de armadilhas suaves, epifanias discretas, movimentos internos que só notamos muito tempo depois.

Há tardes que jamais se repetem. Há vozes que se apagam enquanto ainda ecoam na memória. Há mãos que deixamos de segurar por distração. E quando o tempo passa, não resta arrependimento — resta lucidez. A lucidez que chega tarde e, por isso mesmo, dói mais do que qualquer perda.

Envelhecer não é o acúmulo de aniversários. É o afinamento do olhar. É perceber que não haverá tempo para tudo — e que já não basta viver, é preciso saber o que merece ser vivido. É preciso coragem para fazer essa seleção sem melancolia, sem revolta, sem saudade em excesso.

Há perdas que não se lamentam com lágrimas, mas com um silêncio doído que se instala em certos horários do dia. Não se trata de culpa. Trata-se de constatação. A vida exige urgência nas coisas que realmente importam. Mas essa urgência não tem alarde. Ela se manifesta na delicadeza. No cuidado com o instante. No modo como escutamos alguém pela última vez — sem saber que era a última.

A pior ausência não é a do outro. É a nossa ausência nos próprios dias. Nos instantes em que estávamos ali, mas não por inteiro. Nos momentos em que escutamos, mas não ouvimos. Em que olhamos, mas não vimos. Em que amamos, mas com freio.

É disso que o tempo se alimenta, da nossa metade.

Então, compreendemos — quando já é tarde, quase sempre — que a vida não se mede em conquistas. Mede-se em delicadeza. Em presença. Em disponibilidade real diante do efêmero. Há uma grandeza que mora nos detalhes, mas só a reconhece quem já perdeu tempo demais.

Tudo o que é essencial morre cedo. Ou morre sem aviso. Ou morre vivo dentro da gente, como uma música que não conseguimos mais ouvir, embora saibamos de cor a melodia.

Quem aprende isso em tempo, vive diferente. Fala com mais pausa. Abraça com mais demora. Despede-se com certo cuidado, como quem sabe que talvez não haja volta. Porque, na maioria das vezes, não há. E quando há, já somos outros — e o que voltou não nos reconhece.

O tempo é um escultor invisível. E não esculpe com cinzel. Esculpe com ausência. Ele nos atravessa com mãos vazias e, ao fazê-lo, redefine tudo o que julgávamos importante. Aquilo que parecia urgente torna-se irrelevante. E aquilo que desprezamos — uma tarde com sol, uma conversa sem propósito, uma presença em silêncio — revela-se como o verdadeiro centro do mundo.

Tudo o que escapa da moldura do tempo cronológico — tudo o que não cabe no relógio — talvez seja o que verdadeiramente nos constitui. Somos feitos menos de datas do que de lampejos. De memórias involuntárias. De fragmentos que, por algum motivo, permaneceram em nós quando o resto se apagou.

E mesmo o que se apagou deixa sombra. E mesmo a sombra, às vezes, se torna abrigo.

A eternidade, se existe, não mora no futuro. Mora nas horas que não se repetem. Mora no café que esfriou entre duas frases. Mora no olhar que durou meio segundo a mais. Mora naquilo que soubemos viver sem garantia, sem adiamento, sem covardia.

O tempo não exige grandezas. Exige presença. Exige escuta. Exige que sejamos fiéis ao que é pequeno e essencial, porque é nisso que reside tudo o que dura.

E é isso que o tempo, com sua precisão de luto e beleza, nos pede: que sejamos inteiros. Que saibamos, ao menos uma vez, estar onde estamos. Antes que ele, com seus dedos invisíveis, nos transforme em ausência — e nada mais.

**Marilena Matiuzzi** (Cadeira 39 – Patronesse Cora Coralina): é advogada há 40 anos, com pós-graduação em Direito Constitucional e Direito Processual Civil, além de especialização em Direito Civil, Direito da Mulher e Direito de Família. Psicanalista, poeta e cronista, foi vereadora e ocupou cargos públicos em Salto, sua cidade natal. Membro da ASLe desde 2012, é atualmente sua presidente.

*“A caridade é a maior de todas as virtudes.”*



**Maria Luiza Pessoa Felix**

# *Sociedade de São Vicente de Paulo: valioso patrimônio de Salto*

*João Marcos Andrietta*

*“O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha. Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor. O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” (Coríntios I, 13, 4-7).*

A Sociedade de São Vicente de Paulo (SSVP) foi fundada em nossa cidade no ano de 1917. Portanto, uma entidade beneficente mais que centenária, isto é, valioso patrimônio de Salto.

Nesse sentido, convém lembrar que o significado de patrimônio é o conjunto dos bens, direitos e obrigações de uma pessoa ou empresa. Mas tal definição não se limita aos aspectos materiais, visto que se amplia, pois abrange outra dimensão do comportamento humano, ou seja, o que é considerado herança comum, transmitido de uma geração para outra, com valor e importância reconhecidos, que deve ser protegido e preservado.

Desse modo, a história da SSVP de Salto se renova de geração em geração, preservando seu valor, que é a prática da caridade, e protegendo sua maior herança, qual seja, a credibilidade junto à população saltense pelos relevantes serviços que sempre prestou — e presta — à comunidade local.

Nessa perspectiva, as Consócias Vicentinas e os Confrades Vicentinos se empenharam — e se empenham — na busca da promoção humana das pessoas em estado de vulnerabilidade social, se atualizando continuamente às novas formas de pobreza que atingem o povo saltense.

Por isso, a SSVP de Salto é reconhecida como verdadeira promotora do bem comum na multiplicidade dos tipos de auxílios que os Vicentinos podem oferecer, visando amenizar as carências, sobretudo das famílias em condição de miséria.

Dessa maneira, os Vicentinos Saltenses acolhem e ajudam os mais necessitados há 108 anos, prioritariamente com alimentos, cumprindo o conselho de Jesus: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mateus 14, 16). Assim, depois dos pobres estarem saciados, as Consócias e os Confrades se dedicam, intensa e persistentemente para atenuar a pobreza espiritual de quem vive sem ter a presença de Deus.

Vale a pena destacar, “que a caridade é a maior de todas as virtudes (Cfr. Coríntios I 13, 13) e a sua prática se caracteriza como a melhor evidência do seguimento de Jesus Cristo” (Andrietta, 2018a). Por isso, os Vicentinos Saltenses sempre tiveram – e têm — “o privilégio de vivenciar a experiência concreta do contato pessoal com os pobres, podendo ter a oportunidade de realizar o ato sublime de santificação, tanto de si próprios, quanto das pessoas socorridas” (*Ibid.*).

Por essa razão, os Vicentinos Saltenses entenderam — e entendem — que:

A missão atribuída aos seguidores dos ideais de Frederico Ozanam requer a plena conscientização de que o exercício da caridade tem de ser desempenhado de modo transformador, isto é, toda ação dos Confrades e das Consócias deve ter o objetivo primordial de causar uma mudança significativa na vida de quem está carecendo dos cuidados da SSVP. Dessa forma, as condições de provocar transformações na existência do próximo são ilimitadas, bastando se inspirar no carisma de São Vicente de Paulo, que foi “inventivo ao infinito. (*Ibid.*)

Então, para todos os Vicentinos o verdadeiro e insubstituível modelo do que é, de fato, um ideal está marcado na história de Frederico Ozanam ao fundar, com seus Companheiros – a SSVP, em 1833 na França. Assim, convém recordar:

O que moveu esse homem na busca do seu ideal. Sabemos, pelos registros históricos, que Frederico Ozanam sofreu séria provocação de outro intelectual ao ser questionado: “De que adianta a fé, sem obras?”. Tal indagação inflamou o coração de Ozanam a ponto de suscitar o ideal que desencadeou a fundação da SSVP ao lançar o clamor: “Vamos aos Pobres!”. Bastou essa atitude para que Ozanam firmasse a sua liderança

e ganhasse a confiança dos seus primeiros seguidores, que de imediato se mobilizaram na direção e em socorro dos pobres com o propósito de realizarem o gesto concreto de caridade que deu início nas ações dos Vicentinos visando “aliviar a miséria corporal e espiritual” dos empobrecidos. (Andrietta, 2018b)

Os Vicentinos Saltenses em todo tempo souberam — e sabem — que a vocação vicentina tem como principal motivação a missão de “aliviar as misérias [...] espirituais dos pobres”. Certamente, foi — e é — com o exercício constante do ensino da Palavra de Deus, que Consócias e Confrades conseguiram — e conseguem — evangelizar os menos favorecidos, cumprindo fielmente a vontade do Senhor na plenitude e a exemplo do anúncio de São Paulo, que pregou: “Porque evangelizar não é glória para mim, mas necessidade. Ai de mim se não evangelizar” (Coríntios I, 9, 16).

Entretanto, os Vicentinos da SSVP de Salto nunca se deram por satisfeitos apenas em se aproximar das pessoas carentes de Deus para evangelizá-las. Mas compreenderam — e compreendem — que:

É fundamental amar os pobres, porque nesta atitude se estrutura a essência da vocação vicentina. Assim, o verdadeiro testemunho dos vocacionados para o serviço junto aos mais necessitados consiste no amor incondicional, mirando o resgate da dignidade dos que sofrem. (Andrietta, 2018c)

O histórico da SSVP Saltense registrou — e registra — uma profusão de exemplos edificantes de Consócias e Confrades que compartilharam — e compartilham — suas aptidões em benefício dos pobres, pois assumiram o valoroso encargo de partilhar os talentos que receberam, generosamente, do Senhor ao serviço daqueles que sofreram — e sofrem — pelas causas da pobreza, tanto corporal, quanto espiritual.

Diante dessa realidade, todos que buscaram — e buscam — seguir os ideais de Frederico Ozanam foram — e são — designados para a missão admirável de apoiarem as suas ações no fato singular de porem seus preciosos talentos em comum, visando melhorar a situação de aflição dos pobres. (Andrietta, 2019a)

É apropriado dar testemunho que os Vicentinos Saltenses foram — e são — felizes.

Contudo, o verdadeiro significado da felicidade de ser Vicentino não tem nenhum sentido material, pois está ligado a uma condição de “alegria da alma”, em virtude da realização de um gesto concreto orientado para o bem do próximo, ou seja, é fato espiritual e sublime, proporcionado pela graça da vocação vicentina, concedida por Deus. (Andrietta, 2019b)

Nesse horizonte:

O itinerário da vida dedicada aos pobres é norteado na busca — infatigável — de fazer o bem a quem está subsistindo em condições precárias. Dessa realidade palpável, surge de forma natural a felicidade, porque tal sentimento só pode acontecer a partir de uma atitude sincera e fundamentada no amor. Portanto, se não há amor no exercício da vocação vicentina, também não há felicidade. (*Ibid.*).

No entanto, para experienciar o estado de felicidade completa, a primeira atitude dos vicentinos visando “aliviar os sofrimentos dos pobres” é a disposição de sair ao encontro de quem padece, ou como nos ensinou o Beato Frederico Ozanam em seu perene clamor: “Vamos aos pobres”. Aliás, nesse aspecto, podemos fazer melhor, ou seja, buscar encontrar Jesus na vida dos que estão sofrendo, isto é: “[...] reconhecer Cristo que sai ao encontro dos nossos irmãos, os homens” (e as mulheres) (Escrivá, 1976). Por isso, se conseguirmos atingir a condição da plenitude mencionada, como consequência, no Juízo Final, ouviremos Jesus nos chamar, dizendo: “Vinde, benditos de meu Pai... Porque tive fome e me destes de comer... Tive sede e me destes de beber... Estive nu e me vestistes...” (Mateus 25, 31-40).

É aí que:

Se situa a Sociedade de São Vicente de Paulo, visto tratar-se de uma associação de leigas e leigos católicos, cujo objetivo firma-se em “aliviar as misérias corporais e espirituais dos pobres”, sendo que essa sublime tarefa — se realizada de modo exemplar — possibilita duplo efeito:

amenizar as carências e resgatar a dignidade dos pobres; e a garantia da salvação dos Vicentinos. (Andrietta, 2020)

Frente a essas circunstâncias, vale a pena enfatizar que:

As obras de misericórdia, além do alívio que trazem aos necessitados, servem-nos para melhorar as nossas próprias almas e as dos que nos acompanham nessas atividades. Todos experimentamos que o contato com os doentes, com os pobres, com as crianças e os adultos famintos de verdade, constitui sempre um encontro com Cristo nos seus membros mais fracos ou desamparados e, exatamente por isso, um enriquecimento espiritual: o Senhor entra mais intimamente na alma daquele que se aproxima dos seus irmãos pequenos, movido não apenas por um simples desejo altruísta — nobre, porém ineficaz do ponto de vista sobrenatural — mas pelos mesmos sentimentos de Jesus Cristo, Bom Pastor e Médico das almas (Portillo, 1987).

Nessa mesma perspectiva — das obras de misericórdia —, está inserida a SSVP, que mantém a sua razão de ser sempre atualíssima, porquanto:

[...] obras de amor — serviço — têm também uma ordem precisa. Já que o amor leva a desejar e a procurar o bem daquele a quem se ama, a ordem da caridade deve levar-nos a desejar e procurar principalmente a união dos outros com Deus, pois nisso está o máximo bem, o definitivo, fora do qual nenhum outro bem parcial tem sentido. (Oscáriz, 1979)

Portanto: “Se eu não me aproximo daquele homem, daquela mulher, daquela criança, daquele idoso, daquela idosa que sofrem, não me aproximo de Deus” (Papa Francisco, 2013).

Mas também é relevante lembrar que, neste ano, a Igreja Católica celebra o *Jubileu da Esperança* com muitas atividades, motivando os cristãos do mundo inteiro a vivenciarem, concretamente, a segunda virtude teologal, proporcionando ao próximo o bem inefável da esperança. E nesse contexto:

Podemos afirmar que os Vicentinos são verdadeiros “portadores da esperança”, sobretudo para os pobres, pois quem segue as aspirações de Frederico Ozanam foi – e está – nomeado, tendo a atribuição de “carregar” a esperança aos empobrecidos, ou melhor, recebeu a importante tarefa de “conduzir” os mais necessitados na perspectiva de que algo de bom se concretize em suas vidas. Desse modo, os Vicentinos foram – e continuam sendo – “enviados” pelo Senhor, sabendo da insubstituível missão de evangelizar os pobres, isto é, de levar a eles a autêntica esperança: a Palavra de Deus. (Andrietta, 2018d).

Eis o que os Vicentinos Saltenses fizeram — e fazem — com inigualável caridade!

Por fim, cabe ressaltar que, levando em conta a história da SSVP de nossa cidade, aqui exposta, é imprescindível preservarmos esse valioso patrimônio de Salto. Assim seja!

De que adianta, meus irmãos, alguém dizer que tem fé, se não tem obras? Acaso a fé pode salvá-lo? Se um irmão ou irmã estiver necessitando de roupas e do alimento de cada dia e um de vocês lhes disser: "Vá em paz, aqueça-se e alimente-se até satisfazer-se", sem lhe dar nada, de que adianta isso? Assim também a fé, por si só, se não for acompanhada de obras, está morta. (Tiago 2, 14-17).

## Referências

ANDRIETTA, J. M. A prática da caridade. Publicado na coluna bimestral Temas Vicentinos. **Boletim Brasileiro** (SSVP – CNB), jan./fev. 2018a.

ANDRIETTA, J. M. O ideal vicentino. Publicado na coluna bimestral Temas Vicentinos. **Boletim Brasileiro** (SSVP – CNB), mar./abr. 2018b.

ANDRIETTA, J. M. Amar os pobres. Publicado na coluna bimestral Temas Vicentinos. **Boletim Brasileiro** (SSVP – CNB), set./out. 2018c.

ANDRIETTA, J. M. Vicentinos portadores da esperança. Publicado na coluna bimestral Temas Vicentinos. **Boletim Brasileiro** (SSVP – CNB), jul./ago. 2018d.

ANDRIETTA, J. M. Partilhar os talentos. Publicado na coluna bimestral *Temas Vicentinos*. **Boletim Brasileiro** (SSVP – CNB), set./out. 2019a.

ANDRIETTA, J. M. A felicidade de ser vicentino. Publicado na coluna bimestral *Temas Vicentinos*. **Boletim Brasileiro** (SSVP – CNB), jul./ago. 2019b.

ANDRIETTA, J. M. Aliviar os sofrimentos dos pobres. Publicado na coluna bimestral *Temas Vicentinos*. **Boletim Brasileiro** (SSVP – CNB), mar./abr. 2020.

ESCRIVÁ, S. J. **É Cristo que passa**: homilias. 2. ed. São Paulo: Quadrante, 1976.

FRANCISCO, Papa. **Evangelii gaudium**: sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

OCÁRIZ, F. **Amor a Deus, amor aos homens**. 4. ed. Madrid: Palabra, 1979.

PORTILLO, Á. del. Carta n. 30, 31 de maio de 1987.

**João Marcos Andrietta** (Membro Honorário): é saltense, casado, pai de duas filhas e avô. Confrade vicentino há 50 anos, integra as Equipes de Nossa Senhora desde 1998, é afiliado à Congregação da Missão (CM) e consagrado à Aliança da Misericórdia. Técnico químico, graduado em Administração, pós-graduado em Gestão de Processos Industriais e mestre em Engenharia de Produção. Foi empresário do setor da borracha por 26 anos. Autor de quatro livros e três volumes da revista *Esperança na Dor*, é membro honorário da ASLe. Desde 2009, vive com esclerose lateral amiotrófica (ELA).

